

REVISTA DA SEMANA

N.º 7

Cr\$ 2,00 em todo o Brasil

14-2-43



Quando alguém contemplar esta cena em qualquer região

brasileira, aposte no futuro dos que ali vivem! Pois as estradas levam

um amanhã melhor para as cidades e os homens a que servem.

E você, cidadão, sempre que vir os semeadores de estacas — empós

das quais seguirá a faixa pardacenta do asfalto — preste-

lhes o seu auxílio. Pois é um orgulho - e a

ELES FAZEM APOSTAR NO FUTURO!

Standard Oil o afirma em conhecimento

de causa — auxiliar os que, marcando

caminho para as estradas, traçam o próprio rumo do Brasil!

**Trabalhando
com ESSO,
Brasil afora!**



Em todo o mundo, tem ficado provado que o asfalto é o tipo de pavimentação mais econômico para quem constrói e conserva estradas, e para os que transitam sobre elas. (No mapa ao lado do oval, o Plano Rodoviário Nacional).

★ **STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL** ★

McCann

A REVOLUÇÃOZINHA DE PITANGUI

SÃO laboratórios de revoluções os países da América do Sul. E raros têm tido tantas como o Brasil. Têm-as para todos os gostos, umas cheias de ideais, outras sem idealidade alguma; umas que duram longamente, outras que não duram nada; umas sangrentas, outras brancas, e até as que, em vez de acabar ensopadas em sangue como é da própria dignidade das revoluções, acabam em gargalhadas. E são tantos os movimentos revolucionários no nosso país que alguns deles vivem esquecidos. Para examá-los é preciso andar a gente pelos belchiores da história, lá onde se guardam as coisas insignificantes e onde se encontram os objetos imprestáveis. E às vezes são eles tão liliputianos e tão microscópicos que se tem acanhamento de lhes dar o qualificativo de movimentos revolucionários, de revolta, de sublevações e até mesmo motins. Só lhes fica bem o qualificativo de arruaças.

No gênero de revoluções liliputianas está aquela que Domingos Rodrigues Prado deflagrou na vilazinha de Pitangui, em Minas Gerais. No ano de 1720 a terra mineira não se ensanguentou apenas com a rebelião de Felipe dos Santos. Ensanguentou-se com outra agitação e essa de menor vulto e quase inteiramente esquecida pela história. E' o motim (não se lhe pode dar outro qualificativo) da vila de Pitangui que aquele famoso sertanejo paulista Domingos Rodrigues do Prado chefou com a sua fortuna e com a sua arrogância.

A diferença entre as duas agitações é profunda. A de Felipe dos Santos termina pelas cenas emocionantes de uma grande tragédia que as crônicas vêm registrando através de dois séculos como um dos mais belos lances da história liberal do país. A outra conclui por um episódio de franca hilaridade, que poderia figurar maravilhosamente na pachouchada de um entremês.

O governo agitado do conde de Assumar havia criado o estanco da aguardente. A medida desperta rufes hostis em toda Minas. Mas são rumores medrosos, abafados, que não chegam aos ouvidos sensíveis das autoridades. Domingos Prado é o potentado de Pitangui. Tem dinheiro, tem homens e tem audácia. E tem interesses que o estanco morra no nascedouro. Em derredor do seu prestígio pouco a pouco se reúnem os prejudicados.

As autoridades, por toda a parte, vão impondo os rigores do estanco. Chega a vez de Pitangui. Domingos do Prado está à frente de homens que confiam na sua audácia, esperando que ele os salve das garras da prepotência governamental. E é justamente quando as autoridades começam a executar a lei que o potentado dá o grito da rebelião. O seu primeiro passo é um recado ao juiz ordinário João Lobo de Macedo. O recado é um mandado de despejo.

Domingos Prado exige que o juiz desocupe a casa em que mora e que se retire da vila. A situação do pobre magistrado é triste; se desobedecer morre, se quiser resistir não terá forças para isso. O remédio ali é sair da vila.

Justamente naquela época o conde de Assumar acabava de receber do reino uma companhia de dragões. Ao saber da notícia da insubordinação, envia a soldadesca ao encalço de Domingos do Prado.

O conde, ao que parece, não tinha grande confiança nos seus soldados portugueses. Novatos na terra mineira, com facilidade caíam nas teias das emboscadas que os naturais costumavam armar contra os inimigos. Assumar reforça a companhia de dragões com os auxiliares nativos de Sabará e de Caeté.

Domingos do Prado era na verdade um homem valente que não temia caretas nem mesmo quando elas eram do governador e vinham escudadas por tropas bem municiadas. Ao saber que as forças caminhavam ao seu encontro, poupa-lhes o trabalho da viagem, indo surpreendê-las no meio do caminho. O choque dá-se fora da vila. Houve, dizem as crônicas, rijo combate e grande mortandade de lado a lado. Domingos do Prado não tinha combatentes para resistir às numerosas tropas legais. E habilmente se retira para o sul do rio Pará e fortifica-se na localidade denominada Capela que, depois, se chamou arraial da Conceição.

A legalidade tomou conta da vila de Pitangui. O ouvidor do Rio das Velhas veio até a vila, abriu a devassa e acabou condenando à força o chefe da sedição. Mas Domingos do Prado não estava na vila, nem ninguém seria capaz de lhe pôr a mão. Naquele tempo havia o ridículo das execuções em efígie. A efígie do sertanista paulista foi levada à força e na força executada.

Estava Domingos do Prado na Capela, quando soube da farsa do seu suplicio. Mandou lavar madeira e ergueu um cadafalso. Depois ordenou que se fizesse um boneco como essas figuras picarescas de sábado da Aleluia, o mais parecido possível com a pessoa do ouvidor do Rio das Velhas, juntou as populações dos arredores e enforcou o boneco.

Durante a caricata execução, o povo, dizem os narradores, saudava o "mártir" com gritos, gargalhadas e vaias.

E assim terminou aquela revoluçãozinha, ou melhor, aquela arruaça da vila de Pitangui, que a história, no ano de 1720, registrou ao lado da trágica rebelião de Felipe dos Santos.

Por VIRIATO CORRÊIA (Especial para REVISTA DA SEMANA)

NESTE NUMERO

Sumário

COLABORAÇÃO:

"A revoluçãozinha de Pitangui" (Viriato Correia)	3
Reportagem especial de Carnaval:	
Os préstitos	6/7
O baile do Municipal	8/10
O carnaval não morreu	11/14
O carnaval da gente de teatro	15/19
O carnaval da gente de rádio	20/23

CINEMA:

O incrível Mickey Rooney (Luís Serrano)	26/29
---	-------

BIOGRAFIA:

A vida de Tchaikovsky (Henry Thomas e Dana Lee Thomas)	31/32
--	-------

CONTOS:

A história de Margarida (Lúcia Benedetti)	24/25
O bloco (Raquel Crotman)	34

CARICATURA:

Bom humor	41
---------------------	----

SEÇÕES PERMANENTES:

A Semana em Revista	4
O Mundo Marcha	5
Gente de Rádio	40
Nos bastidores femininos	35
Música	30
Modas	36/39

SUPLEMENTO DA MULHER:

Nos bastidores femininos (Kitty)	35
O espírito feminino através dos tempos	36
A personalidade da semana (Yvonne Jean)	37
Muro das lamentações	38
Mães e filhos (Zóia de Laet)	39

FOLHETIM:

"Um porto remansoso" (Olive Higgins Prouty e George Tetzl)	49/50
--	-------

ILUSTRAÇÕES:

Armando Pacheco, Armando Moura e Anna Zagorska.

NOSSA capa

Apresentamos em nossa capa

hoje a graciosa atriz Marguerite Chapman, ex-telefonista de Nova York, que se fez modelo e, em seguida, atraiu a atenção de um agente de artistas que lhe ofereceu um contrato cinematográfico. Desde então ela tem pertencido ao elenco da Columbia, onde apareceu em filmes como "Destroier", "Alma Russa", "Meu reino por uma cozinheira", etc. Miss Chapman continua a atuar com grande êxito nos filmes da Columbia.



asemana EM REVISTA

PER OMNIA SECLA SECULORUM...

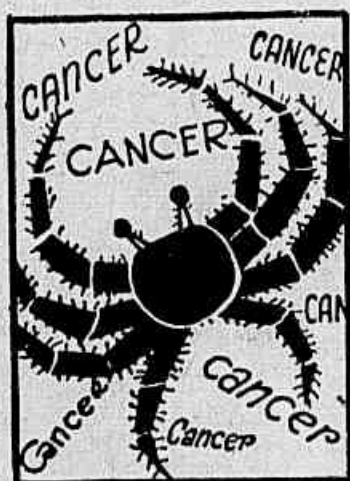
21-11-1948



Ao dormir, o carioca acrescenta agora no final das orações. "Meu Deus, fazei que a ação dos "comandos sanitários" perdure por todos os séculos, seculorum, amem!..." Este apelo é justíssimo. Cada vez que se abra um jornal encontraremos a mesma notícia sobre a visita dos comandos. Em dez restaurantes, ou botequins, nove são multados por não estarem correspondendo às elementares obrigações de higiene. Louça rachada ainda em uso, latas enferrujadas servindo de panelas, alimentos expostos à poeira e às moscas, baratas percorrendo todos os recantos, enfim, tudo o que pode haver de nojento existe nas cozinhas e copas da maioria dos cafés e restaurantes cariocas. Isso continuaria indefinidamente se não fosse a lembrança que, em boa hora, teve a Prefeitura de iniciar uma ação energética contra esses abusos criminosos dos gananciosos comerciantes. Mas não vamos falar aqui sobre esse fato que lemos diariamente nos jornais. Queremos chamar a atenção para a negligência dos proprietários dos restaurantes autuados. A campanha dos "comandos" já se estende por quase dois meses ininterruptos e, apesar das manchetes da imprensa, o que se vê? Cada restaurante visitado apresenta a mesma falta de higiene dos que foram multados ontem, ante-ontem, um mês atrás. Nenhum dos proprietários toma a

menor providência, mandando limpar a sua cozinha, resguardar os alimentos, pôr em desuso a louça condenada. Intoxicam o povo até à última hora. Até o dia em que os homens da Prefeitura entram portas a dentro. Esse desprezo por medidas preventivas, o desleixo por precauções que poderiam ser tomadas, pois todos eles sabem o que está sujo e imprestável no seu negócio, mostra bem o grau de sua consideração pelos fregueses. Não têm nenhuma. O freguês come o que estiver estragado, rançoso, misturado com baratas e que se agiente. Um desses "tubarões" ao ser autuado declarou: — "Mas doutor! O fígado está estragado, está! Em compensação é mais barato que no restaurante da esquina!" Este cinismo não é atitude, está na massa do sangue e só diminuirá com muitas pesadas, rigor e honestidade da fiscalização. O dono do restaurante "Sereia", à avenida Presidente Vargas, 3752, ao ver o seu antro de imundície devassado pelos beneméritos "comandos" desculpou-se: — "Doutor, a sujeira é muita, mas o preço da refeição é módico. Por quatro cruzeiros tem que ser isso!..." Este é o espírito que domina a maioria dos negociantes de casas de pasto e de bares com refeições à minuta no Rio. Até que tal estado de coisas se normalize e possamos contar com restaurantes limpos e decentes, vai demorar muito. Talvez dois, três, cinco, dez anos. Que dure a fiscalização enquanto o mundo for mundo e os restaurantes do Rio continuarem como estão. O que nós pedimos em nossas orações é que não termine a ação dedetizante e moralizadora dos "comandos sanitários". Que ela continue energética e honesta por todos os séculos, seculorum, amem.

NOVAS ESPERANÇAS PARA A HUMANIDADE



Um telegrama de Lyon, publicado há dias pela nossa imprensa, noticiava que um médico ali residente, o dr. Grameau, da Faculdade de Medicina de Paris, enviou àquela faculdade de medicina um memorial, resumindo seus trabalhos, sobre o câncer e sua terapêutica. Segundo o dr. Grameau, o câncer provocado pela combinação de duas toxinas, segregadas por dois parasitas distintos, a "ascarie lombricoide", que vive habitualmente no corpo humano e a "elascaris folis", outro verme minúsculo, que, provavelmente, é transmitido ao homem pelos cães e gatos. O produto tóxico assim formado, o ácido sulfotórmico, diminui a permeabilidade das células dos capilares de nove décimos. Assim, as numerosas células privadas, de revitalização pela atrofia dos vasos

sanguíneos, são asfixiadas, ou constringidas a viver sobre elas mesmas, o que resulta já um mal para o organismo. Tais células se desgarram dos capilares e se insinuam no ambiente são de outra parte do corpo. Desde então, diz o dr. Grameau, é suficiente um ligeiro encurtamento dos capilares a um ponto qualquer para que esta célula seja bloqueada. Submetida, então, à ação da toxina do câncer, que transforma o magnésio do núcleo celular em cálcio, ela determina um tumor. Tumores secundários aparecem, então, em diversos pontos, pelo mesmo processo. Afirma o dr. Grameau estar terminando uma anti-toxina, cuja eficácia é total não somente para os doentes submetidos a intervenções cirúrgicas, ou tratamentos de Raios-X como também nos outros casos. E' isso o que noticia o telegrama a que aludimos. Estará o dr. Grameau com a verdade? Resultará realmente de suas experiências a cura do câncer? Ou será mais uma ilusão? De qualquer modo, essa notícia reacende novas esperanças para a humanidade.

UM HOMEM DE ESTADO FAZ A DEFESA DE UM PEQUENO ESPORTE...



esporte, e, aos olhos dos amigos que não tinham muito tempo para praticá-lo, transformei-me numa espécie de perito. Sei que muita gente considera o "croquet" coisa um tanto maricas — mas garanto que é jogo dos mais científicos. Se o jogador não se concentrar a fundo, jamais terá êxito. Durante quatro ou

cinco vezes em cada temporada sempre me acontecia fazer o percurso completo do campo sem uma só parada. Eu costumava deixar que dois ou três dos outros jogadores comessem antes. Então começava eu, partindo da primeira estaca, pegava os adversários e muitas vezes acabava por eliminá-los da partida. Uma vez, Harry McBride, ex-oficial do meu gabinete e depois administrador da National Art Gallery de Washington, trouxe-me um "crack", apresentando-o apenas como velho amigo seu. Só depois vim a saber que se tratava do campeão de "croquet" de certa região dos Estados Unidos. No entanto, a vitória foi minha, provavelmente por não ser o terreno familiar ao campeão. Não era frequente poder eu jogar uma partida inteira sem alguma interrupção. As vezes aparecia Stimson para me falar. Outras vezes eram telefonemas urgentes do Departamento ou mesmo do presidente. Ainda outras vezes chegavam funcionários do Departamento com documentos que eu devia examinar e assinar para que eles os fossem deixar no escritório antes de fechá-lo. O "croquet" me beneficiava grandemente por afastar meu espírito do trabalho e por me levar ao ar livre e ao sol. No entanto, à medida que, nos últimos anos em que chefei o Departamento de Estado, o trabalho foi minando mais e mais minhas energias, exigiu meu médico que eu fosse diminuindo o número de partidas — o que há de servir para provar que o jogo requer esforço muito maior do que se pensa."

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário: R. MAGALHÃES JUNIOR

ANO XLVII — N.º 7 — 14-2-48

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa Cr\$ 2,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 2,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447;

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5603

Corrs. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 142

EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 — Tel. 4-1569; — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 612, 3.º andar — Sala 217

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

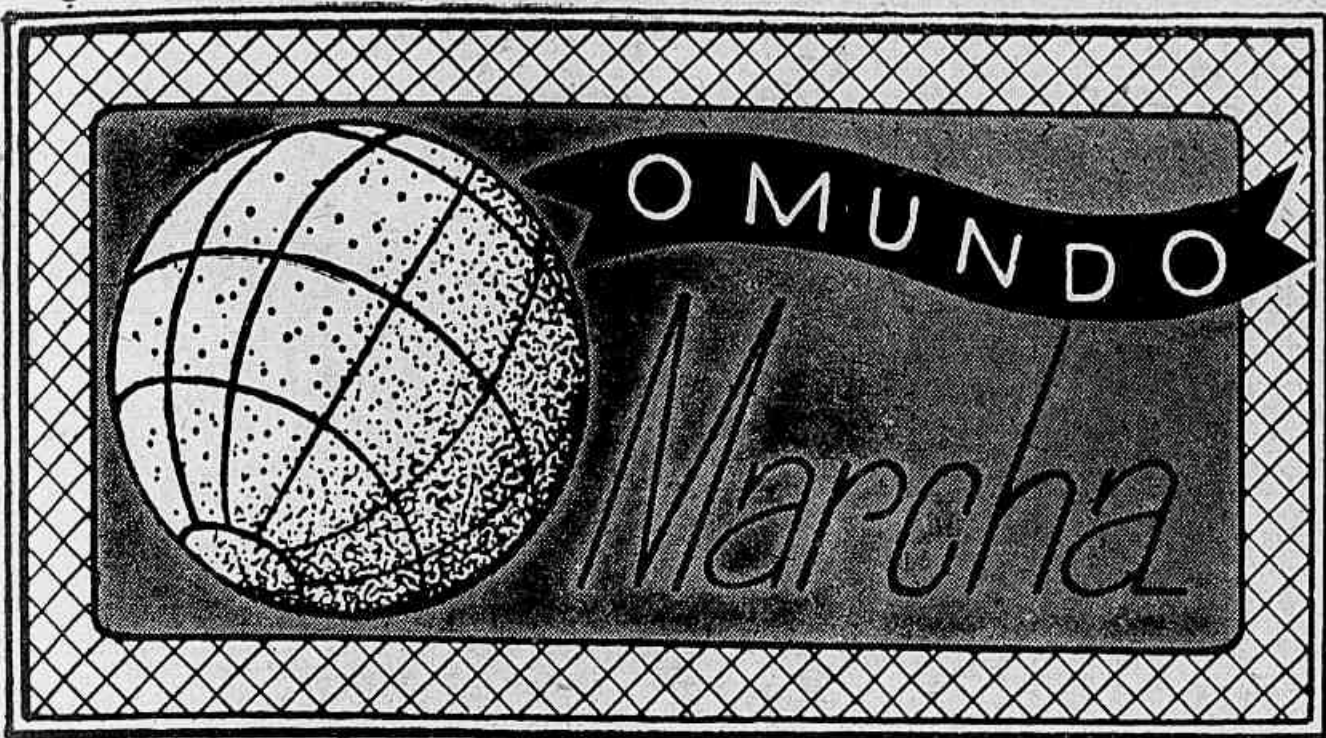
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyentes, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 32 — Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela conservação do original, mesmo quando não publicados



O presidente dos Estados Unidos, Harry Truman, teve uma atitude desasombrada pedindo ao Congresso leis especiais proibindo o linchamento de negros e "quaisquer outras discriminações raciais". Os democratas do Sul, onde tais barbaridades são usualmente praticadas, protestaram imediatamente contra a abolição e ameaçaram retirar seu apoio à reeleição de Truman. A honorabilidade do presidente está em choque. Vamos ver se ele topa a parada e deixa um rastro luminoso de sua passagem pela Casa Branca... Foi julgado em Berna o casal suíço que atirou tomates contra Eva Peron, quando esta ilustre dama visitou aquele país no ano passado. O magistrado classificou a ofensa de "conduta mal parecida" e multou-os em cinquenta francos suíços... Graves acusações pesam sobre o Instituto de Marítimos, acusado de não prestar assistência mínima aos seus segurados. Um repórter de "O Globo" que o visitou ficou estarecido. Lá dentro fazia-se de tudo, menos trabalhar... Uma notícia desconcertante. A Rússia, acusada por quase todos os países, principalmente pelos totalitários e os que para isso se encaminham, de estar em vias de conflito armado com os Estados Unidos, acaba de solicitar a este país novo crédito de onze bilhões de dólares, de acordo com a Lei de Empréstimos e Arrendamentos. Ou a América pretende financiar o seu próprio inimigo, ou o histerismo de guerra próxima é pura arma secreta de governos fascistas... Os "comandos sanitários" continuam a benemérita campanha de profilaxia dos restaurantes. Entre os últimos multados por falta de higiene figuram o "Bar Nacional", o "Lido" e o restaurante do Club Ginástico Português. O doutor Capriglione, chefe da campanha, foi ameaçado de morte e, ao que se noticia, alguns negociantes pretendem iniciar uma campanha de difamação contra os "comandos". Será difícil conseguir algum jornal que se coloque contra o povo... Faleceu à semana passada a ilustre escritora dona Amélia de Rezende Martins. A autora de "História da Música" esteve em foco há pouco tempo em uma reportagem desta REVISTA, a respeito de uma pretensa continuação da história "E o vento levou", de Margaret Mitchell, que a escritora patricia pensara em levar a efeito... Uma nota de pesar nos meios teatrais foi o suicídio do velho ator e ensaiador Eduardo Vieira, diretor da Companhia Eva Todor. Vítima de moléstia incurável, atirou-se do quarto andar do Hospital do Servidor Público, onde estava internado... Ao que tudo indica, o senhor presidente da República, que vetou há pouco tempo o salário mínimo dos jornalistas, aprovará o decreto que trata do aumento de salário dos militares e do funcionalismo público... A delegação do Comité superior Árabe junto à Onu declarou que os soviéticos "tencionam infiltrar um milhão e meio de agentes comunistas na Europa Ocidental e Oriente Médio talvez com o auxílio do sionismo que "concluiu um acordo com a URSS e é agora aliado secreto do comunismo. Que mundo confuso meu Deus!... A Argentina está reivindicando territórios antárticos, atualmente em poder dos ingleses e norte-americanos. Segundo o "Times" a Argentina tem pouco fundamento em leis para reivindicá-los, Perón, entretanto, é enérgico e saberá conquistar mais essa vantagem para os argentinos... Anuncia o "Daily Worker" que o Brasil vai importar filmes japoneses. Os de fora sabem mais que os de casa. Afinal, para que nos servirão películas nipônicas?... Diz um telegrama de Buenos Aires que está havendo "epidemia de honradez" na Argentina e cita vários exemplos extraordinários. Ao que sabemos vários "tubarões" nacionais já se vacinaram para se imunizarem contra esse "perigo"... Henry Wallace que se candidatou à presidência dos Estados Unidos com o seu Partido Trabalhista, perdeu sete milhões de votos com a oposição à sua eleição pela Federação Americana de Trabalho, que reúne mais de sete milhões de associados... A rainha Guilhermina proclamou o fim do colonialismo no império holandês. Todas as suas possessões tornar-se-ão, desde já, mais ou menos independentes... A escultora Bashka Paef procurou inutilmente entre os "glamours-boys" de Hollywood o modelo do homem ideal. Não o encontrou. Prosseguindo na busca elegeu o general Dwight Eisenhower como "o homem mais bonito dos Estados Unidos". Em sua opinião ele é "todo homem. Tem o porte de atleta e o encanto de diplomata". Diga-se de passagem que o general Eisenhower tem mais de sessenta anos... Na industrialização da América Latina, a Argentina receberá noventa por cento do equipamento e o Brasil apenas cinco por cento. De nada valerão Montese e Monte Castelo se não houver honestidade e força moral nos homens que governam este país... Continuam os atentados contra a imprensa livre. O jornalista Wagner Cavalcanti foi preso e espancado por policiais no Largo da Carioca porque divulgara no seu jornal uma acusação contra o senhor Acúrcio Torres, ouvida de um deputado. Na Paraíba foi fechado o "Diário do Estado" porque o seu diretor não se submeteu à exigência de censura prévia que a polícia pretendia fazer... Requereu falência o Banco Metropolitano do Brasil com um passivo de onze milhões de cruzeiros. Muitos outras arapucas abertas durante a inflação do Estado Novo estão caminhando para o mesmo fim, prejudicando a milhares de depositantes... O Brasil vai realizar pesquisas sobre energia nuclear. Para isso adquiriu nos Estados Unidos um poderoso betatron. Ótimo! Em vez de pão, leite e outros comestíveis vamos nos alimentar de átomos de urânio à milaneza... O deputado Vivaldo Lima não foi atendido pelo presidente da Câmara dos Deputados no seu direito de conhecer a prestação de contas do milhão de cruzeiros gastos no Plano de Valorização da Amazônia. Dizem que houve sujeira grossa com a "gaita" e o senhor Samuel Duarte empurrou o deputado para o Tribunal de Contas. O deputado Vivaldo Lima, vá até o fim do mundo, mas descubra em que foi gasto o dinheiro do povo... O senador Mario Ramos apresentou um projeto, visando congelar os salários a partir de mil cruzeiros. Será congelado também o dinheiro dos senadores? O ano passado foi "record" em apreensões de contrabandos no Cais do Porto. Só nos leilões das mercadorias apreendidas foi apurado um total de quase um milhão de cruzeiros... Em Londres causou pânico o boato de que o cruzeiro seria desvalorizado. No Rio a notícia do boato causou regozijo. Ninguém sabia que o cruzeiro estava valorizado... A polícia de São Paulo iniciou a apreensão de livros que preguem a idéia comunista. Entre outros foi retirado da circulação o panfleto do escritor Monteiro Lobato, editado há pouco, "Zé Brasil". A polícia de São Paulo está com saudades de 1937... Por hoje é só... até sábado.

Estômago Sujo

As vezes, sem saber porque, sente-se de repente grande abatimento geral, aborrecimento, moleza, indisposição profunda, mal-estar em todo o corpo, preguiça para fazer qualquer esforço, até dores e peso no estômago, na cabeça e no ventre; enfim não se tem vontade nem coragem nenhuma de trabalhar!



Sempre que estas perturbações aparecem assim de repente, deve-se ter a certeza de que o estômago e intestinos estão muito sujos e cheios de matérias fermentadas e tóxicas, e neste mesmo dia convem usar **Ventre-Livre**, afim de prevenir complicações e moléstias mais graves.

Um Conselho

Evite as medicações violentas e debilitantes!

Para tratar racionalmente a prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio brando e suave, que alivia, limpa e tonifica o estômago e intestinos e exerce uma ação muito salutar sobre as funções do fígado.

Todas estas qualidades é que fazem com que **Ventre-Livre** seja largamente usado em tão numerosos e importantes países.

Use **Ventre-Livre**

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — Só serão aceitos no concurso permanente de **REVISTA DA SEMANA** contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

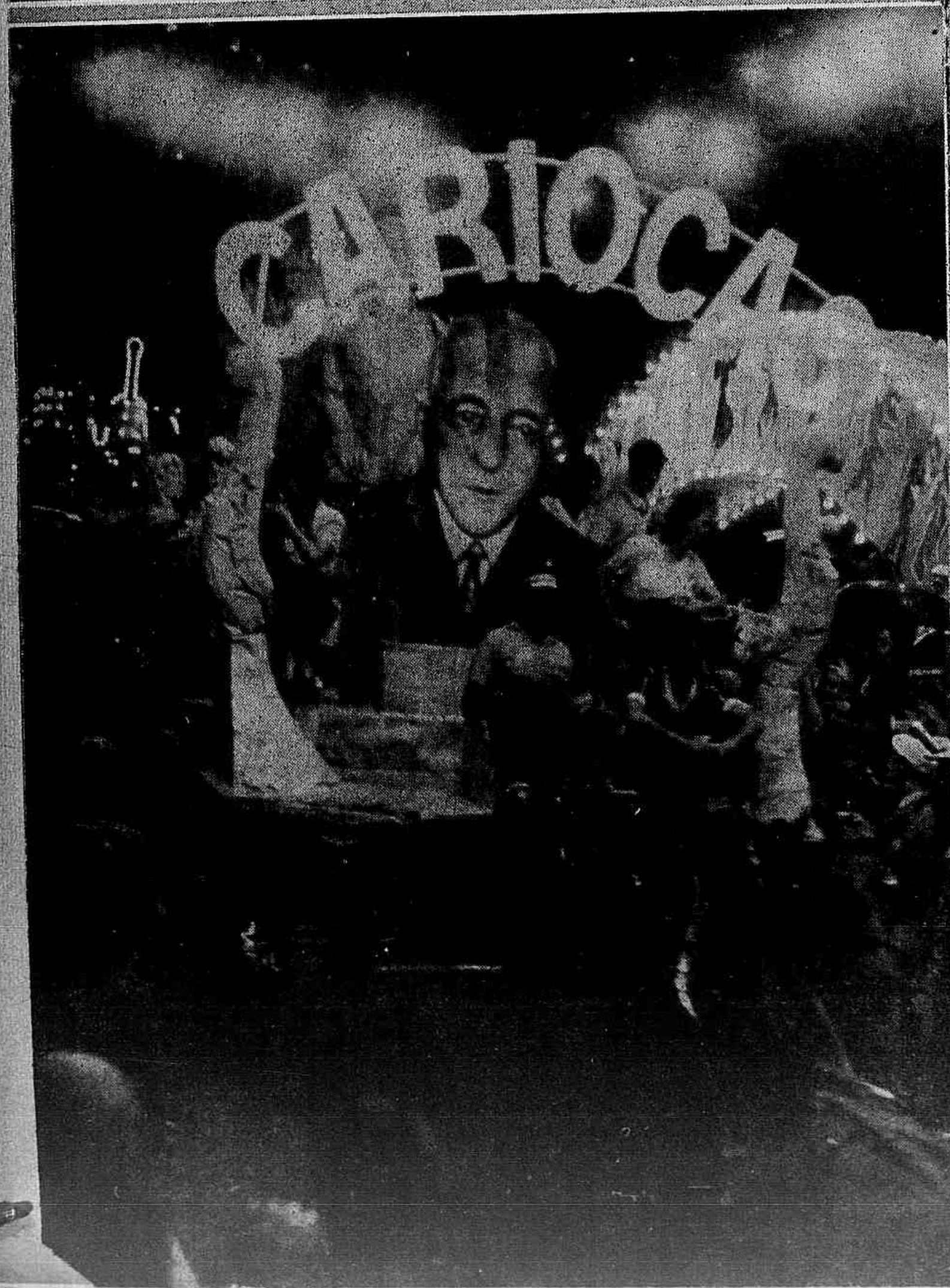
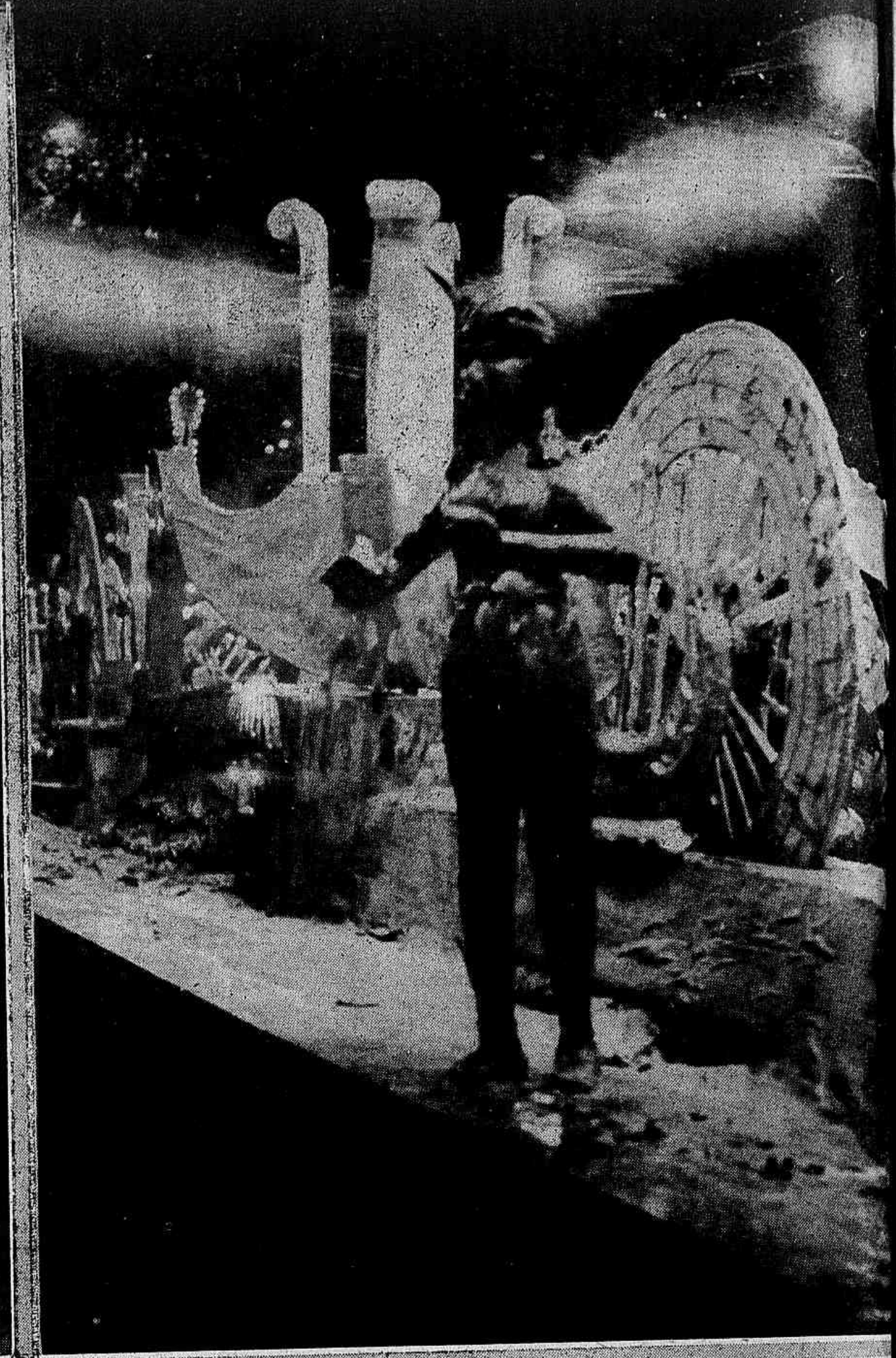
2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

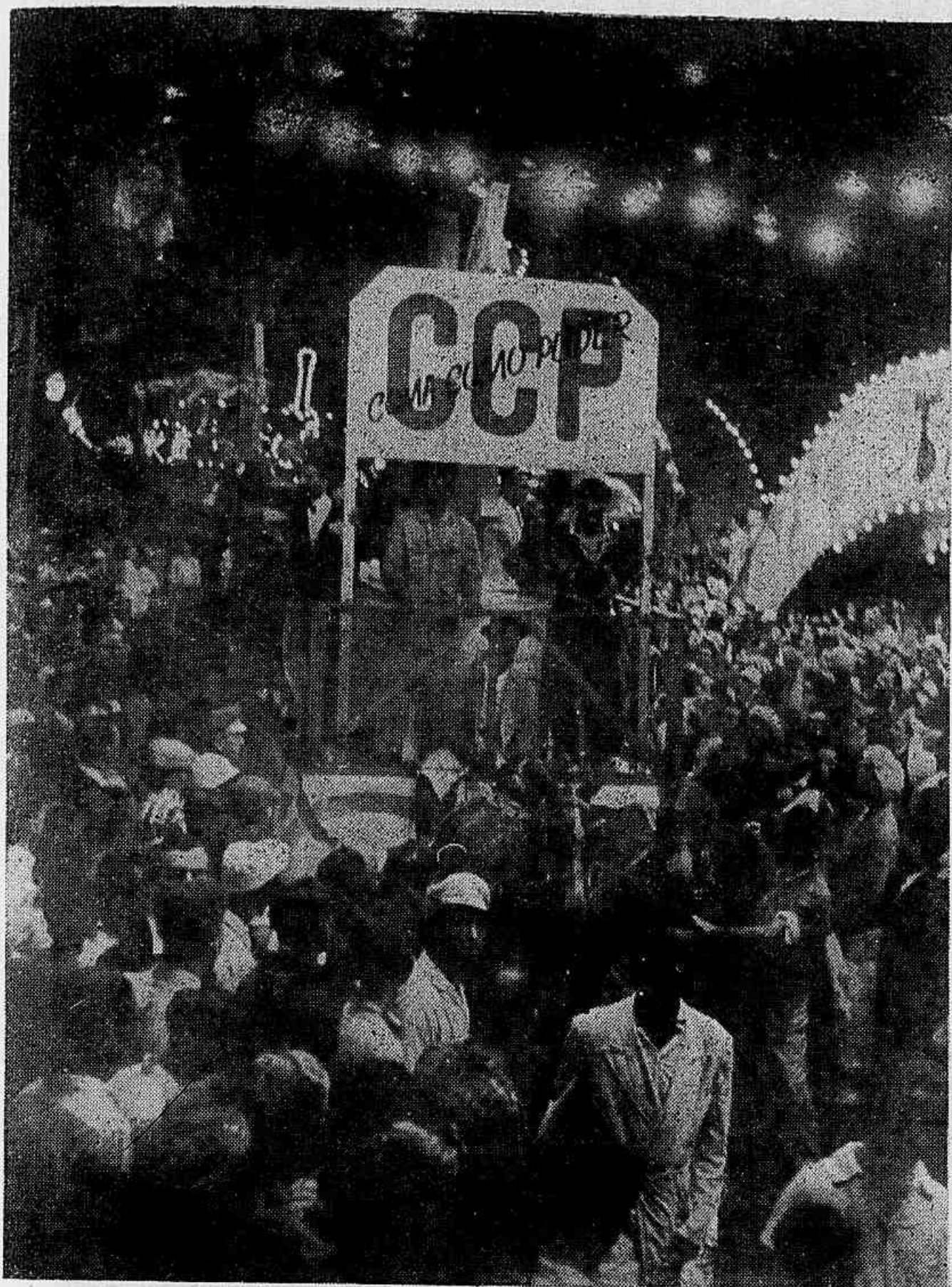
3 — A redação de **REVISTA DA SEMANA** não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na rôla de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — **"Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA"**.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.





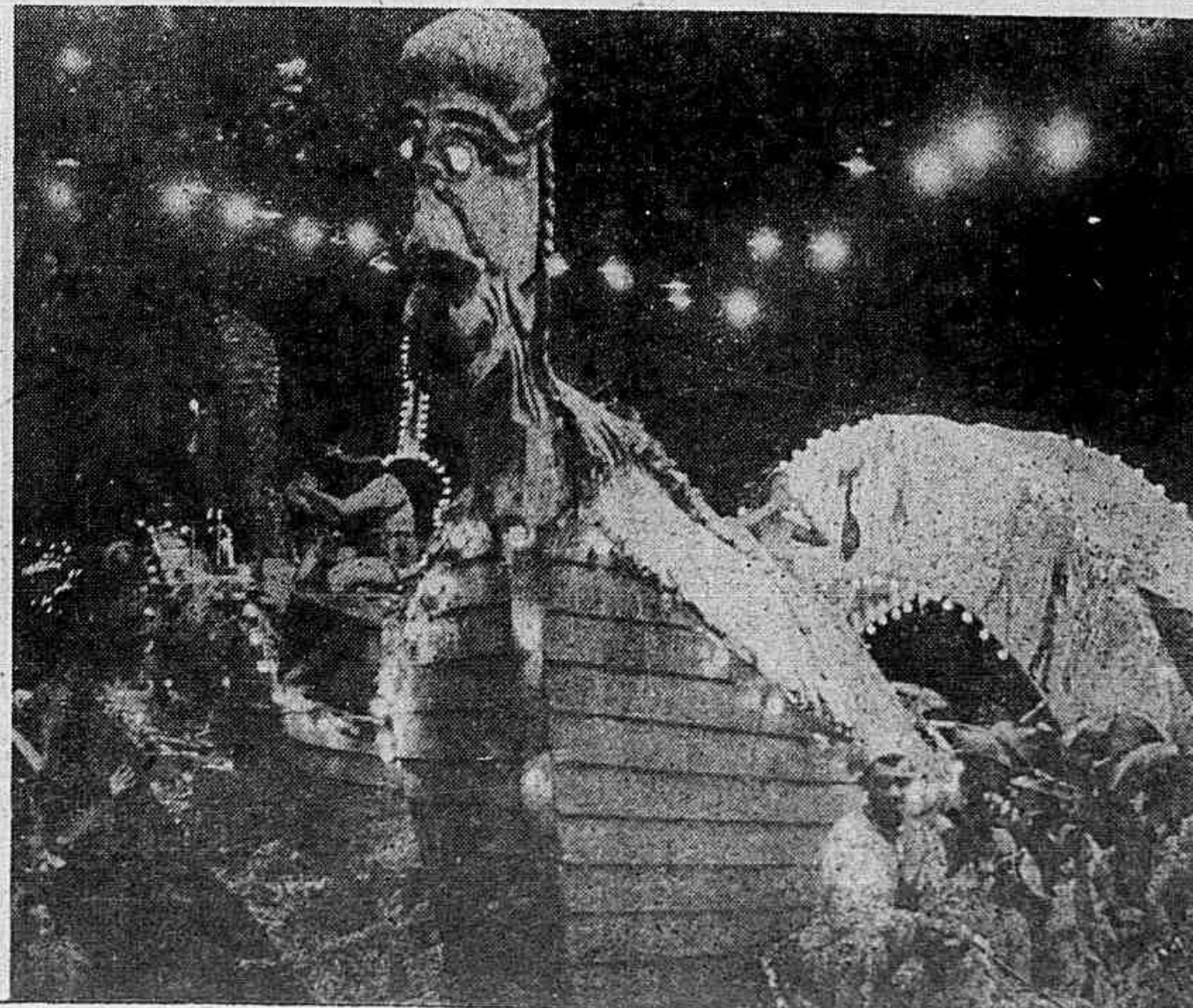
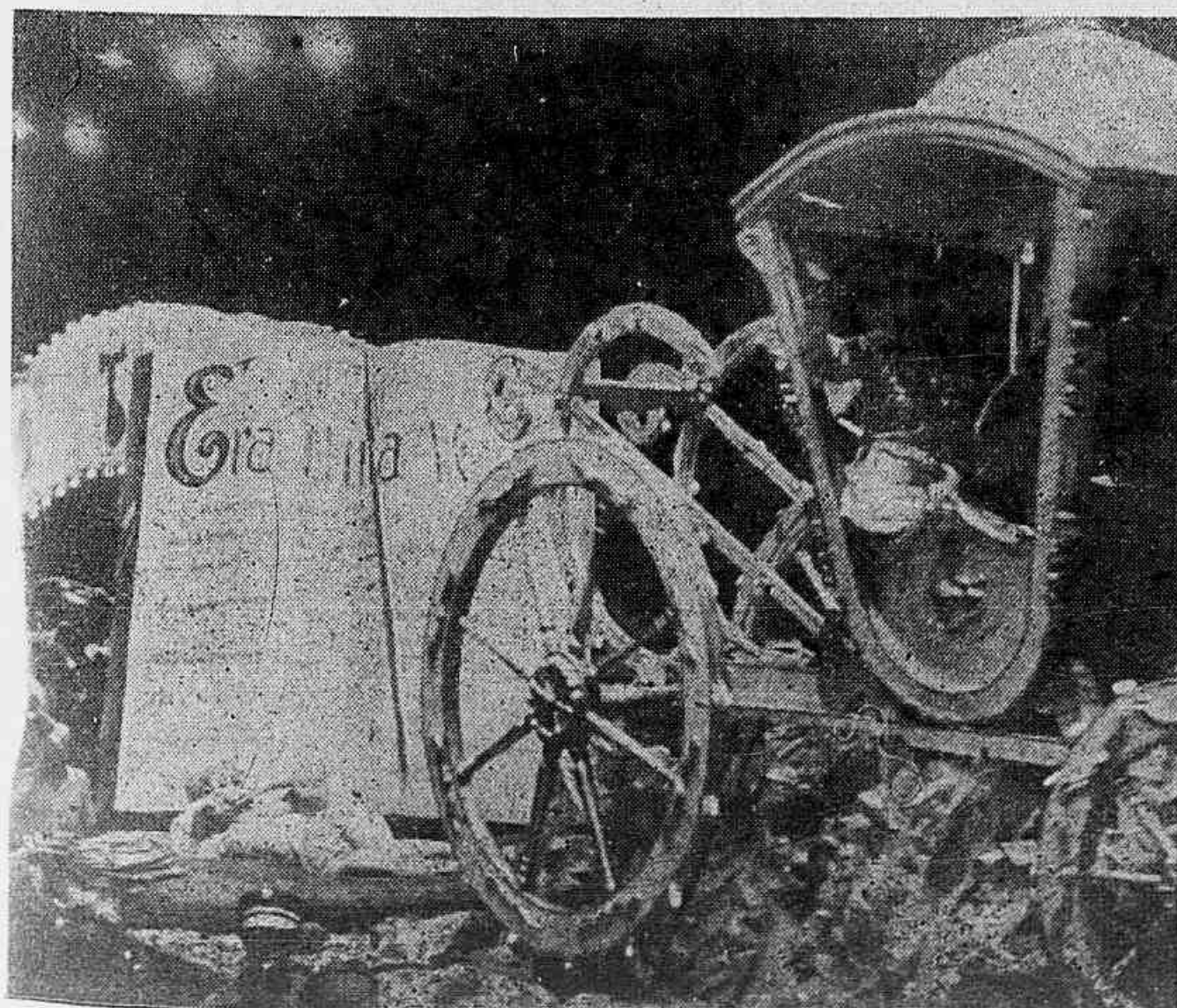
A esquerda: uma crítica dos préstitos dos Democráticos sobre a CCP que os foliões da rua do Riachuelo interpretam assim: "Coma como puder". A direita: um detalhe do último carro dos Democráticos.

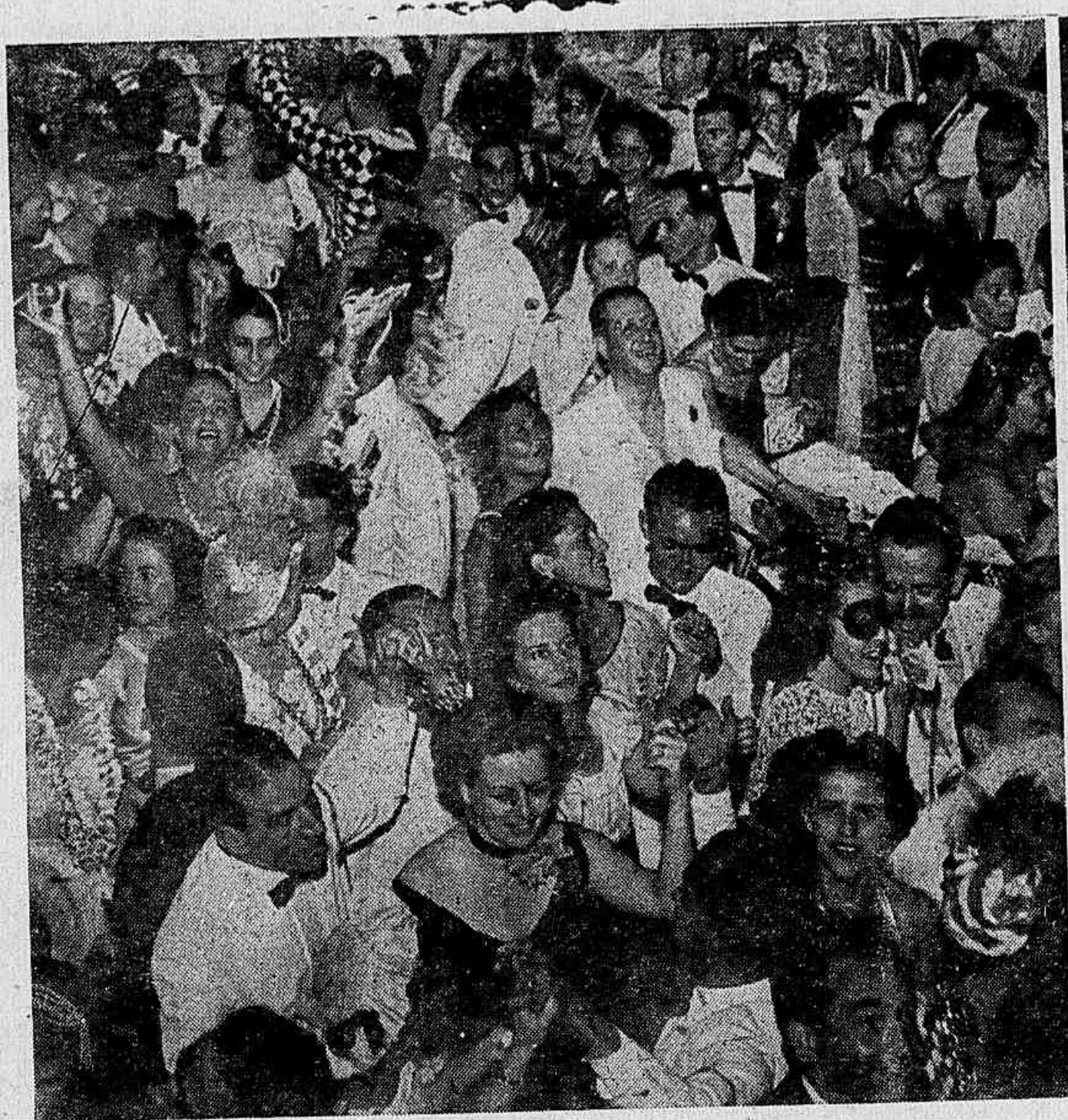
OS PRESTITOS CARNAVALESCOS

Os préstitos, que trariam grande esplendor ao carnaval que passou, foram prejudicados pela chuva torrencial. Os seis grandes clubes fizeram rodar os seus carros alegóricos pelo centro urbano. Além dos três veteranos, Democráticos, Tenentes do Diabo e Fenianos, compareceram os Cariocas, Pierrots da Caverna e Embaixada do Sossego, esse último estreante como grande clube carnavalesco. O dinheiro dado pela Prefeitura foi bem empregado por todos. Magníficos carros-chefe, carros de ricas alegorias e carros de crítica muito bem idealizados. Foi pena que o aguaceiro empanasse

o brilho do cortejo e afugentasse grande parte da multidão. Assim mesmo considerável massa popular aplaudiu os seus clubes preferidos. Até a hora de encerrarmos esta edição não tinha sido anunciado pela comissão julgadora o clube vencedor. Tarefa que será difícil, tal o brilho com que todas as sociedades se apresentaram. Damos nestas páginas flagrantes do desfile. A inclemência da chuva, motivando o atraso das sociedades que desfilariam por último, impediu-nos apresentar detalhes dos outros clubes.

Na página ao lado: o carro-chefe dos Democráticos (ao alto, à esquerda) e um detalhe de um carro alegórico do mesmo clube. Em baixo, dois aspectos dos carros alegóricos dos Cariocas, nova sociedade carnavalesca que se apresentou brilhantemente no desfile. Nesta página, em baixo: flagrantes dos carros alegóricos dos veteranos Fenianos, cujo préstito, apesar de pequeno, teve apurado sentido artístico.





Os dois aspectos do alto da página dão uma idéia do que foi o entusiasmo no Baile de Gala do Teatro Municipal, a festa máxima do carnaval carioca. Ricas fantasias e cordões animadíssimos.

O BAILE DO MUNICIPAL

Teve excepcional brilhantismo

O tradicional Baile de Gala do Teatro Municipal constituiu um belo êxito. O número de fantasias deslumbrantes foi incalculável, tornando-se difícil para a comissão julgadora premiar as mais lindas. A sociedade carioca soube divertir-se na sua maior festa carnavalesca e de tal modo

que o baile foi prorrogado por mais uma hora. As danças deveriam terminar às quatro da manhã, mas a tal hora ninguém estava resolvido a parar com a folia e após vinte minutos de conferências ficou resolvido que o baile prolongar-se-ia até às cinco horas. Entre as premiadas, merece destaque o gesto

de Lourdinha Bittencourt, a quem coube um rico jogo de anel, pulseira e brincos de ouro e ametista como segundo prêmio do concurso. Lourdinha, imediatamente após ter recebido as jóias, ofereceu-as à senhora Angelo Mendes de Moraes para que por seu intermédio fossem oferecidas a uma casa

de caridade. O nosso carnaval está evoluindo. Mesmo dentro das loucuras do reinado de Momo não faltam atitudes altruísticas. Nestas páginas oferecemos vários aspectos da animação do baile do Municipal e algumas das lindas fantasias exibidas.

Três flagrantes do baile do Municipal, vendo-se, ao centro, Lourdinha Bittencourt, com a bela fantasia de "violeteira", que obteve o segundo lugar no concurso.





Em cima, à direita: uma das mais ricas fantasias apresentadas por cavalheiros, foi a de "Rei Luís XV" que aparece na foto. A direita: duas interessantes "Zazás". Em baixo: aspectos da alegria que imperou no Municipal das onze às cinco da manhã. Foi o baile de maior duração de quantos se realizaram durante o carnaval.





Em cima, à esquerda: luxuosa "sevilhana", forte concorrente aos prêmios do baile. A direita: uma audaciosa "Eva", que fez furor no salão. Em baixo: uma "egípcia" e um "gatinho".





Um flagrante dos foliões madrugadores. Era Domingo de carnaval, de manhã bem cedo, quando o bloco de camondongos invadiu a avenida. Começaram cedinho para não perderem nada da festa. Três dias é pouco, dizem os Incansáveis na madrugada de terça-feira gorda.

O CARNAVAL NÃO MORREU!

A MAIOR E MELHOR FOLIA DOS ÚLTIMOS VINTE ANOS — A DECORAÇÃO NA AVENIDA RIO BRANCO E NA PRAÇA ONZE — BAILES DE VINTE A TREZENTOS CRUZEIROS O INGRESSO.

SOMENTE os foliões da velha guarda, os que alcançaram os carnavais anteriores a 1930, terão conhecido carnaval tão bom quanto o que acaba de passar. Pode-se afirmar que ressurgiu em 1948 a tradicional festa carioca. Animação, alegria, fantasias a valer! Voltaram os ranchos, os cordões, a Praça 11 com as famosas escolas de samba, bailes por todos os cantos e até os préstitos famosos de outrora. Até

o tempo ajudou. Foi sem chuvas e sem calor demasiado. O prefeito da cidade contribuiu quando pôde para que o reinado de Momo tivesse o esplendor de antigamente. A Câmara dos Vereadores legislou especialmente para a festa por intermédio de sua Comissão de Carnaval.

Todo o mundo, aliás, já dizia muito antes da data: — "Este carnaval vai ser o melhor dos últimos vinte anos". Sá-

bado gordo, o carioca já estava doido para se expandir. E realmente veio a explosão que durou três dias e quatro noites. A gritaria das canções, dos blocos e dos ranchos era tão grande que se fazia ouvir até em Niterói.

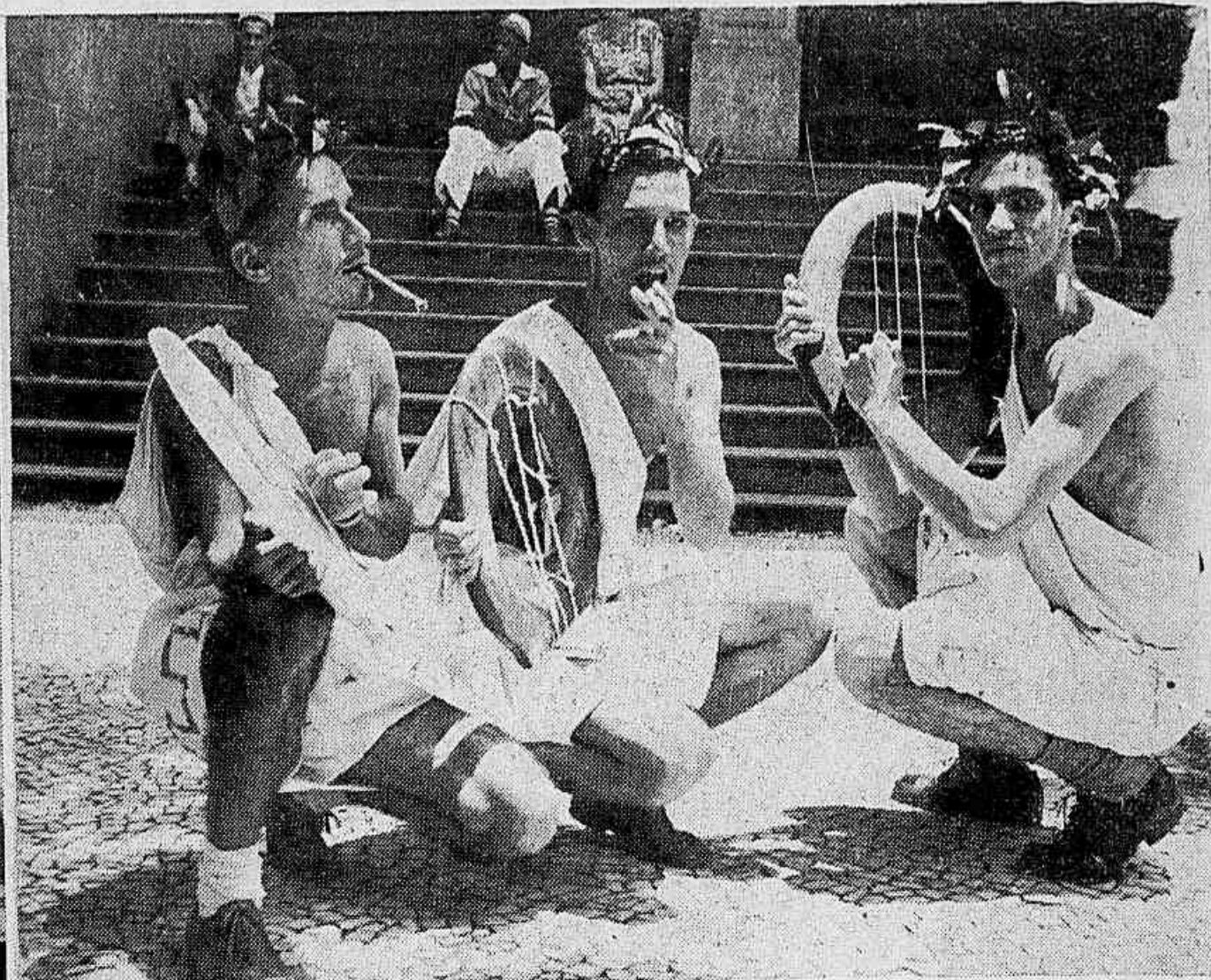
CARNAVAL DE ONZE NOITES

O Carnaval começou no Rio este ano na noite de 31 de Janeiro com o monu-

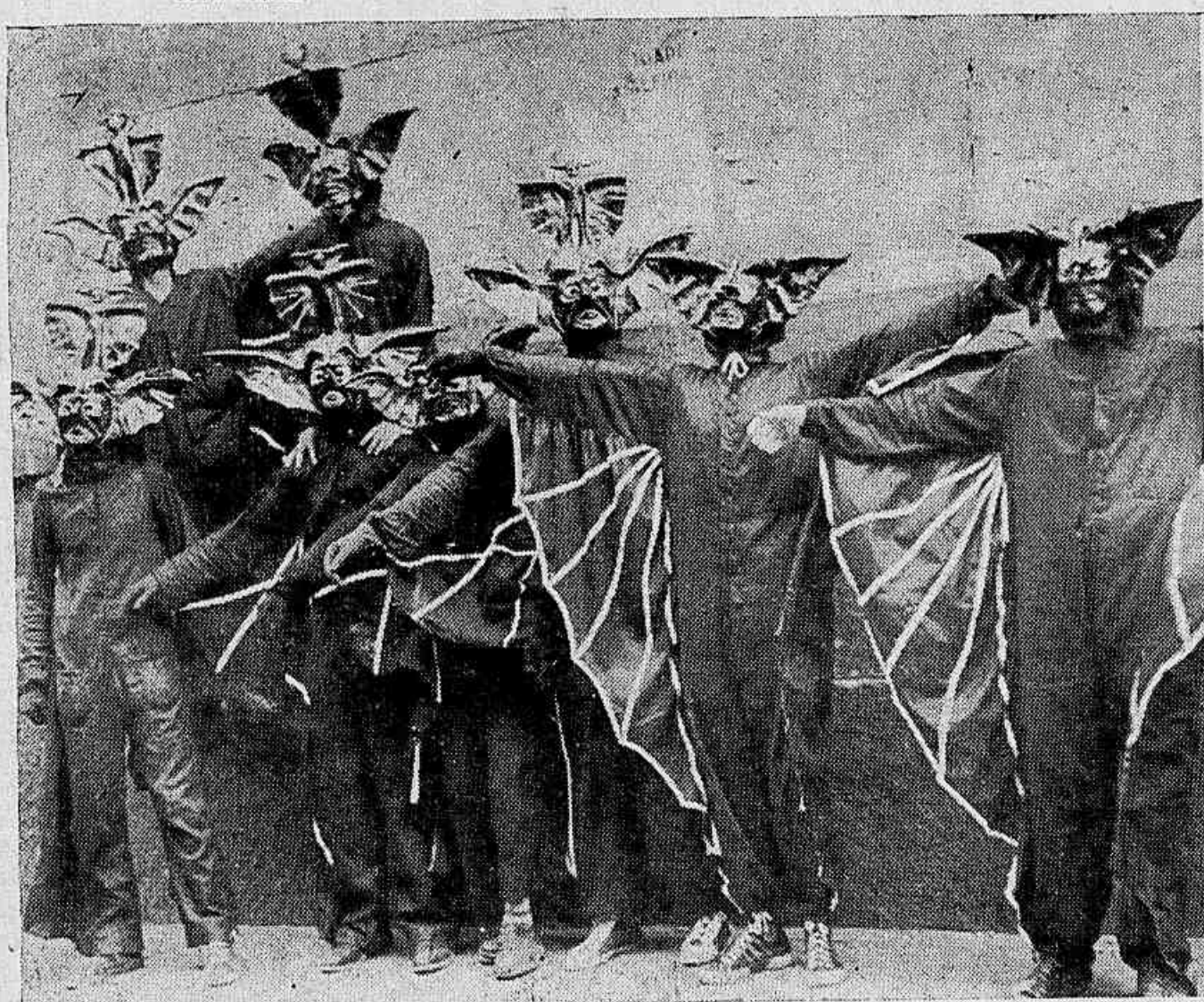
mental baile da Caixa Econômica no High-Life. Desde então, todas as noites, sucediam-se grandes pagodes momescos nos clubes da cidade. Terça-feira, dia 3 de fevereiro, houve o baile de coroação da Rainha do Rádio, do qual nos ocupamos em reportagem especial. Na noite seguinte houve o baile da Associação dos Cronistas Carnavalescos. Na noite de 5, o tradicional Baile das Atri-

À esquerda: a figura do bandoleiro Lampeão é sempre lembrada nas fantasias de carnaval. Ao centro: Dois garotos que prometem. À direita: um dos excêntricos foliões do carnaval carioca. O sujeito brinca sozinho e se diverte com o espanto e a curiosidade que desperta quando passa.





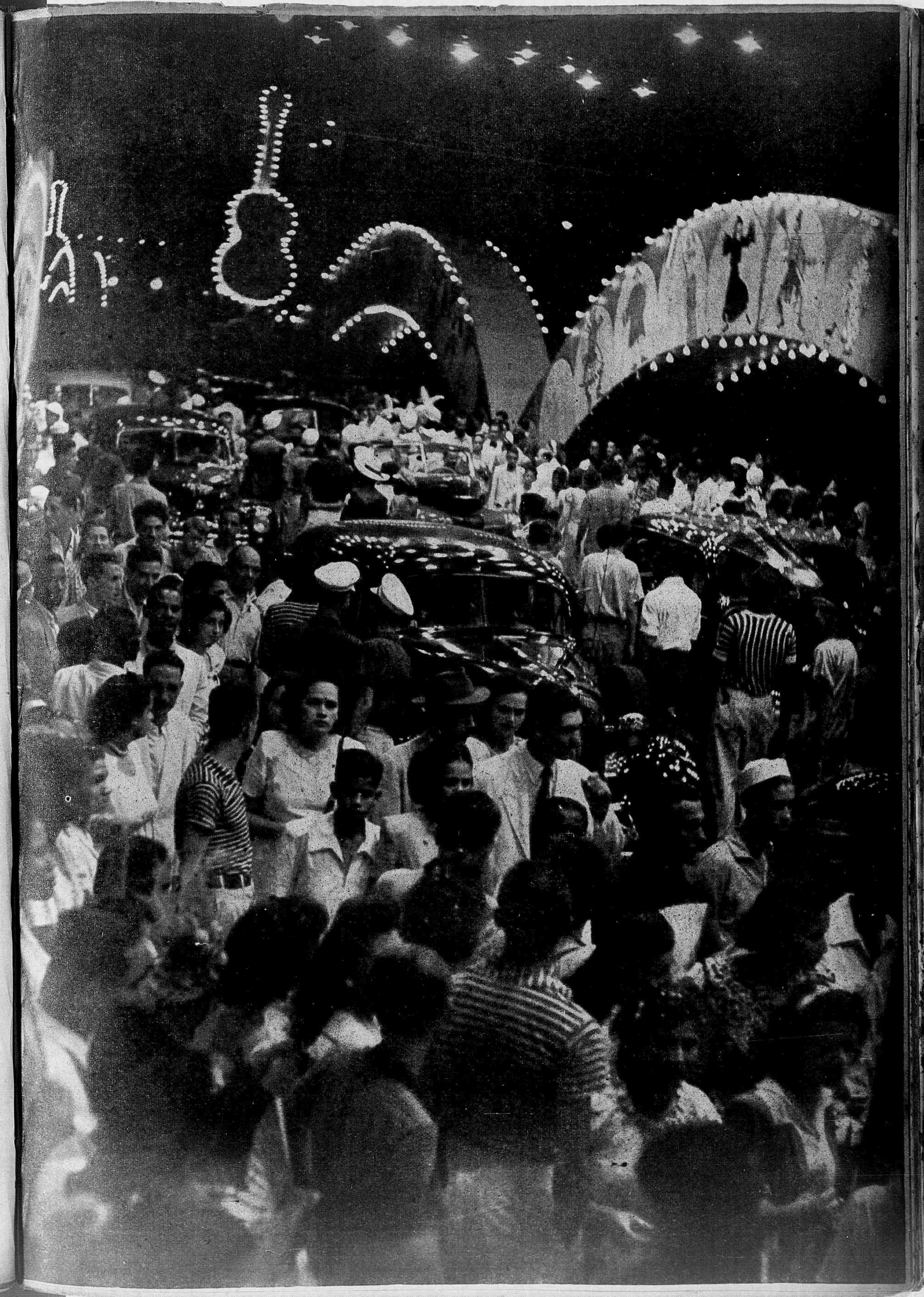
Gregos e romanos tornaram-se fantasias de praxe do carnaval carioca. São frescas e baratas. As vezes basta um lençol velho e uma réstea de cebolas — sem as ditas — para que a fantasia fique pronta.

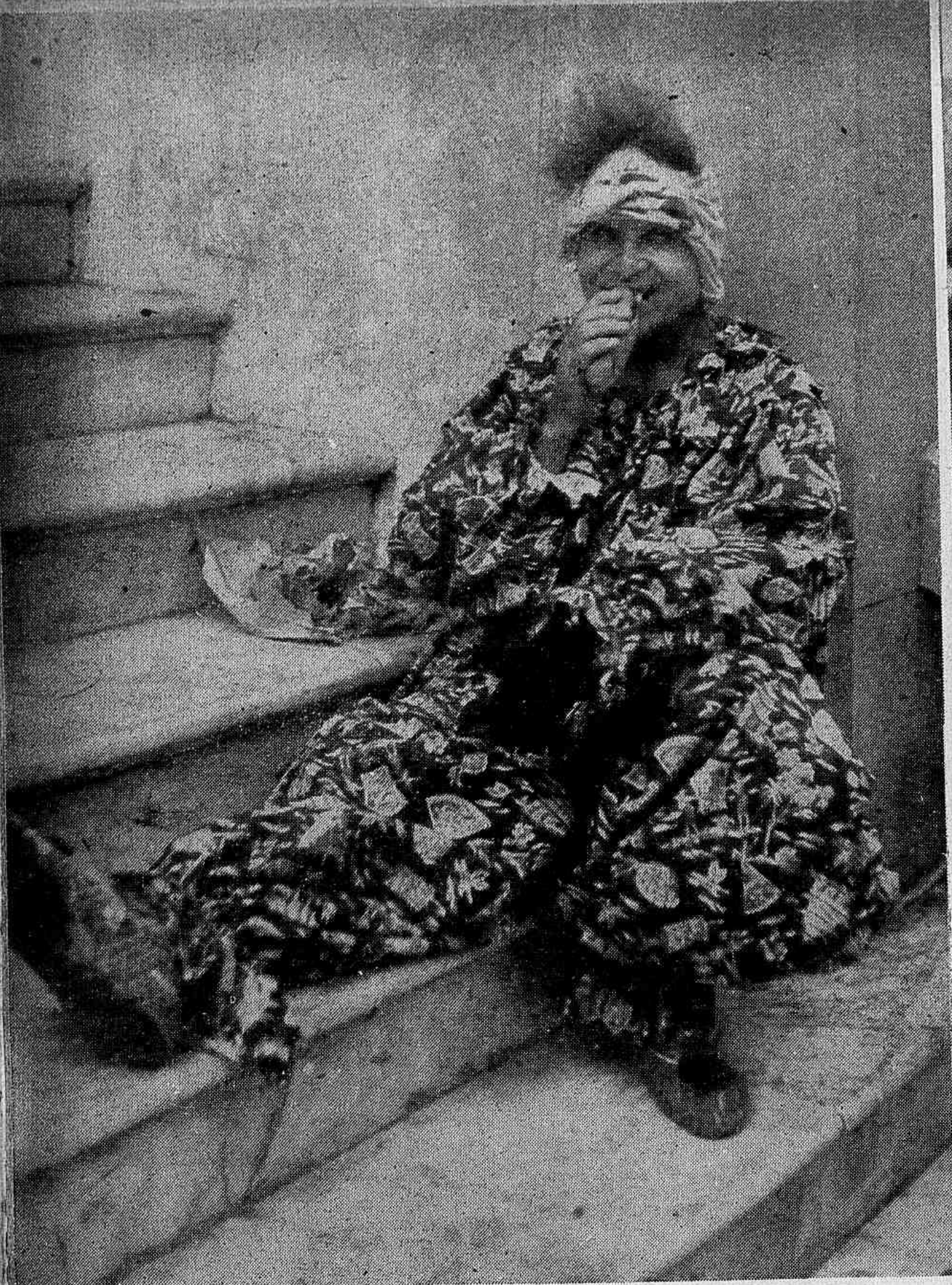


Os morcegos este ano apareceram em grande número. E' preciso gostar do Carnaval para aguentar durante horas máscaras enormes como essas. A direita: um grupo de animados palhaços.



A esquerda: um flagrante de um bonde no dia de carnaval. Apesar do aperto, ninguém reclama. As moças fazem questão de viajar no estribo e dentro do veículo forma-se um bloco improvisado que termina no ponto final da viagem. A direita: as cinco jovens estão arrumadinhas porque ainda não entraram no brinquedo. Mas o momento não demora e daqui a pouco nem o papai ou a mamãe as reconhecerá. Na página à direita: uma visão noturna de um trecho da avenida Rio Branco.





Em cima, à esquerda: o palhaço brincou bastante. Parou um minuto na escadaria do Teatro Municipal para comer um sanduíche que trouxe de casa. Depois do sanduíche, novamente a folia. Nesta mesma página, outros flagrantes das fantasias que reapareceram em grande número: o índio todo coberto de penas (do espanador), a morte e as balanas.





A Rainha das Atrizes, Sua Majestade, Aimée I, ao lado do Rei Momo, na grande festa do João Caetano.

O CARNAVAL DA GENTE DE TEATRO

HOUVE MUITA LUTA PELO TRONO DE RAINHA DAS ATRIZES — AIMÉE x LOURDINHA BITTENCOURT, A MAIS SENSACIONAL PELEJA NOS DEZESSEIS ANOS DE CONCURSO — "EU NÃO SEI PERDER", DECLAROU-NOS LOURDINHA — A COROAÇÃO E A FALTA DA PRIMEIRA PRINCESA — NUDISMO NO BAILE

A eleição da Rainha das Atrizes de 1948 se apresentou com todos os característicos das lutas políticas. Agitação, impugnação de votos, votantes ex-officio e até «marmeladas», segundo declarou uma das candidatas ao pleito. Aham alguns que essa confusão desprestigiou a primeira colocada, a atriz Aimée. Argumentam outros que todo esse «movimento» veio dar mais popularidade ao certame. Ahamos que estes têm razão, pois nunca os preparativos, o baile e a coroação da Rainha das Atrizes estiveram tão animados quanto este ano. Até então candidatava-se uma atriz que já contava de antemão com o apoio da classe teatral e dos jornalistas. As candidatas do Teatro Recreio (Margot Louro, Mary Lincoln, Mara Rubia e outras), patrocinadas pelo «Correio da Noite», consideravam certa a vitória. Tão certo que chegavam a preparar antecipadamente o cortejo, os vestidos e tudo o mais. Este ano a coisa mudou. Lourdinha Bittencourt, candidata daquele vespertino e do Teatro Recreio, perdeu, à última hora, para Aimée, candidata independente.

Lourdinha venceu a primeira e segunda apurações. Aimée venceu a terceira por pequenina margem de votos, oitenta apenas. Na quarta apuração as coisas ficaram sérias. Iniciou-se a contagem à tardinha, prolongando-se até alta madrugada, precisamente até as três horas e trinta e cinco minutos. As duas da madrugada Lourdinha retirou-se do pleito, zangadíssima, e disse abertamente que estava havendo muita «marmelada». Seus cabos eleitorais quiseram suspender a apuração e pedir a intervenção do Tribunal Eleitoral, queremos dizer, da Casa dos Artistas. Mas não havia tempo a perder. E como o carnaval vinha aí e o resultado das urnas fôra favorável a Aimée, ali mesmo foi consagrado o nome da candidata vitoriosa.

A RAINHA DORMIA A SONO SOLTO

Às três e trinta e seis da madrugada o telefone berrou no quarto da rainha recém-eleita. Aimée dormia profundamente, e foi com voz sonolenta que respondeu a Olavo de Barros: — «Estou escutando, sim. Muito obrigada. Vou

dormir de novo, desta vez como rainha». Parece que nunca houve recebimento tão calmo de um reinado. Isso não quer dizer que Aimée não estivesse se preocupando com o resultado. Ela mesma nos disse em sua casa, quando a entrevistamos, que nunca se preocupara tanto. Em trinta dias, quanto durou o pleito, emagreceu três quilos. Gastou muito dinheiro em viagens de taxi, percorrendo as redações dos jornais, acompanhando os seus cabos eleitorais e posando para os fotógrafos. Ser rainha aqui no Brasil dá muito trabalho, principalmente agora, quando as eleições são disputadas como essa.

NAO QUER MAIS SABER DA REALEZA

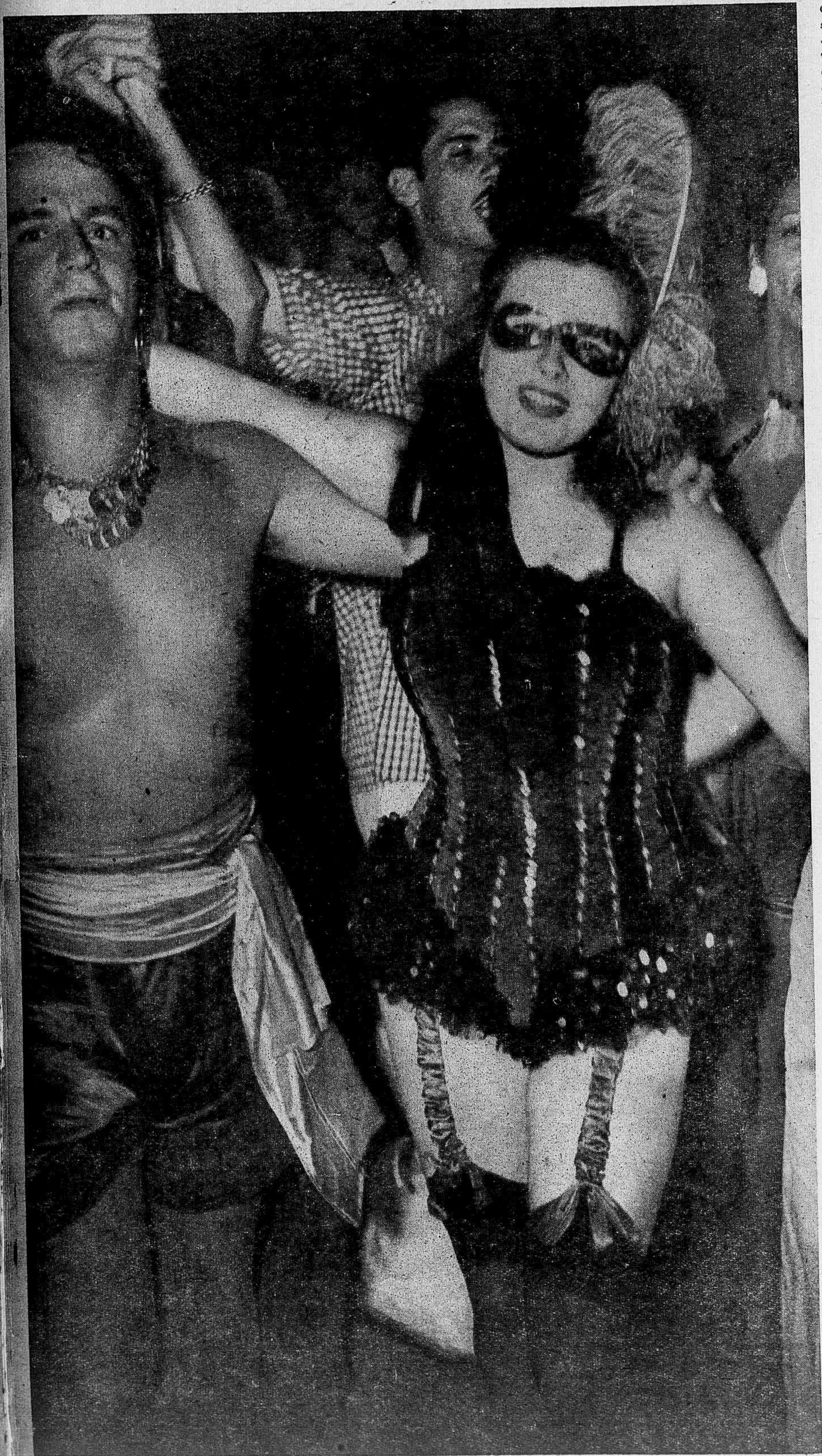
Aimée há um ano atrás candidatou-se ao trono de Rainha das Sereias. Foi uma concorrente até à última hora na ponta. Era a candidata oficial do Clube de Regatas Vasco da Gama, e a torcida cruzmaltina assustou a muita gente. Conseguiu colocar-se em quarto lugar, perdendo para Marta Lopes de Almeida, Rosa Radi e outra garota, irmã de Marta.

Aimée não reclamou, embora dissessem que teria motivos para tal. Vitoriosa como Rainha das Atrizes, a descoberta de Dulcina e Odilon está um pouco desgostosa com eleições e concursos.

— Este é o último de que participo. São tantas as conseqüências e amolações que não compensam a alegria da vitória. Ainda se tudo corresse bem e não houvesse reclamações das que perdem...

RESUMO DA CARREIRA ARTISTICA DE AIMÉE

Aimée veio do Salvador para o Rio há cerca de onze anos. Esperou pacientemente a sua oportunidade, que surgiu com o lançamento do concurso de Dulcina e Odilon, «A procura de uma atriz». Entre as setenta candidatas inscritas Aimée conquistou o primeiro lugar, estreando em seguida na companhia de Dulcina num papel de responsabilidade. Seu nome ficou conhecido do público e dos empresários e trabalhou depois em diversas empresas teatrais. Representou ao todo em setenta peças, até hoje. Atualmente é a «estrela» do Teatrinho Intimo de



Copacabana. Fez dois filmes: «Corações sem piloto», para a Cinédia, e o discutido «O homem que chutou a consciência», na Tapuia, ao lado de Delorges Caminha. Conquistando o quarto lugar no Concurso das Sereias, foi presenteada com uma viagem a Portugal. Estendeu por conta própria o passeio e foi até Londres, onde teve oportunidade de aparecer na B.B.C. Continua atualmente trabalhando no teatro e na Rádio Tupi, como rádio-atriz. Aimée é muito religiosa e tem uma adoração especial por Santo Antônio, São Jorge e Nossa Senhora das Graças. Ela mesma nos confessa que muito pediu aos seus santos preferidos para que vencesse no concurso da Rainha das Atrizes.

— Eles me atendem sempre — disseram Aimée.

O VOTO DO PRESIDENTE

Uma nota sensacional da última apuração foi a anulação do voto do presidente Eurico Dutra. Os cabos eleitorais de Lourdinha tinham ido a Bangu, a fim de conseguir o voto do general Dutra, que fôra àquele subúrbio em missão oficial. Trouxeram o voto como verdadeiro troféu. Na hora da contagem os cabos eleitorais de Aimée exigiram a anulação, visto o cargo de presidente da República não estar enquadrado entre os profissionais arrolados pela Casa dos Artistas como votantes. A mesa eleitoral fez questão de incluir o voto, embora somente simbolicamente, como homenagem ao presidente, pois foi esta a primeira vez que um chefe de Estado votou para a escolha da Rainha das Atrizes. Lourdinha ficou magoada com o resultado e nos disse, com sinceridade:

— Eu não sei perder! Fiz tudo para ganhar e acho que merecia. Não concordei com o resultado da apuração e disso não fiz segredo. Também eu «parei» com eleições.

FALTOU A PRIMEIRA PRINCESA

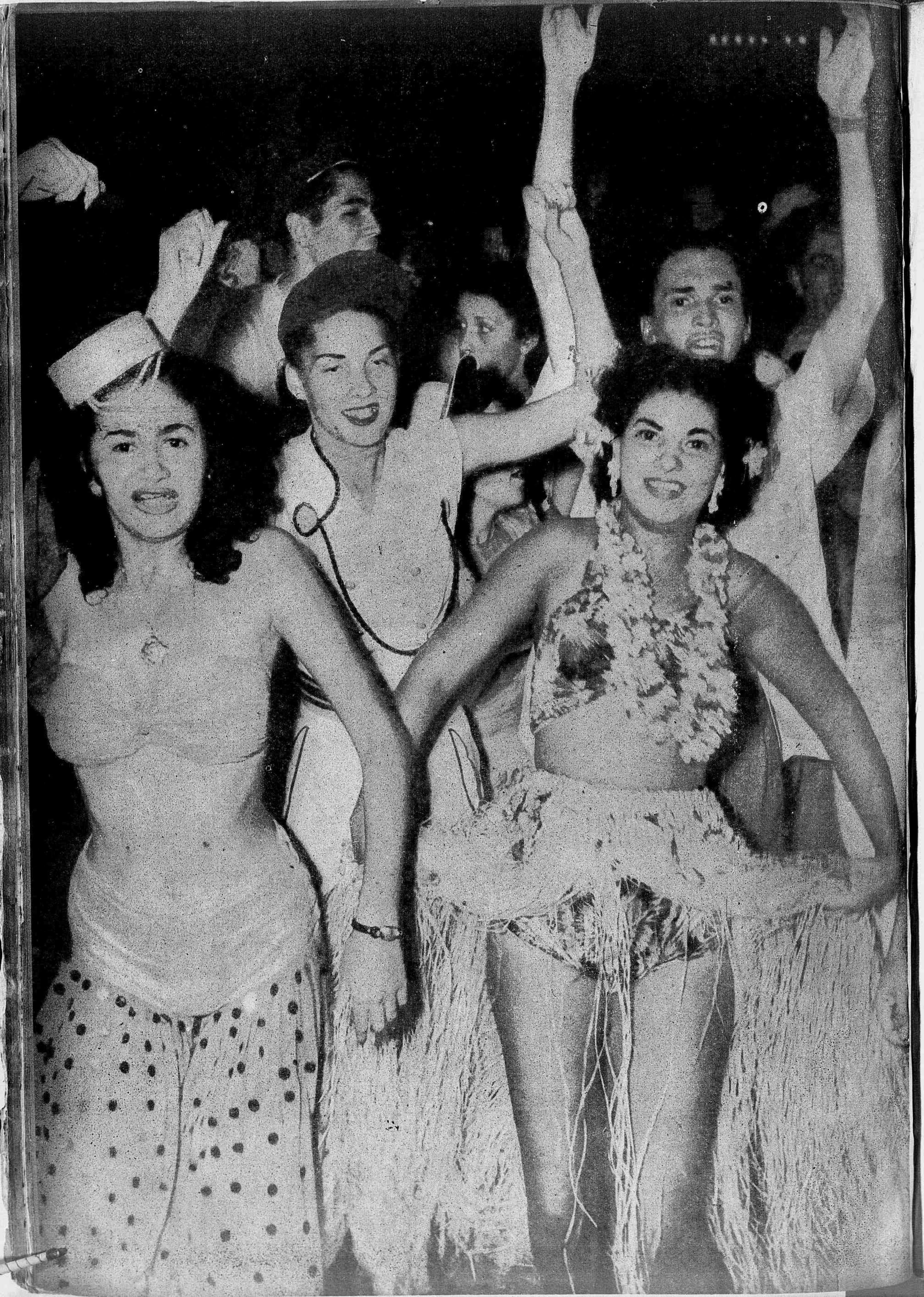
O décimo-sexto baile de coroação da Rainha das Atrizes esteve, como os anteriores, animadíssimo. A enchente foi tamanha que à uma e trinta da madrugada foram fechados os portões, proibindo-se a entrada até mesmo dos portadores de convites, vendidos em excesso. Um horror... Aimée chegou à meia-noite, acompanhada de Rei Momo, de Carmem Gonzalez, uma das princesas, e do séquito real. As damas de honra vinham trajadas a Luis XV. Dezenas de cinegrafistas e fotógrafos filmaram e fotografaram a coroação. O Rei Momo teve que repetir o ato várias vezes para que todos eles pudessem filmar a cena. Todos perguntavam por Lourdinha Bittencourt, a primeira princesa. Nunca, até então, a primeira princesa faltara à coroação de sua rival no pleito. Foi essa a única vez que tal aconteceu. Pouco depois de reiniciadas as danças a Rainha retirou-se do baile e o trono, tão disputado neste ano de 1948, ficou ao abandono, triste e esquecido no fundo do palco. Com o calor tremendo, metade, pelo menos, dos cavalheiros se desfez dos paletós e das camisas. Nunca houve tanto nudismo em um baile. Aquilo que o prefeito não quer que aconteça nas praias, aconteceu no Baile das Atrizes, no João Caetano. Houve também muito «whisky» e belos pileques de bebida forte, vedadas por lei, e alguns incidentes, em que apareceu a famosa Polícia Especial... Mas, contudo, foi um sucesso mundano!

A esquerda: o que o prefeito não quer nas praias houve em quantidade no baile das Atrizes: homens nus da cintura para cima. E como se divertiram!



A esquerda, em cima: O Rei Momo e a Rainha Moma do Carnaval paulista compareceram ao baile acompanhados do seu secretário particular metido num fardão acadêmico. A direita, e em baixo: Flagrantes da animação que contagiou a todos, inclusive à Rainha, no pouco tempo que permaneceu no recinto.







Na página à direita: a folia em pleno calor, mas com as follãs vestidas sinteticamente. Em cima: a rainha Aimée recebe felicitações. Em baixo: um aspecto do baile, com alguns homens de busto nú, como o prefeito não gosta de ver senão na prala...





Em cima: Dircinha Batista, Rainha do Rádio de 1948, faz a sua entrada triunfal no Teatro Carlos Gomes para o Baile da Coroação, ao lado do Rei Momo e de Vitor Costa, presidente da Associação Brasileira de Rádio, promotora do concurso. Foi um sucesso a realização do baile. Um pouco atrás da Rainha vê-se a cara risonha de Alvarenga e o sorriso simpático de Linda Batista. Artistas e fãs sambaram a valer até de madrugada. Na página ao lado ao momento em que a ex-rainha Linda Batista (que ocupou o mesmo trono durante onze anos) coroa Dircinha.



O CARNAVAL DA GENTE DE RÁDIO

A COROA DE RAINHA FICOU EM CASA... — A DINASTIA BATISTA E' ASSIM... — QUANDO UMA ABDICA, OUTRA SOBE AO TRONO... — A FESTA DE COROAÇÃO DA RAINHA DO RÁDIO DE 1948

A segunda família real do Brasil é a das Batistas. Mais importante, hoje, que a dos Braganças, do ponto de vista da popularidade. Dona Nenem, mãe das irmãs Linda e Dircinha, nunca sonhou que seria durante mais de um decênio uma gloriosa rainha-mãe. Tudo começou em 1936, quando Linda Batista se candidatou ao título de Rainha do Rádio, concurso que se fazia pela primeira vez, patrocinado por um grupo de emissoras cariocas. Candidatar-se e vencer foi fácil para Linda. Foi ela a primeira rainha do rádio brasileiro e conservou o título por onze anos. Durante esse período venceu várias vezes concursos semelhantes, quando mais tarde as eleições foram patrocinadas pela "A Noite", "O Globo" e o "Correio da Noite". Sempre que se preparavam pleitos para a escolha da rainha e Linda Baptista, num persistente continuísmo, se candidatava, era autêntica "barbada". O concurso não tinha mais graça... Até que um dia... bem, há sempre um dia em que uma rainha deixa de reinar... Ou porque morre, ou porque lhe tomam a coroa, ou porque abdica. Com a rainha Linda foi isso o que se deu...

AMABILIDADES REAIS

A Associação Brasileira de Rádio resolveu tomar a si a eleição este ano, da

rainha do rádio. Não só porque é a entidade de classe, que representa os profissionais do "broadcasting", como porque tem a seu cargo a construção da Casa do Radialista, semelhante à Casa dos Artistas e onde, futuramente, se acolherão os trabalhadores do rádio. Promovendo o Concurso e o baile da coroação, empregará toda a renda líquida em favor da construção de um retiro. Quando se soube que iria haver eleições para a escolha da rainha, muitos comentaram: — "Ora! Isto não tem mais graça. Quem poderá disputar com Linda Batista?". Aconteceu, entretanto, o que ninguém esperava. Linda chegou em casa e disse a Dircinha: —

— Olha aqui: quem vai ser rainha do rádio agora é você.

Dircinha impôs uma condição. Só se Linda não concorresse.

— Claro que não, -- respondeu-lhe a irmã — Eu vou ser apenas o seu cabo eleitoral.

— Não é que eu tivesse receio de concorrer com Linda — diz-nos a nova rainha. — Mas você sabe: esse negócio de lutar por uma coroa, entre pessoas da mesma família não fica bem...

UMA VITÓRIA FACIL...

Não temos o desejo de subestimar o valor artístico das outras três concorrentes. (Cont. na pág. 47)

As três outras artistas que concorreram ao pleito e que compareceram ao baile na qualidade de princesas. São elas, da esquerda para a direita: Lenita Bruno, Daisy Lucidi e Lidia Bastian. Duas morenas e duas loirinhas se candidataram e o trono em 1948 ficou com a morena Dircinha.

e-
r-
o
A
D
S-
A,
O

en-
ro-
or-
da
asa
se
io.
da
li-
um
ha-
ha,
não
tar
re-
nda
—
do
se

ihe
abo
de
ova
ocio
soas

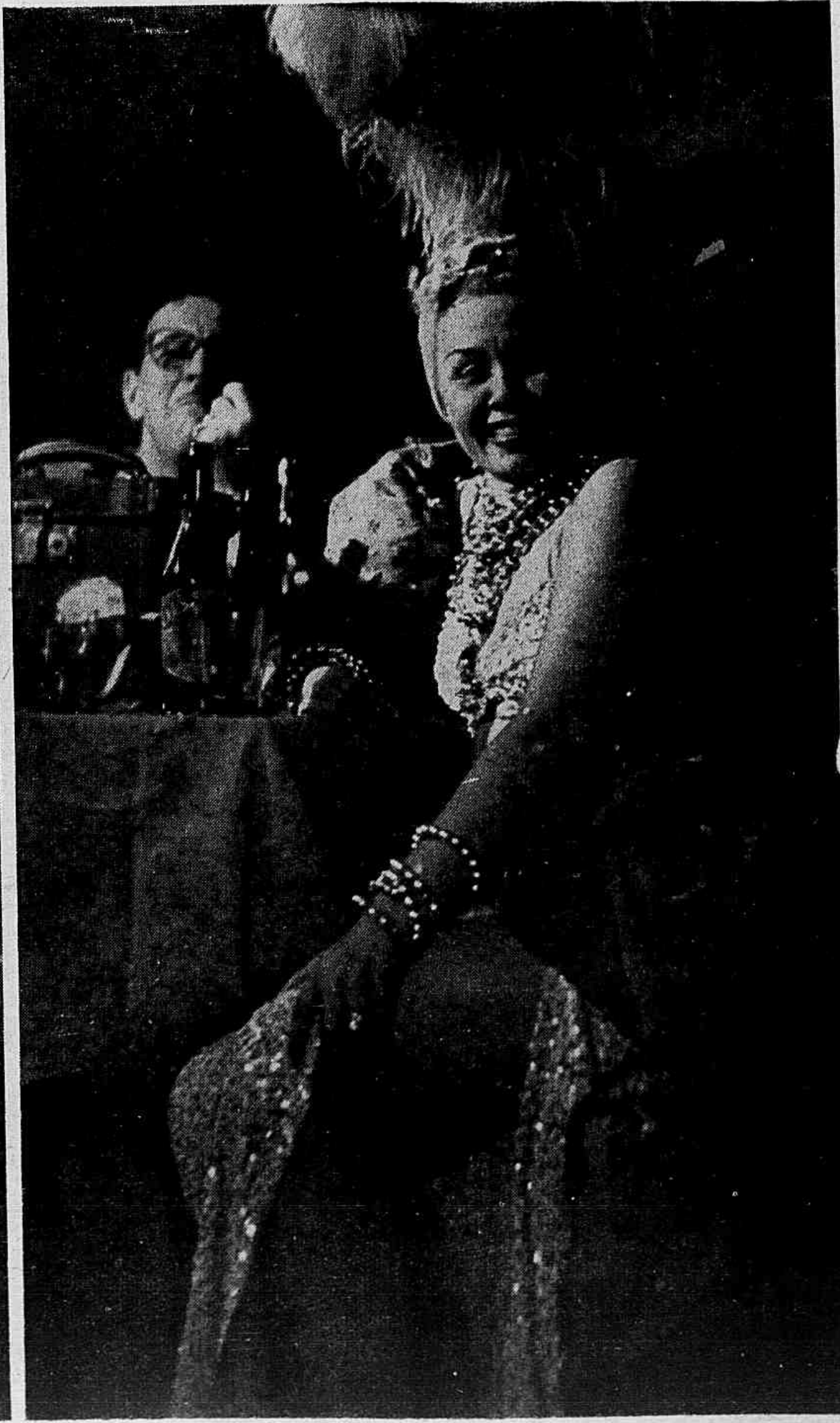
r o
cor-
47)
ua-
cidi
1943







Na página ao lado: Com a faixa simbólica e coroa na cabeça, Dirclinha agradece sorridente aos vivos dos que se comprimiam no imenso salão. Nesta página, em cima, um detalhe do animadíssimo cordão. Em baixo, à esquerda, Nilza Magrassi que também "se acabou" no cordão. A direita, uma pose cômica de Dercy Gonçalves e Lauro Borges que enquanto brincavam eram filmados pela Tapuya.



A HISTORIA DE Margarida

E já conheci Margarida um pouco. Mas pessoas que a viram na primeira mocidade afirmam que foi esgana, mas isso não tem importância nenhuma. Nem eu quero fazer uma exposição dos dotes físicos de Margarida. Basta dizer que quando fez quarenta anos estava solteira. Nesse ponto é que começa a minha história, porque Margarida não desejava casar. Não queria, era uma idéia dela, não se importava com que os outros dissessem. Tinha rendimento particular, não dependia de parente nenhum, era tranquila e risonha. As amigas de Margarida foram casando. Começaram a ter filhos. E Margarida, nada. Perguntavam:

— Como é, Margarida, ainda não se decidiu?

Margarida não decidia.

Bem, naturalmente correram notícias sobre o motivo dessa recusa obstinada de Margarida. Algumas eram românticas. Diziam que Margarida tinha um amor infeliz. Outras não eram românticas. Havia algumas impróprias para menores que as senhoras idosas diziam entre si com ar de escândalo.

Em vista dessas últimas notícias, alguns maridos das amigas de Margarida fizeram vagas demonstrações de donjuanismo, que não afetaram Margarida, a não ser para aumentar sua descrença no matrimônio. Muitos honrados sujeitos pretenderam a mão de Margarida. E ela firme, solteira e contente.

Ora, ali por volta dos quarenta anos, aconteceu uma coisa muito importante. Seus tios morreram. Os primos estavam dispersos. A solidão afligia. Havia um funcionário da Prefeitura que fazia questão de que Margarida soubesse que o gênio dele combinava muito com o dela. Trouxe-lhe um gato de presente. Margarida achou original. Ficava calado, meio perplexo, quando a visitava. Margarida gostou dele. E casou.

Coisas estranhas acontecem no mundo dos casados, mas esta que eu vou contar é realmente fora do comum. O funcionário que desposou Margarida chamava-se Alfredo. Não é isso que é fora do comum. Mas o que vem aí: Alfredo era aquele tímido, caladão, perplexo que agradou Margarida. Mas uns seis meses depois do casamento foi mudando.

Eis o que aconteceu. Alfredo deu para reclamar. Chegava cansado e encontrava a mulher repousada, arranjada e feliz. Alfredo olhava com rancor aquele sossêgo.

— É, é isso. Eu chego morto de cansaço. Comigo tem que ser assim! Olhe para a minha cara! Duas horas de espera na fila. E você aí, bem sossegada, bem penteada, bem vestida, bem feliz. Isso está direito? Que falta de sorte a minha! Ser burro de carga!

Margarida ficou muito chocada, da primeira vez.

— Mas meu bem, alguma coisa te aborreceu?

— Alguma coisa, hein? Então você acha que ainda preciso de alguma coisa para me aborrecer? Não chega a vida que levo? Não chega ter consciência de que sou um burro de carga que anda de um lado para outro? Não chega saber que amanhã vou ter que fazer a mesma coisa?

— Mas Alfredo, você todos os dias faz a mesma coisa!

— Pois é isso mesmo! Estou farto!

• Chego em casa e encontro você sem ne-

nhum cansaço, parecendo uma princesa. A minha custa, ouviu? A minha custa!

Era injustiça e Margarida chorou. No dia seguinte teve a idéia de não se preparar e dar uma limpeza no armário justamente quando Alfredo estivesse em casa, a fim de não humilhá-lo com o seu conforto.

Alfredo chegou, viu o desarranjo, Margarida suada, vermelha, com os cabelos despenteados, as roupas fora dos lugares, e esbravejou.

— Que é isso agora? Não bastam as correrias da rua, os apertos, a confusão que anda por lá e ainda por cima vou ter que chegar em casa e aturar um terremoto? Olhe-se no espelho! Você parece uma bêbada, vermelha e desarranjada desse jeito! Olhe-se no espelho! E' só isso que tem para me oferecer depois de um dia de lutas?

Margarida viu que não tinha dado certo, chorou outra vez. No dia seguinte estava perplexa, arrumou-se de novo, ficou como de costume. Alfredo entrou em casa como um cão danado. Margarida perdeu o controle. Disse tudo o que tinha a dizer, declarou que não vivia à custa dele, que fazia o que entendesse. A briga durou mais de duas horas, até que Alfredo se acalmou. Margarida tinha soltado a represa. Teve remorsos depois, vendo Alfredo calado, pensativo, sem ânimo de ler o jornal. Foi ter com ele, arrependida. O rosto de Alfredo se expandiu num enorme sorriso de felicidade. Margarida também ficou contente. Foi uma tarde linda e uma noite feliz.

Mas quando, no dia seguinte, Alfredo entrou de novo provocando briga, Margarida se assombrou. E assim ela, que era risonha e pacífica, passou a ser uma das mulheres mais briganças do mundo. Quando ia chegando a hora de Alfredo, ela fechava a cara e se preparava, como um lutador de arena. Alfredo, por sua vez, vinha com disposição de campeão. Começava a peleja. As vezes a briga durava até a hora do jantar.

Margarida começou a se sentir desgraçada. Cansou de chorar, de se lamentar secretamente. Passou a dizer em voz alta o que pensava. Os criados transmitiam fielmente os pensamentos de Margarida a toda a vizinhança. Por fim, Margarida lembrou-se de uma amiga, e foi para ela carregada de queixas. Narrou em detalhes sua desdita, e lembrou com saudade da sua vida solitária, do sossêgo que desfrutava, enfim, do seu tempo de solteirona. A amiga explicou-lhe logo que lembrar o que passara era tolice. Os fatos estavam ali e era preciso enfrentar os fatos. O que estava desgraçando Margarida eram as brigas diárias. Pois acabasse com as brigas. Não desse motivos.

— Ah, Alfredo não precisa de motivos! — gemia Margarida. — Qualquer coisa serve!

— Mas briga só existe quando dois querem. Se você calar a boca, não disser uma só palavra, como é que ele vai poder discutir com você?

— Mas é impossível deixar de falar. Ele é irritante!

— Não é impossível nada. Cale a boca e depois me diga.

Margarida foi para casa descontente,

mas muito cheia de coragem. Ouvir as impicâncias de Alfredo sem retrucar, parecia-lhe uma coisa sobre-humana. Mas era preciso experimentar.

Esperou Alfredo sem se preocupar com o que ele pudesse dizer disto ou daquilo. Sem medo, sem atitude belicosa, sem nada. Ela não ia discutir mesmo, para que se preocupar? Era deixar o barco correr.

Alfredo abriu a porta, fechou a porta e perguntou, de longe, com ar de briga:

— Tem água ou não tem água? Porque se não tiver água nessa porcaria de torneira eu faço um escândalo dos diabos!

Margarida quieta.

— Tem ou não tem?

E foi direto à torneira. Por uma simples casualidade, tinha. Alfredo voltou flechado para ela.

— Ah, tem água. Ainda bem que aconteceu que tem água. Porque havia de ter muita graça se não tivesse! Um homem passa o dia inteiro nesse forno que é a repartição, sua, cansa-se, fica exausto e depois chega em casa e não tem sequer o direito de tomar um banho! E por que? Porque a torneira está seca. Então se a torneira está seca, ele que se dane! Que fique suado, pegajoso, cheio de poeira e ainda por cima de cara alegre. Sim, senhor, de cara alegre! Se mostrar aborrecimento, a mulher salta logo com duas pedras nas mãos! De cara alegre, não é? De cara alegre, porque senão terá que ouvir insultos de toda espécie!

Margarida firme.

— Ou você acha que não? Será que vai me dizer que não é capaz de uma coisa dessas, que eu estou inventando mentiras? Ah, é bem possível! Ainda por cima terei que ouvir mais essa. Mentiroso. O que eu digo não representa nada, é tudo falso. Minha mulher é incapaz de abrir a boca e me dizer grosserias. E' uma santa! Uma santa! Santinha do pau ôco!

Margarida sentiu um frio na espinha, um calor na boca do estômago e uma coisa indescritível na ponta da língua. Mas resistiu.

— E eu que me queixe para ver! — berrava Alfredo.

E então descobriu que estava monologando, não gostou e gritou para ela:

— Engoliu a língua? Não sabe mais responder?

Margarida ergueu-se, apanhou uma toalha de banho, sabonete, pente, botou tudo diante dele e tornou a sentar.

— Ah, aqui está a minha toalha, o meu sabão, o meu pente. Vá se lavar, desgraçado! Vá se lavar! E' isso que você quer dizer. Estou compreendendo. Pois saiba que se estou sujo assim, é um sujo honrado, um sujo de trabalho! Se eu fosse um vagabundo, a estas horas estaria muito limpo e perfumado, muito bem penteado, hein! Muito bem vestido e arranjado. Mas não sou, ouviu? Sou um homem do trabalho!

E foi tomar banho esbravejando.

Margarida descobriu, com o correr dos dias, que calar a boca é um dos exercícios mais difíceis de praticar. Mas não era mulher que recuasse diante de uma dificuldade. Continuou o programa, ainda que penosamente. No fim de algum tempo, começou a sentir um certo prazer em se calar. Era parecido com o prazer mórbido que os faquires sentem quando as pontas dos pregos começam

a fazer parte do seu conforto diário. As vezes a provocação tomava proporções tremendas. Margarida remexia-se, ia de um lado para outro, mas dizia para si mesma:

— Eu aguento mais esta. Eu aguento. E aguentava.

Era impossível Alfredo não ceder diante daquela coragem. Mas Alfredo não cedia. Essa é a verdade nua e crua. Não cedia. Parecia mais exasperado. As vezes Margarida tinha a impressão de que ele ficava meio humilhado com o silêncio dela. Mas não cedia. Era o mesmo, sempre. Até que um dia Alfredo surgiu com uma fórmula nova. Tinha inventado um processo de dialogar com a mulher sem que ela abrisse a boca. Nesse dia Margarida ficou alarmada.

— Ah, — dizia ele, — eu chego em casa a estas horas e você fica me olhando como se eu fosse um criminoso. Quase hora e meia depois do trabalho. Sim, senhor! E qualquer pessoa sabe que daqui à Prefeitura ninguém leva mais de vinte minutos. No entanto, direi eu, que sabe você de condução? Que sabe você desse negócio de ficar na fila, uma hora sobre um pé, outra hora sobre outro? Não sabe nada! Mas, dirá você: — se você, Alfredo, quiser tomar um bonde, não precisará ficar na fila! Onde! Bonde, direi eu! — Quem é que consegue entrar num bonde a uma hora dessas? Aquilo todos os dias é pior que a Tomada da Bastilha! E então dirá você: — todos enfrentam essa luta, só você é que não pode? Será que você está assim tão acabado, Alfredo? E direi eu: — não estou acabado, não, senhora, mas se passar dias e dias me socando entre o povo para conseguir um lugar no bonde, ficarei acabado!

Respostas que não dava. Era um sistema novo, vinha aliviar um pouco a monotonia.

Foi quando conheci Margarida. Aos poucos, timidamente, ela me contou que agora não se importava mais com as brigas. Estava habituada. Não se queixava. Tantos maridos davam para beber! Quantos não viviam por aí atrás de outras mulheres. Muitos, ela sabia de uma quantidade, empregavam pelo menos um terço do ordenado no jogo de bicho. Alfredo não. O vício dele era aquele. Chegava em casa e falava três quartos de hora. Quando a discussão dele com ele mesmo ficava muito acalorada, chegava a render umas duas horas e meia.

Depois se acalmava, lia o jornal, passava um serão sossegado. Iam a um cinema, faziam visitas.

Um dia Margarida se excedeu um pouco na confidência e me disse, com um ar de triunfo:

— Você nem pode calcular. Eu às vezes dou cada resposta!

E, depois, caindo em si, explicou:

— Isto é. Alfredo inventa cada coisa para eu dizer! Mas de achar. Até ele fica meio atrapalhado para se sair bem. Minha amizade com Margarida durou pouco. Ela adoeceu inesperadamente e, antes que se soubesse direito qual era a sua doença, morreu.

Ficou o pobre Alfredo abatido, como mais abatido não podia ser. Meteu-se com a sua viuvez, andava de preto, não visitava mais ninguém. Um dia fui vê-lo. Recebeu-me com muito carinho, mandou servir um café bem perfumado, me presenteou com um pacote de cigarros que

tinham dado a ele, mas de que não gostara. E sem que eu desse a menor razão, começou a falar, zangado, do costume que têm os vendedores ambulantes de impingir toda sorte de quinquilharias na gente. Aos poucos foi deslizando para o diálogo.

— Se minha finada esposa estivesse aqui, diria logo: — Mas Alfredo, ninguém é obrigado a comprar! E eu diria: — Não é obrigado a comprar e não devia ser obrigado a aturar tampouco! Isso devia ser proibido!

Foi se expandindo, falou, a finada respondia: aquilo durou um tempo enorme. Depois me despedi e nunca mais voltei.

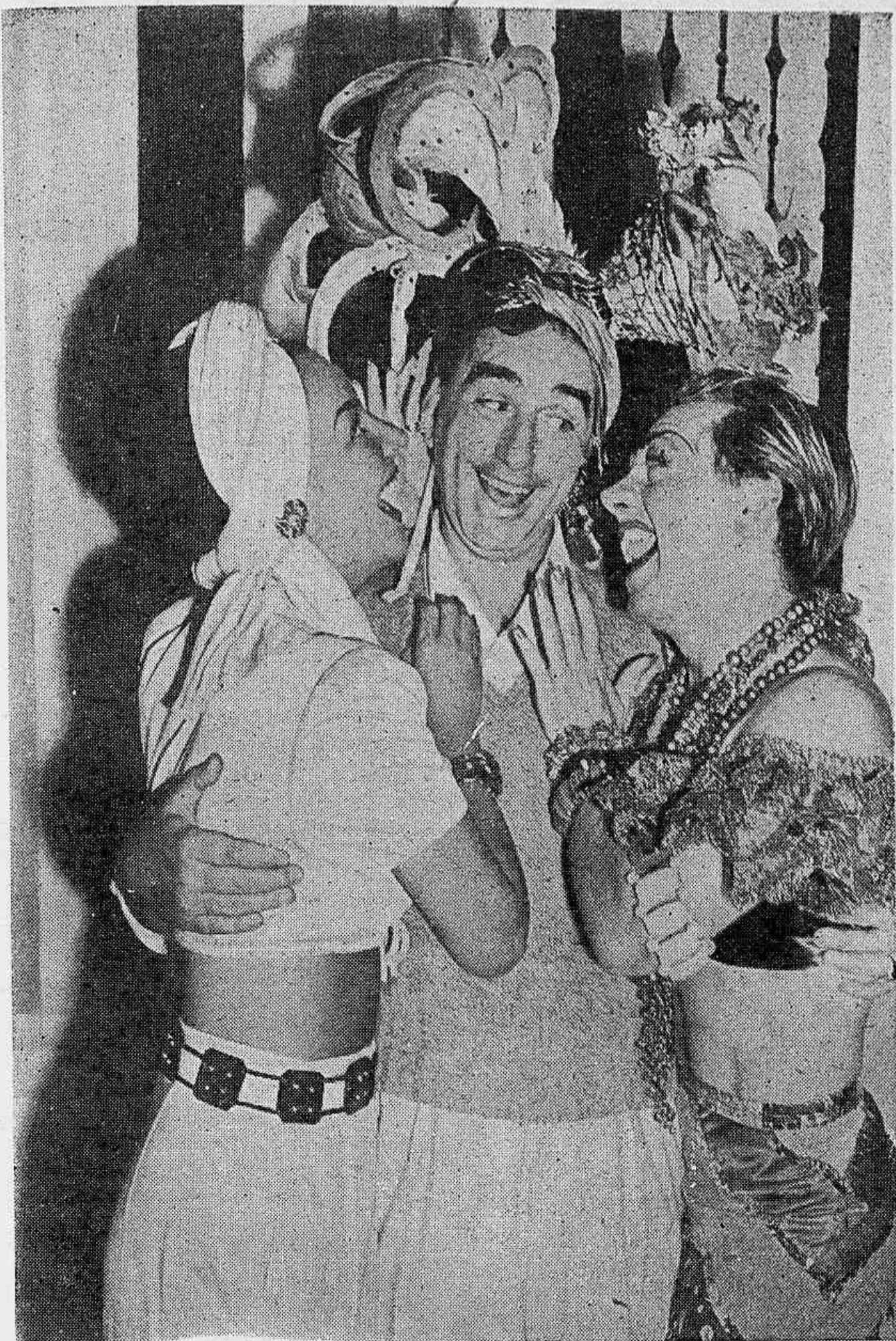
Pobre Margarida! Se fosse viva me teria dito, com um ar escandalizado:

— Eu agora dei para dizer cada nome feio!

E ficaria muito preocupada com a opinião que os vizinhos haviam de fazer dela.







Na página ao lado: Mickey Rooney está "queimado", não quer saber mais de ser Andy Hardy. Em cima, a esquerda: Mickey, o incrível, imitando Carmem Miranda, ao lado desta e do diretor Busby Berkeley. A direita: Mickey, ao lado do seu velho camarada Luís Serrano, nosso correspondente, no estúdio da M.G.M.

O INCRÍVEL MICKEY ROONEY!

ALÉM DE ATOR, CANTOR, DANÇARINO E MÚSICO, É TAMBÉM POETA E COMPOSITOR — SUAS MÚSICAS E LETRAS FORAM TODAS PUBLICADAS COM O PSEUDÔNIMO DE LARRY GREENWOOD, EMBORA MICKEY ROONEY JÁ SEJA UM PSEUDÔNIMO DE JOE YULE JUNIOR.

Por LUÍS SERRANO



(Correspondente especial de
REVISTA DA SEMANA em Hollywood)

MICKEY ROONEY é um assunto sempre novo... Ainda agora, a propósito de insubordinação, há quem lembre que, em princípios de 1940, numa bela manhã de sábado, saiu uma tremenda confusão num set da Metro-Goldwyn-Mayer. Filmava-se uma película da série Andy Hardy, e o produtor fez questão de terminar uma cena naquele mesmo dia, ainda que fosse preciso manter a turma trabalhando durante toda a noite. E o bamba da turma, o travesso Mickey Rooney, declarou que não podia ser. Tinha um compromisso com uma "tetéia" para aquela noite e não queria perder a ocasião... que era das melhores. Depois de muita discussão apareceu Carey Wilson, o homem que sabia lidar com a ferinha, e resolveu o caso. E em vez de trabalhar somente até as onze da noite, como lhe haviam prometido, Mickey só saiu do estúdio às três da manhã. Perdeu o baile com a garota e ficou furioso... mas acabou se acalmando. Nesta época, Mickey acabara de ser eleito pelo público e exibidores campeão de bilheteria de 1939, posto que manteve durante três anos seguidos. Tinha dezenove anos e já era tido como o mais talentoso e versátil ator de toda a cinematografia. Alternava entre as comédias da série Família Hardy e os musicais com Judy Garland, em que dançava, cantava, tocava piano e ba-

teria e ainda fazia imitações. Fizera um dos grandes papéis de "Sonho de uma noite de verão" aos quatorze anos; equiparara-se dramaticamente a Spencer Tracy em "Com os braços abertos", e faria ainda um memorável papel em "A Comédia Humana". Era então a mais valiosa propriedade da indústria... e ganhava apenas 750 dólares por semana, menos do que qualquer coadjuvante sob contrato com a Metro.

Em 1940, como ainda hoje, Mickey tinha um metro e cinquenta e quatro de altura, com um rosto não muito diferente de uma laranja murcha, e vivia numa impaciência quase doentia por crescer, tanto física como profissionalmente. Nunca teve outra coisa a oferecer a não ser talento, isso desde os dois anos de idade, quando muitos o julgavam anão. Nasceu com uma pôse de adulto e cordas vocais abaritonadas, que desafiaram a infância e a juventude. Aos seis anos começou a personificar Mickey McGuire nas célebres comédias, abandonando o papel aos doze anos, depois de setenta e oito películas. Considerado como o melhor promotor garoto do cinema, devido à sua cara de velho, Mickey não encontrou competidores nos dois anos seguintes. E, embora valendo três homens na bilheteria, era tratado mais como um garoto precoce do que como um futuro ator. Como Andy Hardy, só envelheceu três meses



Mickey Rooney, num flagrante de seu novo filme, no qual encarna a figura de um pugilista peso-mosca.



por ano, na tela. Quando os Hardy foram apresentados, em 1937, ele fazia um rapazinho de dezesseis anos. Dez anos depois ninguém lhe daria mais de dezenove.

No ano passado Mickey adquiriu maturidade profissional tão subitamente que se pode classificar como a mais vigorosa metamorfose da história do cinema. Anteriormente um dos menos bem pagos atores da carreira, está hoje cumprindo um contrato que lhe dá 5.000 dólares semanais durante quarenta semanas por ano, sendo que ainda recebe 5.000 dólares por semana no rádio. E pode ainda conseguir cerca de 25.000 semanais, em "turnées" de apresentação pessoal, caso esteja disposto a complicar seu problema de imposto de renda, como fez durante sete semanas, em 1946. Atualmente está ganhando, bruto, entre 500 e 700 mil dólares por ano, dependendo dessa variação das apresentações pessoais.

Sam Steifel, antigo empresário teatral de Filadélfia, é o camarada que fez de Mickey o mais rico pilantra do mundo. O contrato de Mickey expirou durante a sua permanência no exército. Sam Steifel mexeu tão bem os paizinhos que não só conseguiu para o pupilo uma situação condigna, como também o direito de rejeitar papéis e organizar um programa próprio de rádio. E conseguiu ainda organizá-lo em firma pessoal, "Rooney, Inc.", a fim de melhor administrar-lhe os bens e negócios.

Muito breve o público terá uma irrecusável prova da maturidade de Mickey, na sua nova película, "Killer McCoy". Num papel adulto pela primeira vez na carreira, Mickey faz um duro e truculento lutador de box. Como se vê, uma radical transformação; de Andy Hardy, típico garoto americano, para McCoy, o Matador.

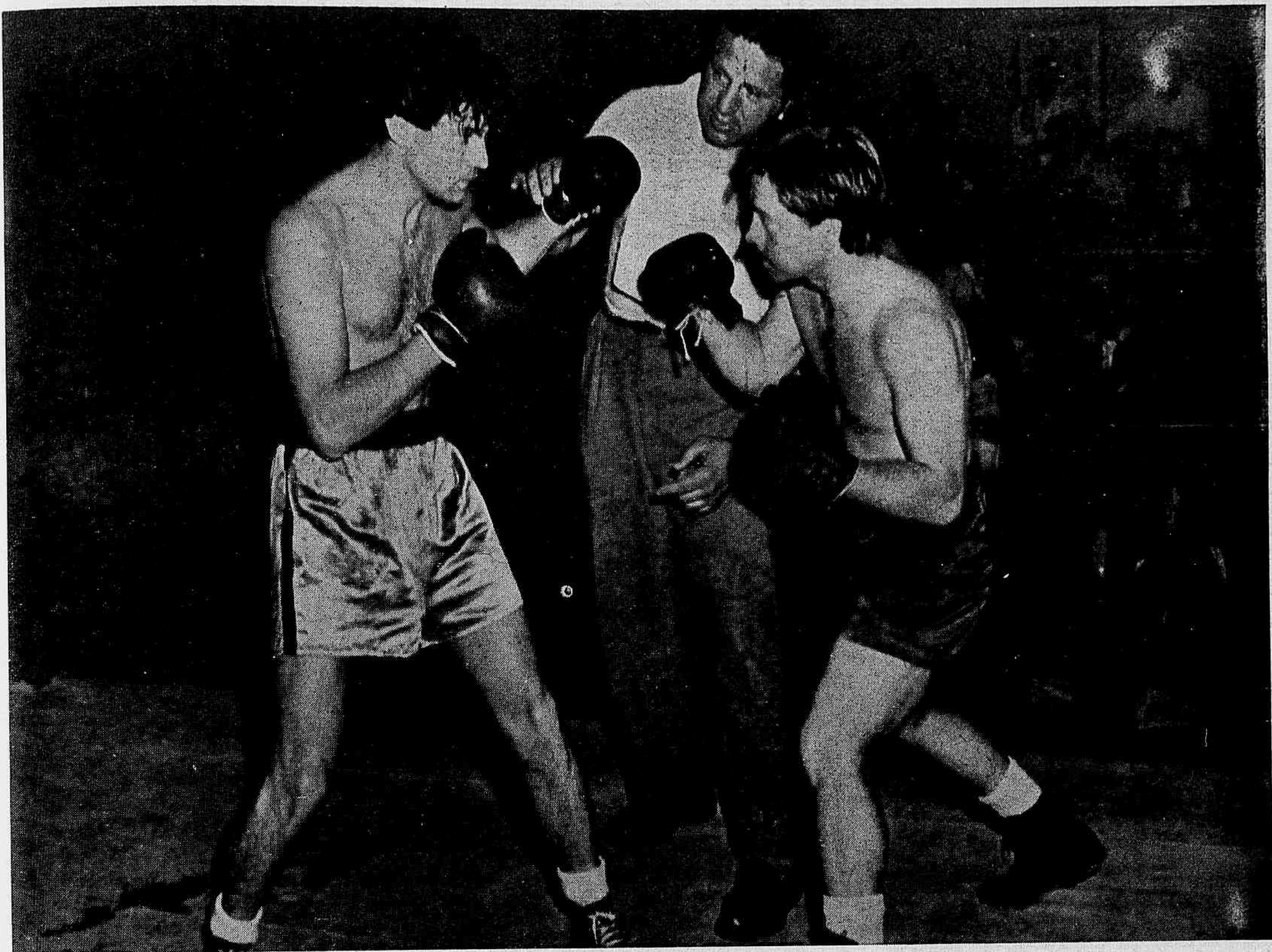
— Nunca mais farei filmes de Andy Hardy — afirma ele. — Já estou cheio daqueles papéis bestas, insípidos. Até quando pode um sujeito personificar um garoto deido? Estou com vinte e sete anos. Já me divorciei uma vez e estou separado de minha segunda esposa. Tenho dois filhos, meus. Passei dois anos no exército. Já é tempo de o juiz Hardy me dar de presente um terno de calças compridas. Estou cansado de musicais, também, embora ainda topasse trabalhar em "Finian's Rainbow", o grande sucesso da Broadway, que tem um papel feito de encomenda para mim... De agora em diante só quero fazer filmes dramáticos, onde tenha "chance" de representar de verdade. Fu conheço bem a conversa deles. Devido ao tamanho, tenho de personificar meninos, até que morra de artério-esclerose. E isso não me interessa. Uma vez lançado "Killer McCoy", nunca mais precisarei me preocupar com outros papéis. Sei bem que não vou crescer mais, e sei também que nunca serei um Robert Taylor, mas posso muito bem fazer tipos como os que celebrizaram James Cagney e Edward G. Robinson. E eles não são muito maiores do que eu. Muita gente pensa que choro o meu tamanho, mas, palavra, é a última coisa que me preocupa neste mundo.

E dizendo isso, parece que ele é sincero. Se não, vejamos as duas moças com quem se casou, ambas cerca de um palmo mais altas do que ele. Ava Gardner, a primeira, quando procurou a corte de divórcio, alegou que o esposo raramente ficava em casa, e quando ficava era fazendo as coisas mais esquisitas que se possa imaginar. E o mesmo motivo originou a temporária separação da segunda esposa, Betty Jane Rase, que ele desposou em 1944, pouco antes de partir para a guerra.

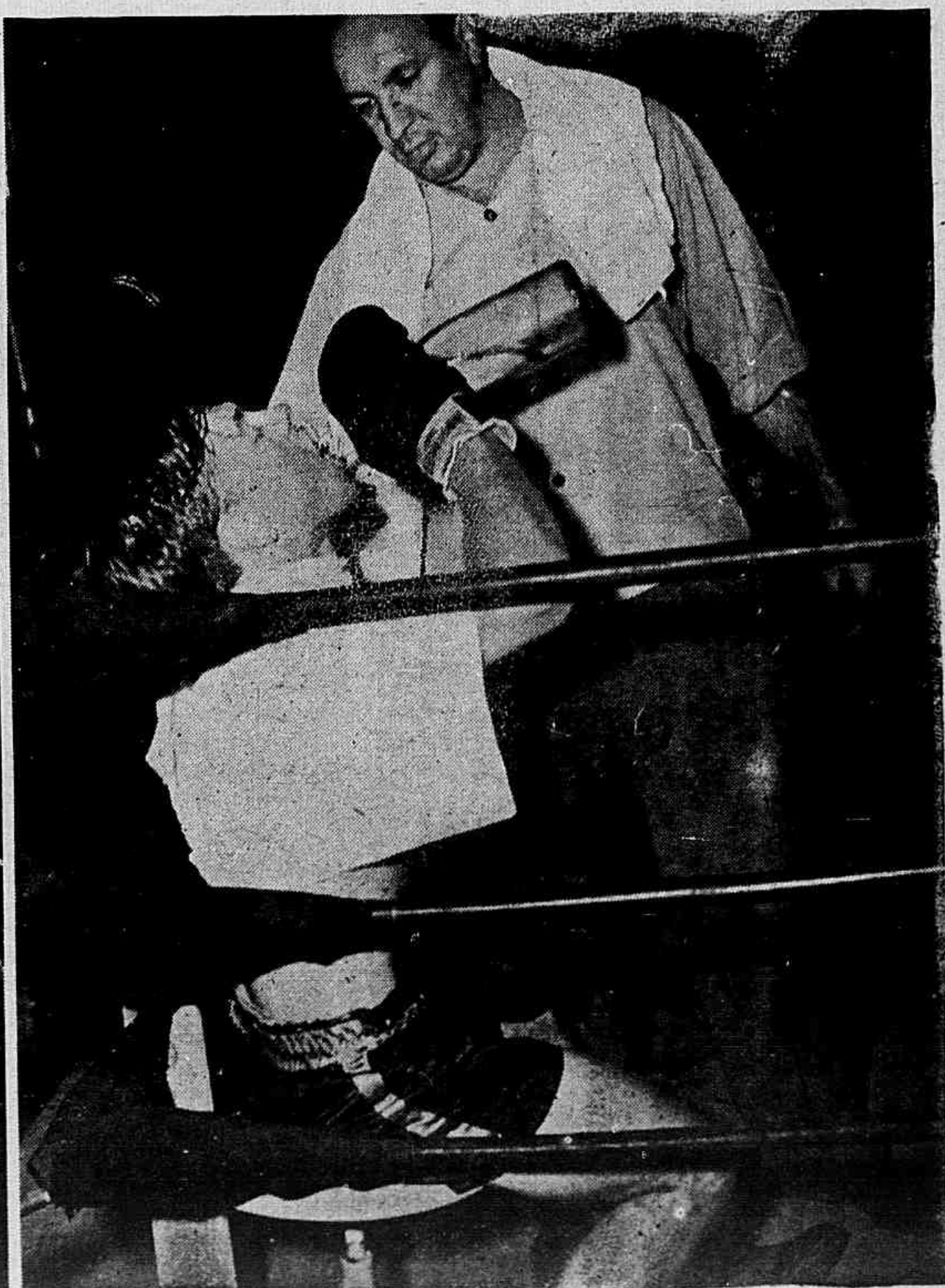
Em Hollywood Mickey é considerado como um "faroiteiro" de marca maior, mas isso também não o preocupa, pois acha que, agindo como age, está simplesmente dando vasão à

(Cont. na pág. 42)

Mickey Rooney tocando bateria. Ele publica duas canções com o nome de Larry Greenwood.



Ao alto: Preparando-se para uma cena de pugilismo de "Killer Mc Koy", seu novo filme para a MGM. Em baixo, à esquerda: Na alfaiataria dos estúdios da Metro; à direita, numa cena de "Killer Mc Koy", filme no qual Mickey Rooney aparece como um pugilista.





O cinema norte-americano está cobrindo os serviços de Violeta Coelho Neto de Freitas. É possível que ela seja mais um nome brasileiro no cartaz cinematográfico internacional.

SEMPRE A «BUTTERFLY»

Nada mais grato, por outro lado, do que saber que tantos sacrifícios da nossa patricia foram compensados pelo louvor e pelos aplausos que obteve na América do Norte. Esperamos, também, que a «tournée» lhe tenha sido tão rendosa quanto foi brilhante... A viagem abriu novos horizontes à artista que temos em Violeta Coelho Neto de Freitas. Novas possibilidades de aperfeiçoamento e progresso surgiram. Desde sua estréia, em «Madame Butterfly», ela ficou, aqui no Brasil, associada a esse papel. Inúmeras foram as tentativas que fez para libertar-se, para renovar o seu repertório. Em todas as ocasiões foi aplaudida. Nunca, porém, com tanto entusiasmo como quando aparecia encarnando a triste «geisha». Seu temperamento dramático, os estudos, tudo a impelia para a procura de triunfos mais difíceis e mais completos. Agora, temo-la contratada para «Romeu e Julieta» e «Fausto», no Canadá, enquanto prepara «Salomé», de Strauss, e «Amor brujo», de De Falla. Ao seu repertório, assim, se acrescentam partituras que indicam, pelo critério em sua escolha, preocupações artísticas superiores.

Contudo, não é possível libertar-se, de uma vez por todas, de «Madame Butterfly» e, tanto assim é, que em Filadélfia Violeta Coelho Neto apresentou ao público americano sua famosa criação. Pode-se dizer que no papel de Cio-Cio-San Violeta Coelho Neto esgota as possibilidades dramáticas e musicais da obra de Puccini. Com efeito, diante da Cio-Cio-San de Violeta Coelho Neto é possível falar em criação de um papel, mantida em todos os planos. A figura frágil e patética, a graça ingênua do início, o vigor das cenas trágicas que culminam no final da ópera, tudo isso é realçado e completado com a voz de timbre suave, emitida com segurança.

Rossini dizia que há três tipos de cantor: o que tem voz mas não sabe cantar, o que sabe cantar mas não tem voz, e o que nem tem voz nem sabe cantar. Em que pese a maledicência do compositor de «Barbeiro de Sevilha», Violeta Coelho Neto de Freitas tem voz e sabe cantar. E não é só isso. O bailado, que estudou, deu-lhe desembaraço e elegância nos gestos e nas atitudes. As suas qualidades de atriz completam o quadro.

Pois bem, ainda que nessas condições excepcionais, Violeta Coelho Neto foi encontrar um aperfeiçoamento, em Filadélfia. Foi de Toscanini a idéia de mudar uma palavra do libreto, obtendo, dessa forma, um extraordinário efeito, justamente num dos trechos mais conhecidos da ópera. A ária «Un Del di Vedremo», que termina com a palavra «Aspetto», passou a terminar, por sugestão do regente, com a palavra «Verrà». Assim, evita-se interromper o agudo que termina a ária.

SCALA DE MILÃO

É interessante registrar, aqui, a opinião de Violeta Coelho Neto a respeito da anunciada vinda de elementos do Scala de Milão ao Brasil. Em princípio, isso lhe parece muito bom, mas ela tem suas dúvidas a respeito dos artistas que acolheremos. Será, realmente, o primeiro «team» daquele tradicional teatro? Muito mais interessante seria escolher os elementos de maior destaque em todos os países e compor, assim, um conjunto de grande valor artístico.

Manifestando-se a respeito desses problemas, que nos trazem de volta ao assunto, — Teatro Municipal, — Violeta Coelho Neto de Freitas formulou um apelo ao prefeito no sentido de saldar esse débito em «cachets» que deixa o Brasil em posição desprimorosa, pedindo, também, para o Teatro Municipal um destino melhor do que o que lhe estará reservado nas mãos dos responsáveis por essas temporadas que classificaremos, com toda a benevolência, de cheias de incidentes... Diante desse apelo só nos resta fazer côro e dizer amen.

Violeta Coelho Neto de Freitas, a jovem cantora brasileira, vitoriosa nos Estados Unidos. Está contratada também para atuar no Canadá.



MÚSICA

De ROBERTO LYRA FILHO
(Especial para REVISTA DA SEMANA)

A VOLTA DE VIOLETA COELHO NETO DE FREITAS — UM CANTOR QUE VALE POR TRÊS — REPERCUSSÃO INTERNACIONAL DO CASO DO TEATRO MUNICIPAL — TOSCANINI CORRIGIU UM ÉRRO — SCALA DE MILÃO.

CARUSO costumava dizer que foi no Teatro Colón, em Buenos Aires, que passou a noite mais fatigante de sua vida. Devia cantar, ali, «I Pagliacci», de Leoncavallo. Aconteceu, porém, que, à última hora, chegou uma notícia tremenda: o barítono adoecera! Quem cantaria o famoso Prólogo? Poderiam, facilmente, substituir, no papel de Tonio, o artista indisposto. O Prólogo, porém, que abre o espetáculo, trecho de tremenda responsabilidade, não era coisa secundária para ser confiada a qualquer um! Que fazer?

O empresário só não arrancou os cabelos porque, segundo consta, não os tinha. Mas, de qualquer forma, soube traduzir, com eloquência, o seu desespero. Tanto assim que despertou a piedade de Caruso.

— Quer fazer uma loucura? — perguntou o cantor.

— Eu já estou louco — gemeu o empresário. — Louco de preocupação!

Caruso sorriu.

— Pois bem, sabe o que eu vou fazer? Vou cantar o Prólogo!

— Como?!... O Prólogo deve ser cantado por um barítono e não por um tenor!

Mas essas «pequenas dificuldades» não desanimaram Caruso.

— Ora, quem não canta o Prólogo? Você vai ver!

Apesar de surpresa, o público ficou encantado. Caruso jamais cantara tão bem... como barítono...

Mas aquela récita deveria ficar definitivamente conhecida como a das doenças súbitas. No segundo ato, o Arlequim sentiu-se mal. E Caruso, já entusiasmado com sua capacidade de fazer milagres, cantou a serenata de Arlequim. Um corista substituiu o Arlequim. E Caruso voltou ao seu papel — o único que ele deveria cantar, se não fossem aquelas circunstâncias excepcionais, o papel de Canio. Pois bem, depois daquele esforço todo, a ária «No, pagliaccio non son» saiu-lhe mais perfeita do que nunca.

Não lembrei esse episódio com o pensamento voltado para o nosso Teatro Municipal. Mas já agora me ocorre que muito breve chegaremos à situação em que andou o Colón, se não tomarmos providências urgentes. O caso da remuneração de artistas estrangeiros, que até agora não receberam seus «cachets», foi lembrado, recentemente, por Violeta Coelho Neto de Freitas. Lá nos Estados Unidos, onde conseguiu um sucesso excepcional, conforme depõe a crítica americana, Violeta Coelho Neto ouviu comentários irônicos, que deixam mal o Brasil, e, sabendo da situação, não pôde contestar. Aliás, como ela própria informou, há dois anos trabalha «de graça», apesar das verbas que correm para as empresas concessionárias...

ERA um homem encantador, de maneiras encantadoras. Aceitava com displicência o renome. Tinha o hábito de viajar incógnito a fim de não ser acossado pelos admiradores. Era bonito. As raparigas apaixonavam-se facilmente por ele. Uma rica benfeitira sustentara-o durante treze anos. Um homem típico de sociedade para insinuar-se nas graças de uma das mulheres mais ricas de Moscou. Falava e bebia fluentemente, embora nunca ninguém o visse bêbedo. Cavalheiro até a ponta dos dedos. Se jamais existiu alguém que devesse ser invejado, diziam os amigos, era esse homem.

Sem embargo, era infeliz. Podiam duquesas russas e milionárias americanas esmerar-se, à porfia, por festejá-lo e derramar sobre ele a sua adoração, mas nenhuma idéia de vaidade, nenhum sopro de romance lhe penetrara jamais o coração. As suas melodias faziam dançar toda a gente — exceto ele. Houvera, é verdade, um casamento, mas esse casamento terminara em abrupto desastre. Não se lhe detinham os olhos nas mulheres nem os ouvidos ouviam ternos murmúrios de amor. Dizia-se que ele tinha medo ao amor, à amizade, a todo e qualquer contacto humano. Sempre que assistia a um concerto das próprias músicas, sentava-se na galeria superior e de tal maneira se encolhia que ninguém era capaz de reconhecê-lo. Observava, certa vez, a um amigo: «Você se admira de que um homem que tenha logrado êxito se lastime da fortuna? Pois bem, o êxito não pode jamais compensar o sofrimento»...

Ele era só, porque era grande, como uma estátua colocada sobre um pedestal, que pudesse olhar por cima das cabeças da multidão mas não pudesse descer para sentir o contacto de u'a mão humana. Pode uma estátua inspirar veneração, mas não pode exigir amor.

Havia uma única pessoa que tinha intimidade com Tchaikovsky — Nadyezhda von Meck. Tratava-se, porém, de uma intimidade por correspondência. Os dois admiradores nunca se encontraram, pôsto vivessem, às vezes, a poucos metros de distância um do outro. Madame von Meck era uma viúva que possuía uma ninhada de filhos, hábitos conservadores, um amor apaixonado à música e uma rica propriedade. Ouvira um arranjo para piano da abertura «A tempestade» de Tchaikovsky. Nobre música! Algo melancólico, é verdade, mas a própria melancolia lhe quadrava ao melancólico temperamento. Pediu-lhe que continuasse a compor. Não sabia nada da vida dele senão o que ele lhe contava em suas cartas. Filho de um engenheiro... estudara Direito... preparara-se para um cargo do governo, mas «sucumbira diante da insânia da música»... estudara com Rubinstein no Conservatório de Moscou... e agora, aos trinta e seis anos, vogava «ao sabor das ondas, no mar dos sons, sem encontrar à vista a seguridade de um pórtico».

Madame von Meck determinou-se a prover Tchaikovsky dessa seguridade.

II

Tchaikovsky, não raro, sentia possuí-lo uma sensação esquisita quando caminhava pelas ruas ou regia no Conservatório. Dir-se-lhe que a cabeça estivesse prestes a cair-lhe dos ombros. Era um caso mau de nervos. Câibras cardíacas, dores de cabeça e crises de indigestão. Onde quer que fosse levava sempre consigo um pouco de bicarbonato de sódio. A primeira vez que lho haviam recomendado, lera mal as indicações e colocara meia colher de chá, com água, num copo de bicarbonato. Os aflitivos resultados, porém, obrigaram-no a ler com mais atenção a bula.

No Conservatório, era tido por um enigma. As raparigas conseguiam, com minos, grangear favores de todos os mestres, exceto de Peter Ilich, que se mantinha impermeável aos seus encantos. Não obstante, mostrava-se sempre um gentilhomem, embora frio, aristocrático e distante.

As suas preocupações financeiras haviam desaparecido. Recebia regularmente a mesada da mulher que lhe adorava a música, além do salário percebido como professor de harmonia no Conservatório Rubinstein.

Contudo, continuava a ser, como sempre, um infeliz. Dizia-se mal dele, que



TCHAIKOVSKY

A VIDA DE TCHAIKOVSKY

PETER ILICH TCHAIKOVSKY — (1840-1893)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

era esquisito, que era incapaz de amar normalmente uma mulher mas que, não obstante, tinha aventuras de amor — porém «não com mulheres». A fim de silenciar essas murmurações ultrajantes, o irmão o aconselhou a que se casasse.

Ele concordou. Far-lhe-ia bem o casamento se lograsse encontrar a mulher que lhe conviesse. E enquanto Tchaikovsky se entretinha em procurar essa mulher, a mulher o encontrou. Era uma criaturinha moça, atraente, histérica e agressiva. Tinham-se conhecido no Conservatório e ele mal se apercebera dela. A rapariga, porém, principiara a bombardá-lo com cartas desesperadas, suplicando-lhe fosse visitá-la. Ele foi, viu... e ela venceu. «Em fins de maio, para a minha própria surpresa», escreve ele ao irmão, «fiquei noivo».

Chamava-se a noiva Antonina Millukoff. Ameaçara suicidar-se se ele não se casasse com ela. Peter cedera, unicamente por fraqueza, avisando-a de que a não poderia amar, de que era pobre, insociável, irritável por natureza e intratável. Casaram-se e, por um momento, Tchaikovsky foi feliz. As murmurações, pelo menos, haviam cessado...

O noivo e a noiva tomaram um trem em Moscou para fazer a viagem de núpcias. Para Tchaikovsky foi um período de tortura. Diligenciara, a princípio, acalmar-se na crença de que, embora tivesse cometido um erro, a esposa, ao menos, o amava e nunca faria deliberadamente coisa alguma que pudesse tornar-lhe infeliz a existência. Obrigara-se a tagarelar com ela a despeito do seu desejo de encolher-se a um canto, a sós com os seus temores. Antonina sorria corajosamente, sem perceber que a tempestade rugia dentro dele. Por fim, contou-lhe a verdade. «Não devo

iludí-la. Você não pode esperar de mim senão um amor fraternal». Para ele, fisicamente, ela era repulsiva. Ela — e as demais mulheres. Ele buscara, com todas as suas forças, lutar contra a própria natureza, mas debalde. Sim, Peter era esquisito.

A história dos dias subsequentes da sua breve ventura matrimonial vem referida nas cartas escritas por ele à mulher que o compreendia e que lhe adorava a música. «Nadyezhda... aqui está, sucintamente, quanto padeci desde o dia dezoito de julho, data do meu casamento». Contou-lhe que a esposa não podia, de maneira alguma, ser responsabilizada pela repugnância que inspirara a ele. Após uma semana de casados, entretanto, ele fugira de Moscou alegando tratamento de saúde, e pedindo a Antonina que mobilasse um apartamento que pudessem ocupar quando fosse do regresso dele. Peter voltou. «A terrível existência arrastou-se por alguns dias. Eu bebia uma boa quantidade de vinho. Antonina não me amedronta... Abate-me, apenas. Pobrezinha, tem feito todo o possível para tornar agradável a minha vida. Sem embargo, olho para tudo isso com a mais profunda repugnância». O grito medonho continuava a espantar-lhe o ouvido interior: «Sou um anormal!». Forcejara simular que era como os outros homens. Mas para que? Moscou inteira estaria falando! Ao passo que ela lá se quedava, sorrindo para ele, fazendo tudo para o conforto dele, preparando-lhe o chá, desapertando-lhe as botas, ele a odiava com vesana paixão avassaladora. Ele poderia travar-lhe do pescocinho com as mãos e forçá-lo, para que ninguém mais volvesse a perguntar: «Como vai a sua Antonina, a sua linda mulherzinha? Por que é que

você anda, à noite, sozinho pelas ruas? Por que não são vistos os dois juntos nas casas dos amigos?». Oh céus, já não lhe era possível sofrê-lo por mais tempo! Precipitou-se para fora do apartamento e pôs-se a correr cegamente pelas ruas escuras da cidade, a gola do casaco levantada, o chapéu desabado sobre os olhos. Quando deu por si estava à beira do rio Moscúvia. Penetrou as águas geladas, até a cintura, e retornou depois, cambaleante, a casa, anelando por apanhar uma pneumonia e morrer. Vinte e quatro horas depois, os parentes, que se haviam precipitado para junto de seu leito, encontraram-no delirante. Os médicos nutriam parcas esperanças de restabelecimento, temendo, porém, que ele ensandecesse se não fugisse de Moscou. Peter tinha necessidade de um longo repouso, a sós. «Ele acaba de passar por uma tensão muito grande. Qualquer coisa o abalou terrivelmente». Os irmãos apertaram os lábios. Haviām compreendido.

III

Mandaram-no para um sanatório às margens do lago de Genebra. Ele esquivara-se à intolerável existência. Uma coisa era certa — era preciso que nunca mais visse a esposa, que obtivesse uma separação e que voltasse à sanidade da própria música. «Com a ajuda de Deus, Peters», escreveu Nadyezhda, «você recobrará a saúde... A música volverá a interessá-lo e a encher a sua vida... Você reencherá o seu trabalho com a nossa próxima sinfonia. A nossa sinfonia!». Num rasgo de gratidão à generosidade de Madame von Meck ele lhe dissera que pretendia dedicar a ela a sua nova sinfonia. Era a «Quarta», uma sinfonia concebida na aflição. «Querida, suave Nadyezhda Philaretovna, pode ser que eu esteja enganado, mas creio que a minha sinfonia é algo fora do comum, a melhor coisa que fiz até agora». Nadyezhda enviou-lhe dinheiro para pagar as despesas da impressão da música. Ela tencionava viajar para espalhar-lhe a fama por toda a Europa. Nesse momento, porém, aguardava com ansiedade a partitura a fim de que pudesse devorá-la, nota por nota. Não tinha dúvida nenhuma a respeito do seu êxito final, conquanto não tivesse sido ainda completada e ela não conhecesse da música trecho nenhum. Mas Peter é que a havia escrito e, portanto, não podia ser senão uma melodia vinda de Deus.

Tchaikovsky não compartia dessa certeza a respeito do destino da sua «Quarta Sinfonia». «Qual será a sua história? Viverá ela depois que o autor houver desaparecido da face da terra? Não sei».

Ele achava-se em Florença, quando a sinfonia foi, pela primeira vez, apresentada em Moscou. Durante muito tempo não teve notícias do que fora feito dela. Afinal, Madame von Meck escreveu-lhe dizendo que a sinfonia fora bem recebida, especialmente o terceiro movimento, o pizzicato, acerca do qual expressara o autor grandes esperanças. Ainda assim continuavam silenciosos os colegas do Conservatório. Quando um homem põe toda a alma num trabalho espera que sejam reconhecidos os seus esforços — e se não necessariamente louvados, pelo menos notados. «Estou profundamente magoado e surpreendido ante o silêncio incompreensível de toda a gente pelo que respeita à sinfonia», escreveu à Madame von Meck. «Eu esperava que essa sinfonia viesse ao menos a interessar os meus amigos músicos, mesmo que não os comovesse de maneira profunda».

A crítica oficial surgiu, por fim, na carta de um colega do Conservatório. O primeiro movimento era demasiado longo, dando a impressão de um poema tônico ao qual tivessem sido acrescentados três movimentos adicionais. O resultado era uma mistura em lugar de uma sinfonia. «A fanfarras das trombetas, na introdução, é exageradamente programática. Todos os movimentos parecem prestes a romper numa música de ballet — um erro estilístico que estraga o efeito de conjunto». Tchaikovsky respondeu asperamente a essa carta. «É claro que a sinfonia é uma música de programa» — não adiu que era a expressão musical da tragédia terrível que ele experimentara — «e que é que tem a música de programa? O meu trabalho é feito à imitação da «Quinta Sinfonia» de Beethoven — não pelo que toca ao conteúdo musical, mas no que concerne

à idéia básica. Não vê você um programa na Quinta?». De fato, a «Quarta Sinfonia» de Tchaikovsky tinha um programa definido. «Não há nela uma única frase que eu não tenha sentido profundamente; todas as suas notas são outros tantos ecos da parte mais sincera da minha natureza». Que mal havia na insistência rítmica das trombetas que apresenta a sinfonia e é o germe de toda a música? E' o Destino, essa força cega e implacável que obsta para sempre à realização das esperanças do homem. «E' a espada de Dâmoqueles, que paira sobre as nossas cabeças num incessante tormento espiritual... A medida que o nosso desespero se torna cada vez mais forte, buscamos fugir à realidade e mergulhamos na ilusão dos sonhos... A pouco e pouco os nossos sonhos assestam-se na alma. E aqui está, enfim, a felicidade!... Mas não, é apenas uma miragem e tornamos a despertar ao chamado do destino». A vida de Tchaikovsky era uma alternância de fantasia e realidade, de ventura e angústia. Estados exultantes de espírito quando compunha a sua música, idéias de suicídio quando obrigado a enfrentar o mundo — ele, que tinha uma alma de mulher — e a simular que era um homem...

Não há de o homem, contudo, enroscilhar-se para sempre aos próprios sofrimentos. Momentos há em que é bom fugirmos de nós mesmos, esquecermos as tristezas passadas e as esperanças futuras, e vogarmos, impessoalmente, fora do tempo e do espaço, sentindo, em vez de emoções definidas, uma sucessão de caprichosos arabescos, essas imagens intangíveis que nos perpassam no espírito quando, tendo bebido vinho, sentimos os primeiros sinais da embriaguez. Não sente a alma alegria nem tristeza... De repente, acode ao espírito a imagem de um camponês bêbedo, ouve-se uma breve canção de rua... Brada-nos, improvisadamente, uma voz: «Se não podes encontrar alegria dentro em ti mesmo, procura-a nos outros. Procura o povo. Vê — vê como ele sabe aproveitar, da melhor maneira possível, o seu tempo». Se o prazer não é dado a Peter Tchaikovsky, fuja ele aos sombrios pensamentos e observe como os outros se entregam ao prazer. «Vê como são alegres os demais! E quanta ventura existe em ser-se guiado por sentimentos tão simples!». Tal é a significação da «Quarta Sinfonia». E tal é, para Tchaikovsky, a significação da vida. A gente só pode sobrepujar a tristeza do próprio destino, regozijando-se das alheias alegrias.

IV

Continuou a estranha amizade entre Tchaikovsky e a mulher que, embora só lhe conhecesse o aspecto físico através das fotografias que ele lhe mandara, lhe conhecia os mais íntimos pensamentos. Com fino tato e bondade feminina vingara Nadyezhda obter-lhe a completa confiança. Nunca procurou arrancar-lhe outras informações senão as que ele mesmo se dispôs a dar-lhe. Nas horas em que ele se desesperava ela o acari-nhava, ouvia-lhe as queixas, emprestava-lhe coragem para prosseguir, e conservava o lobo sempre afastado da porta da casa dele. Nenhuma outra mulher teria logrado jamais obrigar um homem orgulhoso e sensitivo como ele a aceitar uma mesada sua. Dizia, porém, a Tchaikovsky que, tendo-lhe cometido a feitura das suas músicas, não fazia outra coisa senão pagar-lhe o seu trabalho. No respeitante a finanças, Tchaikovsky era de uma incrível ingenuidade. Nunca trazia nos bolsos dinheiro suficiente, pois fosse qual fosse a importância recebida, gastava-a quase imediatamente. Certa vez um amigo lhe perguntou se ele tinha o hábito de empregar os seus capitais. A princípio, a pergunta surpreendeu-o. Depois, desatou a rir. «You-lhe contar onde realizei o meu último emprêgo de capital», disse ele. «No Hotel Kokorev, onde me hospedei, em Moscou. Onde realizarei o próximo é que não saberei dizer enquanto não conhecer o meu itinerário».

E por ser generoso em suas relações financeiras com os outros é que Tchaikovsky aceitava, sem embaraço, a generosidade de Madame von Meck, e não curava da estranheza das suas relações. Eram as relações entre mãe e filho e o laço que os mantinha unidos era a música que ele compunha. Fazia-se mister, todavia, que nunca se encontrassem,

pois, do contrário, as relações musicais seriam invalidadas por algo demasiadamente realístico e material para permitir uma amizade ulterior. Quando Nadyezhda deixou vazia a sua casa na cidade para fazer uma viagem ao estrangeiro, convidou Tchaikovsky a visitá-la em sua ausência, a examinar os seus livros e a considerar os seus quadros, de sorte que, ao voltar, sentisse ela a atmosfera impregnada da personalidade dele. Depois, no inverno de 1878, de Florença, onde passava as férias, ela fez um pedido ainda mais ousado. Convidou-o a ir àquela cidade e ficar numa casa de campo que ela prepararia a poucas milhas de distância da sua. Pouco depois mantinham ambos uma correspondência que precisava apenas cruzar um gramado para chegar ao seu destino. Ele hospedou-se na propriedade de verão de Madame von Meck, na Ucrânia, onde dava ordens aos criados dela, e passeava no carro que ela reservara para ele. Todos os dias Peter ia, a pé, até a aldeia em busca da correspondência, passava diante da casa e ouvia as vozes dos filhos dela. E eram os aposentos dele suficientemente quentes? Tinha ele livros e roupas em quantidade suficiente? As únicas preocupações dela consistiam em tornar-lhe a estada confortável. Ainda assim nunca se conheceram. Ocasionalmente, Peter avistava-a, de longe, no teatro. Sentado no balcão, levantava o binóculo aos olhos, e observava a mulher alta e orgulhosa, vestida de preto, que, sentada na orquestra, conversava animadamente com Milochka, a filha predileta. Tchaikovsky começou a amar, de longe, essa menininha. «Diga a Milochka», escreveu à mãe, «que ela tem um fervoroso admirador». A viúva e a família passavam, em seu passeio quotidiano, pela casa de campo de Tchaikovsky, todas as tardes, à mesma hora. Peter, tímido como era, espreitava-as por detrás dos taipais, temeroso de que elas, erguendo a vista, o enxergassem.

Nadyezhda nunca tentou entremeter-se-lhe na intimidade. A vida doméstica dele era-lhe sagrada. Em certa ocasião, é verdade, insinuou que Milochka, a filha, gostaria de visitar-lhe a casa de campo, pois a menininha consumia-se de curiosidade por conhecer aquele «Tio Peter» de que sua mãe vivia a falar. Tchaikovsky, porém, que era a alma mais delicada da terra, sabia defender com firmeza os seus direitos. «Perdoe-me, querida amiga, e ria-se da minha esquisitice», retorquiu, «mas não convidarei Milochka para visitar-me. As nossas relações, no pé em que estão, constituem a minha maior felicidade e a rocha sobre a qual repousa todo o meu bem-estar. Não desejo fazer-lhe a menor alteração».

Não obstante, um belo dia, sucedeu o inevitável. Peter e Nadyezhda, que haviam cuidadosamente concertado os seus programas a termos que, quando um estivesse passeando, o outro ficaria dentro de casa, cometeram, por fim, um erro de cálculo e saíram ao mesmo tempo. Cruzaram-se-lhes os carros na rua. Ao passar, Tchaikovsky ergueu inadvertidamente os olhos e cravou-os nos olhos de Madame von Meck. Durante vários e longos minutos encaram-se fito a fito. Tchaikovsky inclinou-se, sem uma palavra. A viúva retribuiu a saudação com a mesma formalidade e ordenou ao cocheiro que continuasse. Chegando a casa, Tchaikovsky escreveu à Madame von Meck: «Perdoe-me a estúpida negligência, Nadyezhda Philaretovna! Nadyezhda, contudo, saboreara gostosamente o encontro. «Convenceu-me da realidade de sua presença tão perto de minha casa».

Tal foi a mais íntima aproximação entre os dois durante o seu longo idílio de verão, se não contarmos outro incidente. Madame von Meck comemorava o dia do santo de um dos filhos. Realizava-se uma festa no relvado que se estendia à volta da casa e Tchaikovsky figurava entre os presentes. Não fôra, todavia, convidado nem estava sendo observado. Escondido atrás de uma árvore, espreitava a festa.

Pouco depois dessas férias, que tanto os havia aproximado, Tchaikovsky mandou a viúva o arranjo para piano da sua «Quarta Sinfonia». Até então, ouvira-a Nadyezhda executada apenas uma ou duas vezes por orquestra. Deparava-

(Cont. na pág. 44)

A vida de Lutero

(Conclusão do número ant.)

Seus partidários vinham pedir-lhe que organizasse uma nova Igreja. E ele sorria — ou fechava a cara, conforme a disposição do momento. Que tinha a sua doutrina, em sua forma primitiva? «Deus quer que comamos, bebamos e nos alegremos... Ele pede unicamente que o reconheçamos por nosso Senhor, e lhe agradeçamos as suas dádivas.»

kauch und Dampf! Todas essas controvérsias e destruições de ídolos — nada mais que ruína e vá. Aquele gente o azucrinava tanto — para que? Para construir uma nova organização mundial? Mas a ele só preocupava o mundo do espírito.

Não obstante, Lutero traça a plataforma para uma Igreja Protestante. Não deseja estabelecer uma igreja uniforme, com dogmas oficiais. Não se interessa pelos ritos exteriores da Missa. «Que se cantem hinos alemães... Que os sacerdotes sejam eleitos pelo sufrágio do povo... Todas as pessoas podem ensinar a Palavra de Deus, administrar o batismo, consagrar o pão e o vinho.»

E o grito de guerra espalhou-se entre os Luteranos — «Missas em alemão. Saisichas as Sextas-feiras.» Mas não tardaram a aparecer fatos de natureza mais revolucionária. Os príncipes protestantes confiscaram as propriedades das ordens católicas. Os monges deram para desposar freiras tiradas dos conventos. E as freiras que ainda permaneciam encerradas eram induzidas a escapar e casar-se. Ajuizaram as centenas para Wittenberg, procurando a proteção de Martinho Lutero. «Ontem recebi nove freiras que se emanciparam do cativo no convento de Nimpchen...» «A duquesa de Monteburg rugiu, quase por milagre, do mosteiro de Freyburg. Está agora em minha casa, com outras duas moças...» «A desventurada Elizabeth von Reinberg, que foi expulsa do Seminário de Altenberg, não tendo de que viver, recorreu a mim...» «Tenho trabalho até às orelhas.»

A «Reforma» já não era um simples movimento religioso. Transformara-se numa verdadeira revolução social. Os camponeses alemães, depois de terem dormido séculos sob o peso da opressão feudal, ouviram os doutores e príncipes falar de liberdade e agora aplicavam a si mesmos aquilo que ninguém pensara em estender até eles. «A tirania dos senhores feudais estava baseada na autoridade da Igreja Romana.» Agitando uma bota acima da cabeça — o emblema da rebelião — os camponeses levantaram o seu grito de guerra, **Bundschuh, Bundschuh**, e proclamaram a luta contra a nobreza. Abaixo os dizimos, taxas e leis de caça! Viva a nova ordem! «Cada trabalhador tem direito ao produto do seu trabalho.» Esmague-se a autoridade! «Jesus Cristo, com seu precioso sangue, redimiu todos os homens sem exceção, tanto o pastor como o príncipe.»

Os chefes camponeses foram pedir a Martinho Lutero que lhes apoiasse a causa. E Lutero aconselhou-os a resolver pacificamente a disputa. Aos nobres, escreveu em carta: «São os vossos crimes que Deus está castigando.» Aos camponeses. — «Nada de violência!» Empregou toda a sua eloquência na tentativa de apaziguamento. «Por que foi, meus amigos, pergunto-vos eu, que nem Papa nem Imperador puderam fazer nada contra mim? Porque nunca lancei mão da espada.» Mas suas palavras perderam-se no tumulto. Não era aquele o momento de escutar um professor. «Gente sem realismo, esses mestres que procuram construir um mundo com amor. Tal coisa é impraticável.» Os nobres, por seu lado, tomaram uma vingança terrível. Esmagaram os camponeses com punho de ferro.

Mas não foi contra os nobres que se ateou a cólera de Martinho Lutero. Foi contra os camponeses, os trabalhadores da Floresta Negra, a gente comum, em quem depositara a sua confiança. Nela,

havia plantado o nascimento e a morte, a carne e o sangue de um ideal. Mas agora o seu amor se transformara no ódio implacável do amante traído. Lutero nunca poderia esquecer ou perdoar o levante da camada inferior de Herr Todo o Mundo. O espírito do amante é fanático, desequilibrado. A ferida do coração fazia calar toda razão. A loucura toma posse dele. Conseguiu arrasar a floresta saxônica. Mas onde está o sol?

VI

Há duas espécies de sóis. O primeiro é uma estrela que brilha sobre grandes mundos e acontecimentos. O outro é uma radiação cuja zona de influência fica fora do espaço. Fulgura num mundo à parte, um mundo de duas pessoas apaixonadas. Ilumina o interior de uma cabana quando no exterior as nuvens cobrem o céu. Martinho Lutero, no último período de sua vida, desistiu de considerável porção do segundo sol. Tinha a sua cabana interiormente iluminada; pois — sublime blasfêmia! — arrancara as vestes monásticas e recebera o mais santo dos sacramentos, uma esposa. Ele, um monge excomungado; ela, uma freira renegada! Juntos haviam deixado o mosteiro de Deus e construído uma família de amor.

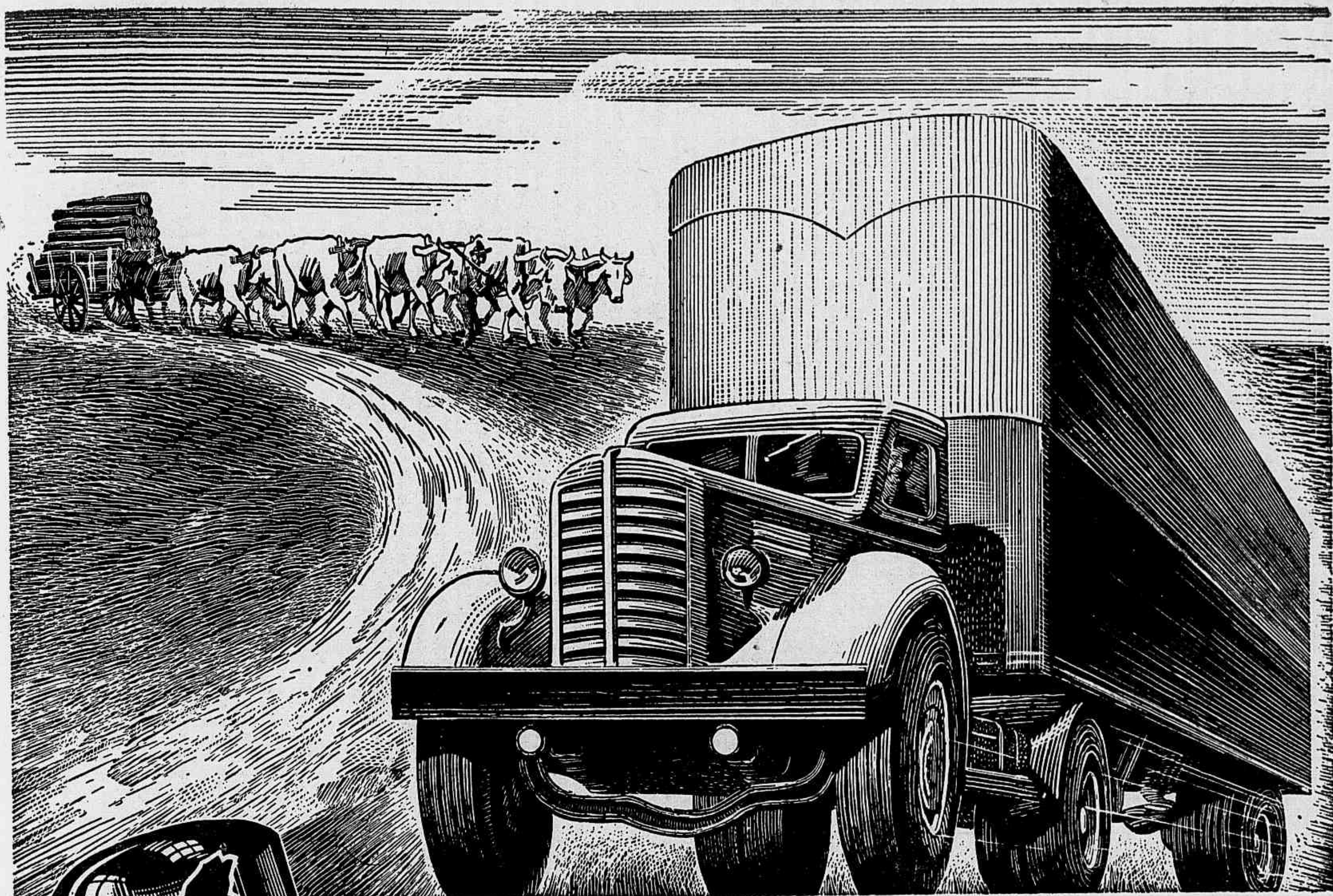
Por fim, vivia agora a «vida normal que Deus dera ao homem.» Apreendeu o ofício de mecânico e dedicou-se a fazer relógios e cultivar um jardim. Ficava paupérrimo; tinha frequentemente os filhos enfermos. Sentava-se à cabeceira da mesa, trinchava a carne, agradejava com os amigos, abençoava a esposa e recebia com equanimidade os revezes da fortuna. Muitos amigos seus, especialmente os que alimentavam ambições em benefício dele, lamentavam-lhe a decadência dos últimos anos. «A adiposidade invadiu-lhe a parte inferior do rosto.» Os mais tímidos estremeavam ante as chalaças grosseiras de que costumava entremear a conversação. Tornara-se muito vulgar, queixavam-se. Não era mais um homem temível. Sem embargo, os seus inimigos pensavam de outra maneira. Estava ali um pecador que cruzava espadas com os santos, para decidir qual havia de conduzir no futuro a raça humana.

Havia ocasiões em que não tinha nem oito florins no bolso. Mas tinha no coração um infinito de amor. Quando se declarou a peste em Wittenberg, sua casa se converteu num hospital para todos os sofredores desamparados. Sua filha Elizabeth adoeceu gravemente; já não falava; não pusera nada na boca nos últimos doze dias. «Não tenho tempo de ler, escrever, ou fazer o que quer que se'a.» Deus acuda aos inimigos da Reforma! Pois ali está um monge agostinho ajoelhado a chorar junto do corpo moribundo de sua filha, colhendo lágrimas e sofrimentos do fruto de sua carne e do seu sangue. E o triunfo do espírito humano — o martírio de que nascem as grandes idéias novas.

Lutero retirou-se do campo de batalha. Declara que já não é «um homem de ação». Mas será isso uma decepção? Quando os príncipes se unem numa Liga Protestante e se aprestam para guerrear os católicos, Lutero só tem uma palavra que lhes dirigir — «Assassinos». Mas eles não poderão compreendê-lo. «Assassinos» não lhes soa tão duramente aos ouvidos. Pois não criaram um ideal próprio, de modo que não têm escrúpulos em assassinar o ideal dos outros. Estão prontos para ferir de morte o direito divino dos papas e substituí-lo o direito divino dos reis. Estão dispostos a assolar o mundo com meio século de crimes e guerras religiosas.

Não admira que Martinho Lutero mantenha grande provisão de vinho forte na adega. Pois o vinho converte a tristeza em galhofa. E ele foi por fim iniciado no grande paradoxo cósmico.

(Do livro «Vidas de grandes capitães da fé»).



A MARCHA DA CIÊNCIA

Um moderno caminhão-trailer, capaz de transportar muitas toneladas de carga pelas estradas mais íngremes, substitui com vantagem dezenas de carros de bois.

Assim também as novas válvulas Philips *Miniwatt*, de múltiplas funções, valem por 3 válvulas comuns.

Ao comprar um rádio, não o julgue pelo *número* de válvulas que tem, mas sim pelo *tipo* das válvulas empregadas.

Válvulas modernas para rádios modernos.



PHILIPS

Miniwatt

A VÁLVULA DE MÚLTIPLAS FUNÇÕES



A "Villa Cassilda" — assim se chamava a propriedade da família Guedes, (quatro quartos, duas salas e demais dependências, no Grajaú) — o doce lar acolhedor e amigável, transformara-se no refúgio do bloco carnavalesco. Dois meses antes do Carnaval realizavam-se ali reuniões ruidosas, mas de caráter exclusivamente didático. Dona Cassilda, com a sua experiência de 39 anos, sem rugas, sem busto desenvolvido e de cadeiras plenas, experientes no samba e no remexido, sentava-se ao piano e batucava todas as modinhas que já andavam na boca do povo, das crianças e dos jovens imberbes. O resto da família cantava, ensaiava, decorava a letra, dividindo-se em grupos.

A filha mais velha de dona Cassilda, de talhe pequeno, tinha 23 anos e o ar cansado. Era quem mais trabalhava naquela casa: o dia inteiro na máquina de costura, a fazer as fantasias do pessoal. Franzia metros e metros de babados para as "rumbas" de organdi que coplaram à "estrêla" mexicana Lupe Velez, fora os pijamas, etc. Chamava-se Lurdes, tinha um ar de bondade, mas irritava-se às vezes. Seus olhos pequenos eram de uma claridade desconcertante, mas não brilhavam. Dona Cassilda estranhava aqueles olhos claros na família. Eram os únicos. Depois vinha Miloca. Era um apelido. Ninguém lhe conhecia o nome de registro. Parecia-se muito com a mãe, mas sem a vivacidade. Nariz grande e triste, olhos escuros saltando no rosto comprido, boca bem talhada, dentes certos; os cabelos crespos e muito pretos, mas sem a tinta que usava dona Cassilda; morena. Miloca era bonita; tinha o ar aristocrático e a pele muito fina e pura.

Dona Cassilda, com os mesmos traços fisionômicos, tinha um ar acanhado. Seus olhos não sossegavam, a boca trazia sempre uma expressão de intranquilidade e o movimento contínuo que imprimia à cabeça fazia subir da garganta e do colo, como da onda negra da cabeleira, uma linguagem impura e traiçoeira. Ela gostava de atrair atenções e aticava nos moços o desejo de tomar certas liberdades... Mas tudo ficava por aí. De resto, foi sempre bem comportada. Seu encanto era a filha mais moça — Dudu. Muito feminina, cheia de dengues, carinhosa, as mãos muito finas, tinha uns olhos que lhe comiam todo o rosto, de grandes, expressivos e bonitos. Mais alto do que a sua irmã mais velha e mais baixa do que Miloca, possuía o talhe bem lançado, harmonioso. Parecia-se com seu pai; o sr. Aparício Guedes — que tinha uma aparência delicada. O chefe da família Guedes não engordava com a vida sedentária e os cuidados generosos do lar. Isso conservava-o moço, apesar do ar fatigado que sempre trazia e da tez amarelada. Dona Cassilda Guedes tinha uma prima, funcionária da E. F. Central do Brasil, morando em casa, havia uns três meses, desde que lhe morrera a mãe. Era um bom elemento, porque ajudava nas despesas. Enganava a idade, mas já beirava pelos trinta e três anos. Teve muitos noivos e alimentou muitas esperanças. Seu último "caso", ou porque a tivesse deixado realmente amargurada, ou porque adivinhasse o fim da sua mocidade mal empregada, trouxe uma grande perturbação à sua vida. Quando o noivo, muito carinhosamente, mostrou-se sem coragem para casar, Eulália desesperou. Brigaram. Ela emagreceu, foi passar

uns tempos no sítio de uns parentes e voltou solteirona. Não ficou azêda. Adquiriu mil superstições e um ar desiludido e displicente. Fez novos planos de vida. Começou a ficar interessante. Resolveu tirar partido do seu último noivado e confessou-se inconsolável, não casaria com mais ninguém, seria fiel ao seu único amor, como as heroínas trágicas do cinema. Não dançaria mais. Carnaval, acabou-se. Ficaria guardando a "Villa Cassilda" enquanto a família iria divertir-se. Todo o mundo começou a respeitar o seu destino de mártir. O que não quis casar passou a ser classificado de bandido, sedutor, que não adivinhou o grande coração da pobre Eulália, despedaçando-o miseravelmente com uma paixão insidiosa e falsa. Não merecia o sacrifício da sua mocidade...

Eulália assistia com o seu ar calado e mole ao borbórinho que ia pela "Villa Cassilda". Realmente, não se entusiasmava. Força de vontade, ou porque tivesse alcançado a serenidade que dá a resignação, o fato é que não tinha vontade de aderir. Principiava a ter vocação para solteirona. Nem o primo Faustino, chegado do sítio, nem Joaquim, que viera de Campos — ambos solteiros, atraídos ao Rio, especialmente pelas festas do Carnaval — conseguiram demovê-la... Eulália sentia que o papel de inconsolável lhe ficava bem. Ninguém tinha coragem de caçoá-la, porque todos acreditavam num amor verdadeiro.

Laurita, uma prima, também hospedada na "Villa Cassilda", apenas para os festejos carnavalescos, tinha as suas dúvidas sobre Eulália. Era magra, pernóstica e cética; aparentada do sr. Guedes, também tinha seus trinta anos,

mas ainda não resolvera retirar-se honrosamente do campo. Uma inclassificável irritação a incompatibilizava com Eulália. Talvez porque sentisse que a sua solução na vida lhe servia também. Eulália, indiferente a todos, assistia aos preparativos, pensando:

— Daqui há alguns dias estará restabelecida a tranquilidade nesta casa.

★

No sábado, o bloco carnavalesco saiu da "Villa Cassilda" na ordem determinada ao acaso. A "baliza" era uma vizinha morena, alta, de pernas ligeiramente arqueadas. Não podia juntá-las e tinha o andar muito feio. Cantava entusiasmadamente, com os braços longos estendidos horizontalmente, descobrindo as axilas. Seguiu-a Lurdes, que, como nunca tinha par, agarrara-se ao primo Faustino, muito alto, seco e grosseiro. Depois Miloca, com um namorado provisório, contratado na véspera — um moreno bonito, de ar melancólico e expressivo, que parecia roído por preocupações de ordem moral. A Dudu vinha com o noivo, alegre, folgazão, baixo, gordinho sem excesso, de bigodinho louro. Joaquim, um moço forte, queimado, de olhos espertos, enfiado num pijama de cetim preto, como não tinha par, fez companhia a dona Cassilda, de muito boa vontade. O Guedes, rejuvenescido num pijama igualzinho ao de Joaquim, salu de braço com a Laurita, empertigada no seu "rumba" de organdi branco com frisos azuis. As jovens vestiram-se igualmente. Dona Cassilda escolheu o pijama para mostrar os quadris e a "baliza" também teve a mesma preferência, por simples comodidade: não teve quem lhe fizesse o vestido, pegou um pijama que usava em casa, côm de abóbora, cortou-lhe as mangas, e aderiu ao bloco do Guedes.

Eulália ficou sózinha na "Villa Cassilda". Foi ao toilette de Mme. Guedes e botou pó-de-arroz. Fez unhas e ficou ouvindo rádio. As onze horas deitou-se. A longos intervalos, chegava-lhe da rua vozes perdidas, versos de modinhas de Carnaval. A noite muito quente deu-lhe uma emoção de angústia. Revirou-se toda na cama e dormiu como de costume, do lado direito. Acordou cedo com o barulho do bloco que chegava suado, estafado e alegre. O noivo de Dudu tinha ficado em casa no caminho. A "baliza" possuía a chave da porta e entrou sem barulho. O namorado provisório de Miloca ainda estava embriagado. Não sabiam para onde despachá-lo. Puseram uma esteira na copa e ficou dormindo ali.

Os primos tinham reservado um quarto, para onde também teve que ir Aparício Guedes. No quarto do casal ficaram Cassilda e a filha Dudu. As outras dormiram no terceiro. A solteirona não cedeu um lugarzinho do seu. Não queria sentir o "cheiro" do Carnaval.

Eulália levantou-se quando todos estavam deitados. A casa parecia deserta. Não se ouviu um barulho, senão o vago ressonar daquela gente, fazendo coro, através das portas fechadas. Aquêle homem na copa deu-lhe mau humor. Quando a criada se lavantou, deu ordem para que o arrastasse até o seu quarto. A mulata fez com certo prazer, porque o homem era bem parecido. O rapaz abriu os olhos no trajeto da copa ao quarto da criada sem entender, mas quando se viu na cama, continuou dormindo.

Eulália bordou, serziu melas, leu revistas até duas horas da tarde, quando o pessoal começou a acordar e fazer fila à porta das duas únicas banheiras da casa. O barulho recomeçou. Almoçaram, trocaram impressões. A solteirona começou a aturdir-se. Todos sentiam-se tão felizes! E saíram de novo na ordem da véspera.

Sentiu-se novamente só, mas agora muito só. Uma angústia dolorosa apoderava-se do seu espírito e saiu da sua indiferença: quando o automóvel do bloco começou a afastar-se, fez um adeus ao bando alegre. Depois pensou na vida, no seu último noivado; se merecia tal sacrifício, e colocou na vitrola

(Continua na pág. 43)

CONTO DE RAQUEL CROTMAN

O BLOCO

ILUSTRAÇÃO DE A. MOURA

NOS BASTIDORES FEMININOS

CINZAS... A vida retoma o seu curso interrompido pelo Carnaval... Foi uma pausa na sua vida. Uma pausa que você aproveitou para rir, cantar e brincar... Mas agora tudo passou... Tudo volta ao seu lugar; a vida cotidiana com as suas lutas, seus esforços, suas surpresas e suas incógnitas, aí está na sua frente. É hora de retomar a rédea; é hora de enfrentar com coragem e disposição a nova jornada; uma jornada cheia de possibilidades e de promessas; uma jornada que poderá trazer alegrias e pesares. E é preciso que você esteja preparada. É preciso que você esteja forte e serena; é preciso que você compreenda bem o papel que terá que desempenhar; é preciso que compreenda o quanto esperam de você, o quanto confiam na sua inteligência e na sua capacidade de dirigir o seu destino. É preciso que você saiba que contam com o seu amor, com o seu carinho, com a sua compreensão. A luta é dura quando se quer ser feliz. É preciso tato, inteligência e, principalmente, renúncia. Renúncia de si própria em benefício dos que a cercam. Pois si a felicidade está em vermos felizes aqueles a quem amamos, é lógico que você terá que renunciar muito de si para que eles e, conseqüentemente, você, sejam felizes. Mas para isso é preciso que você esteja preparada. É preciso que muitas coisas sejam afastadas da sua personalidade, do seu caráter. E entre essas coisas está o egoísmo. Com ele jamais será feliz e jamais fará com que os outros se sintam felizes ao seu lado. Afaste, de uma vez para sempre, todas essas idéias que lhe povoam o cérebro. O egoísta, esteja certo, nunca será feliz. Si alguma vitória ele conseguir, essa vitória é sintoma da indiferença que os outros sentem por ele. Você nunca poderá receber sem dar. É preciso dar muito de si mesma para receber um pouco. Experimente; passe a olhar o mundo com um pouco mais de amor, passe a se interessar pelos problemas alheios, passe a oferecer a sua amizade e as suas palavras de conforto, toda a vez em que elas se tornem necessárias. Dentro de pouco tempo você sentir-se-á cercada de admiração e de amor e, quando olhar para dentro de si, verá que surgiu uma nova personalidade e essa personalidade a fará feliz.

KITTY

★

A direita: Modelo em cetim cor de chumbo, usado por Virginia Mayo, da RKO. Blusa com drapeados nos ombros. Saia drapeada na frente. Em baixo: Outro modelo de Virginia Mayo, composto de saia preta com abertura do lado e jaqueta em jersey branco. Capeline enfeitada com babados "godet".



O ESPIRITO Feminino ATRAVÉS DOS TEMPOS

IDADE DAS REGALIAS

Quando foi encenada a peça "Outrageous Fortune", de Rose Franken, também autora de "Claudia", Maria Ouspenskaya, uma das mais célebres atrizes russas, já inteiramente radicada nos Estados Unidos, viu e ouviu com benevolência as mais extravagantes opiniões sobre a obra em que representava. O dramaturgo inglês Noel Coward saiu-se com esta: "Trata-se de uma peça de mistério, sem nenhuma dúvida". O fato é que a peça era fora dos moldes comuns e, por isso mesmo, foi discutidíssima em todas as rodas literárias e artísticas de Nova York. Entrevistada por uma jornalista brasileira, disse nessa ocasião Maria Ouspenskaya: "Já passei da idade em que se trabalha numa peça por necessidade. Atualmente só faço aquilo que me agrada. E essa peça me agrada."

★

O PRIMEIRO PASSO

Falava-se no salão de Madame Du Deffand sobre o famoso milagre de São Dionísio, que, depois de decapitado, apanhara a própria cabeça e caminhara com ela uma légua inteira. Todos se riam da inverossimilhança da lenda.

— Quanto a mim, — disse Madame Du Deffand, — não acho estranho. Nessa história de andar sem cabeça a dificuldade está somente em dar o primeiro passo. O resto vem por si...

Também de Madame Du Deffand é esta confissão "in-extremis", resumida e eloquente:

— Senhor cura, o que tenho a dizer é muito breve: apenas transgredi os dez mandamentos e cometi os sete pecados mortais...

★

ESCOLHA LIVRE

A rainha da França, escandalizada com a vida libertina de Ninon de Lenclos, mandou-lhe um dia uma "lettre de cachet" na qual lhe ordenava que se retirasse para um convento. A famosa corteza leu a carta e devolveu-a com a seguinte resposta:

— Diga a Sua Majestade que obedeco. Mas, como não está discriminado qual deva ser o convento, escolho o dos frades capuchinhos.

A resposta divertiu de tal forma a rainha que, ainda daquela vez, a perdoou...

★

DUPLA NACIONALIDADE

No momento em que deveria ser decapitada, Maria Stuart voltou-se para o seu fiel servidor Marville e lhe disse:

— Tu dirás ao mundo que morri abraçada à minha fé, como verdadeira católica, verdadeira escocesa e verdadeira francesa.

Como todos sabem, Maria Stuart foi, não só rainha da Escócia, mas também rainha de França.

★

DEVOLUÇÃO

A condessa de Genlis queria se divorciar porque seu marido lhe havia dado uma bofetada. Os advogados, entretanto, convenceram-na a desistir da ação, porque não havia testemunhas do fato.

Ainda sob a pressão do ódio que sentia, a condessa entrou no gabinete do marido e, sem que este esperasse, deu-lhe, por sua vez, uma tremenda bofetada.

— Esta é a bofetada que me deste, — explicou. — Não consegui ficar com ela!

★

MULHER... MAS ENERGICA

Logo no começo do seu reinado, Maria Teresa, imperatriz da Alemanha, percebeu que um dos seus ministros a olhava com menos respeito do que era de esperar. E resolveu colocá-lo no verdadeiro lugar.

— E' verdade que não passo de uma pobre rainha, — disse, — mas fique sabendo que eu possuo um coração de rei!

★

OUTRA CONFISSÃO SINTÉTICA

Alexandrina Guerin de Tencin, ex-freira, escritora e mãe de d'Alembert, célebre enciclopedista francês, recebeu a visita do confessor poucas horas antes de morrer. Todos os presentes fizeram menção de se retirar.

— Fiquem, — pediu a moribunda. — Nada tenho a dizer que não possa ser dito em voz alta e sem causar escândalo a ninguém. Padre, fui jovem e bela. Muitos me disseram isso, e em muitos acreditei. O resto o senhor julgará por si mesmo...

(Seleção de L. B., especialmente para REVISTA DA SEMANA)



SUGESTÕES PARA O VERÃO



UM traje diferente nos é apresentado aqui por Kristine Miller, da Paramount. Calças "três-quartos" e bolero em tecido escocês. O segundo modelo é constituído de uma saia de linho crú, enfeitada com bordado inglês e laços também de linho, e saia de cassa também enfeitada com bordado inglês. Decote caindo ligeiramente sobre um ombro.

A PERSONALIDADE da Semana

HENRIETTE MORINEAU



Comecei por perguntar a Henriette Morineau como chegou a decidir a participar da vida teatral brasileira.

— Isto aconteceu repentinamente sem que nada tivesse feito para isso! Nessa época julgava meu sotaque francês ainda demasiadamente forte para pensar em representar em português. Um dia, li no jornal que a próxima peça que Iracema de Alencar criaria seria dirigida por mim! Perguntei ao meu amigo Carlos Brant com que direito fizera tal declaração, sem ao menos me consultar e acrescentei que não tencionava aceitar uma proposta feita de tal maneira. Uma amiga a quem pedi que me apoiasse, pôs-se, ao contrário, do lado de Carlos Brant, declarando que o teatro brasileiro precisava de alguém como eu. Relutei alguns dias e acabei aceitando a direção cênica de "A Mulher sem Alma". Depois dirigi peças para Maria Sampaio e Bibi Ferreira.

— Quando começou a representar em português?

— Em "Fabienne", que dirigi para Bibi já representei um pequeno papel.

Conversamos sobre a companhia que, desde então, Henriette Morineau criou.

— Acredito que tenho êxito porque dou peças diferentes, disse. Trabalho muito. As vezes, fico repetindo um trecho pequeno com um dos atores durante algumas horas.

Destaquei "O Pecado Original", perguntando se não abrandara um pouco o caráter da mãe, concepção com a qual eu concordaria, aliás.

— Nem tanto. Cocteau imaginou a mãe desta maneira. Estudei muito um papel antes de interpretá-lo, principalmente através das outras personagens. O verdadeiro caráter do herói sempre se encontra no que os outros dizem sobre ele. Encontrei um erro muito grande aqui. A maioria dos atores estudam sua parte, sem dar a mínima importância ao resto da peça. Quando reparei que os atores trabalhavam com uma cópia datilografada na qual só se encontrava o próprio papel, fiquei muito espantada. Geralmente só conheciam a última palavra da frase ou do trecho ao qual respondiam: "Mudei isto como também exigei que todos assistissem à leitura prévia da peça, pedindo a máxima atenção, pois este primeiro contacto é da maior importância.

— Com quem trabalhou na França?

— Representei todos os clássicos com Albert Lambert.

— Não está pensando em levar clássicos franceses aqui? Muitas peças de Molière ou Musset, por exemplo, ainda são inéditas no Rio.

— As peças clássicas exigem muitas despesas. Um diretor de companhia deve pensar no êxito possível de uma peça antes de se arriscar a dá-la.

— O "Hamlet" dos estudantes comprovou que o público aprecia os bons clássicos.

— O Teatro do Estudante é uma coisa, teatro profissional outra. Antes de se arriscar é preciso ver se valerá a pena.

— Também existem muitas peças novas, de Salacrou, Sartre e tantos outros.

— O público não apreciaria o teatro de Sartre. Se escolhesse uma peça nova seria de Salacrou, do qual muito gosto. Infelizmente escreveu todo seu teatro para uma mulher que é muito diferente de mim. E' preciso sempre pensar na minha interpretação porque o público gosta de me ver atuar em papéis fortes.

— Val mesmo começar com "A Dama das Camélias"?

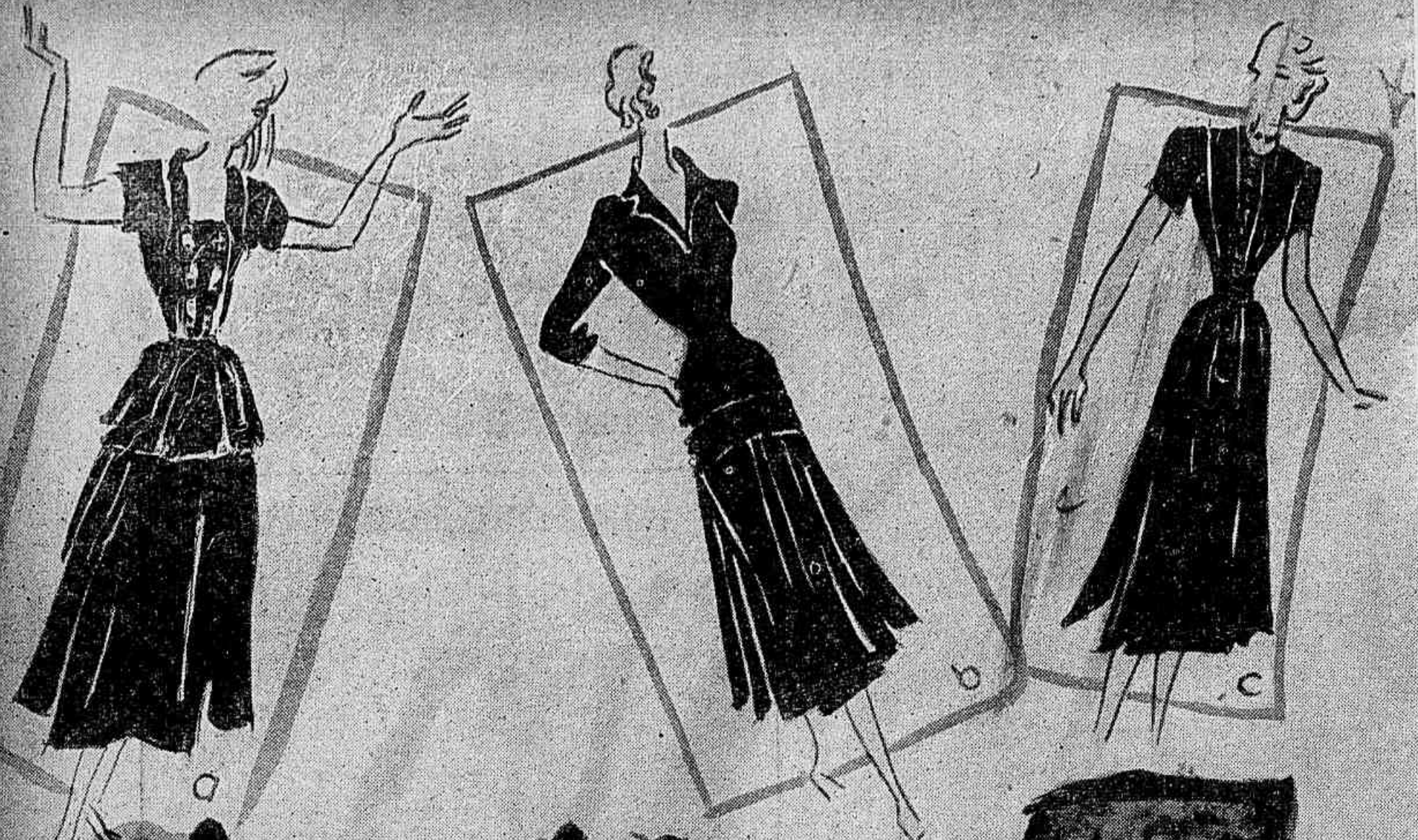
— Estou ainda em dúvida. Posso obter um teatro por seis meses. Mas é pouco para quem quer trabalhar. Quem só tem seis meses deve escolher cuidadosamente repertório que compense pecuniariamente. Talvez abra uma escola dramática.

— De que tipo?

— Não seria um Conservatório pois só o Governo pode criar um verdadeiro Conservatório. Seria um curso de arte dramática ao qual seria ligado um curso de literatura. Escolheria seis moços e seis moças, por exemplo. Deveriam ser selecionados rigorosamente, até fisicamente... Vou resolver tudo estes dias. No momento ainda estou no ar. Depende também do momento. Sou muito volúvel...

Suponho que Madame Morineau continuará com a sua companhia, pois quem gosta de representar e já obteve tantos êxitos não muda de rumo com facilidade! Espero que escolha uma peça realmente interessante — não a "Dama das Camélias", nem "Bataille", — para começar a temporada. Assim seu talento dramático serviria realmente à arte francesa e ao público brasileiro.

YVONNE JEAN



PARA PASSEIO

1) Um vestido de seda ligeiro, de passeio. 2) Cinco pregas pespontadas formam uma espécie de avental na frente. 3) — "Duas-peças" em seda escura. Pêtilho de organdi branco. 4) Decote quadrado. Duas carreiras de

Muro das LAMENTAÇÕES

MESTRE DOS MESTRES

MUITO de longe em longe a humanidade, como que para compensar-se na mediocridade de seus componentes habituais, produz uma criatura extraordinária, um mestre de sabedoria, de inteligência inventiva ou de senso estético. São os artistas, os cientistas, os sábios. Muito mais raramente ainda, produz um mestre que vem destinado a ser mestre de todos os outros, por possuir mais nobre a faculdade da alma humana: a fraternidade. Cristo, Buda, São Francisco de Assis, foram mestres supremos dessa virtude, tão fácil para quem a possui e a desenvolve, e tão inatingível para quem está preso ao egoísmo, à vaidade e à ambição. Nossa geração conheceu um desses mestres dos mestres; o "mahatma" Gandhi. Sua figura é, talvez, a mais importante deste século, pela imensa contribuição que trouxe para o aperfeiçoamento humano no caminho da fraternidade.

O mundo, e especialmente o mundo ocidental, viu nele, mais do que tudo, um líder político, desejoso de libertar a sua pátria do jugo britânico. Visão muito restrita, porque Gandhi foi muito mais do que isso. Politicamente, ele não pretendia apenas livrar a Índia dos ingleses, mas principalmente livrá-la da injustiça — viesse ela de onde viesse — dos ingleses, dos muçulmanos, dos "sikhs" ou dos indus. Sua missão não se limitava à política; era principalmente humana, e de inspiração religiosa.

Quando falamos "religiosa", logo nos vem à mente a idéia de algum credo exclusivista, que considera ímpios os adeptos de todas as outras religiões. Não, Gandhi não era religioso a essa maneira, mas sim à maneira superior e inteligente das antigas sabedorias orientais. Ensinam elas que a verdade é uma só, mas que existem muitos caminhos para chegar a ela. Deus também é um só, embora possamos chamá-lo por muitos nomes. Todos os homens são seus filhos, e, como filhos do mesmo Pai, não podem deixar de ser irmãos.

Irmãos... Uns brancos, outros pretos, outros amarelos, alguns ricos, muitos miseráveis... Como inculcar a idéia da real fraternidade entre irmãos tão diferentes? Como fazer sentir a semelhança de seus destinos a criaturas cegadas por mesquinhas vantagens, obtidas a custa da infelicidade das outras? Ingleses impondo suas prerrogativas aos indus, indus divididos em castas estanques, uma das quais, os "intocáveis", não podia ter o menor contacto com as outras... E os indus muçulmanos querendo impor sua religião aos outros povos, e alguns destes povos dispostos a defender suas crenças pelas armas...

Começou então a sua tarefa, usando um processo que o mundo ocidental acharia certamente ridículo se não tivesse verificado os resultados que obteve: o da resistência passiva.

— Que absurdo! — dirão ainda hoje muitas pessoas. — Como corrigir o erro sem empregar a força? Como combater bombas e metralhadoras simplesmente cruzando os braços? Isso é derrota na certa! A força se combate obtendo mais força; para cada metralhadora, duas metralhadoras!

O mundo ocidental, pensando assim, mostrou apenas o seu enorme atraso. O mundo ocidental pensa assim porque só compreende a vida dentro de arranha-céus, usando automóveis, geladeiras e telefones... O mundo ocidental termina onde terminam os bens materiais, ao passo que o mundo oriental, o mundo de Gandhi, sabe que o universo não se limita a essa mesquinha disputa em torno de coisas materiais. O mundo de Gandhi começa justamente aí, pois sabe que esta vida é apenas uma oportunidade para a nossa evolução, e que a "morte" é simplesmente a passagem de um estado para outro. Por isso sabe também que certas derrotas no mundo físico vêm a ser justamente a coroa da nossa vitória no mundo espiritual. O importante é não fazer o mal, e sim o máximo de bem possível, o importante é viver fraternalmente. Para viver, fraternalmente, não se pode retribuir o mal com o mal, pois não se cura um erro praticando outro erro. A violência precisamos retribuir com amor. A política de resistência passiva de Gandhi baseia-se inteiramente no amor fraternal a todos os filhos de Deus, mesmo quando são maus e mesmo quando nos perseguem, e nisso reside o segredo de sua admirável vitória.

Foi dando provas públicas de amor fraternal, jejuando até a morte, que Gandhi conseguiu obter, em 50 anos de lutas pacíficas, a independência da Índia, a quebra dos preconceitos contra os "intocáveis", e finalmente, poucos dias antes de ser assassinado, a confraternização entre os diferentes povos e as diferentes religiões da Índia. Sua vida constituiu o mais admirável exemplo do grau de perfeição a que pode chegar a pobre raça humana, e deve continuar sendo para todos nós uma fonte de esperança na fraternidade universal.

RESPOSTA AOS CONSULENTES

ANA MARIA — Recife — De fato, "uma noiva em cada porto" é verdade corrente para os navegantes — o que não quer dizer "várias noivas num só coração". Será melhor você não se preocupar com isso, pois o que interessa é a maneira pela qual ele se porta quando está ao seu lado, e essa, segundo suas próprias palavras, nada deixa a desejar. Portanto, seja feliz, e nada de imaginações doentias!

JESUINO FRANÇA — Rio — Gostariamos de poder ajudá-lo, mas infelizmente seu caso já parece exigir cuidados clínicos. Procure um especialista inteligente e compreensivo, e seja sincero como fomos conosco. Não tenha medo, você pode sarar rapidamente.

CONFIDENTE



QUAL E' A SUA VOCAÇÃO?

JA' abordei aqui em crônicas passadas o problema da escolha de uma profissão, mas como me solicitaram que esclarecesse bem este assunto, torno a ele novamente.

Muitos pais desde cedo começam a indagar-se qual a profissão em que devem encaminhar os filhos; outros se descuidam totalmente desta questão; como sempre o meio termo é a posição mais acertada e aconselhável. Deixar ao acaso o futuro profissional de um indivíduo é um erro grave, e exercer demasiada e precoce vigilância sobre as embrionárias aptidões infantis também não deixa de ser uma atitude inconveniente. O papel do educador deverá ser mais de expectativa, de espreitar as vocações nascentes que de controlá-las ativamente.

As legítimas vocações brotam cedo, mas a média dos indivíduos não se faz com gênios e sim com razoáveis funcionários, competentes médicos ou operários e o que se pode e deve pedir aos que trabalham é tão somente competência e honestidade profissional. Por este motivo aqueles que lidam com crianças não devem dirigi-las muito cedo para esta ou aquela profissão, só porque na família é praxe praticá-la, ou porque está na moda e é bonito; de preferência os pais e mestres observarão as atitudes e tendências infantis no estudo e nos brinquedos, porque no seu próprio modo de ser a criança está informando o que pretende executar quando adulto. E' claro que o ideal seria que estas observações colecionadas fossem interpretadas por técnicos e assim se faz em países civilizados como na América do Norte, por exemplo. Não dispondo embora dos recursos técnicos de inúmeros gabinetes de psicologia, podemos, no entanto, empiricamente, tirar algumas conclusões do processo de observar.

Creio que não será demasiado serviço, nem desagradável tarefa para as mães tomarem notas das atitudes e tendências mais marcantes de seus filhos; se elas gostam tanto de contar as gracinhas que os seus pimpolhos fazem, com mais proveito devem preocupar-se em assentar os traços acentuados da personalidade da criança. Estas observações não serão, imediatamente, abre-têsamo da orientação profissional, mas dirão muito mais tarde, sobre o que se deve fazer com o adolescente.

★

Na adolescência o ser está maduro para a aprendizagem; terminado o curso primário surge a primeira escolha, que deve ser ainda ampla e extensa; mais tarde se o ginásio ou profissional for vencido surge novamente outra escolha que desta vez se restringirá a determinados campos: a inteligência já terá então desabrochado suficientemente, o espírito estará mais atilado e a vontade mais liberta das imposições familiares, dada a natural independência do adolescente, que quer se afirmar a todo custo.

Decidiu-se, afinal, o jovem pela medicina, engenharia, jornalismo, magistério ou comércio. Estará por acaso encerrada a questão? Poderão os pais cruzar os braços e dizer: "Já cumpri o meu dever". Ainda não, creio. Há mais alguma coisa a realizar. Existe a especialização, e dirigir, então, para este ou aquele setor deverá ser feito com bastante cautela e conhecimento de causa; darei um exemplo: um indivíduo que tenha acentuado pendor para pesquisa, sentir-se-á muito infeliz se se formar em medicina e tiver que atender a uma clínica; um engenheiro que tem lindos sonhos urbanísticos dentro da cabeça terá sensação de logro se, por imposição do ambiente, for obrigado a medir terrenos e estradas.

A experiência nos diz que há um lugar para cada um e que situações inadequadas são responsáveis por toda a sorte de desajustamentos da personalidade. Por este motivo bem razão tem o povo quando diz: "Filhos criados, trabalhos dobrados."

ZOIA DE LAET



botões. Grande "godet". b) Uma blusa longa. Saia plissada. c) De cada lado duas pregas que abotoam ao longo da saia.

1) Uma "echarpe" em cor diferente, marca a linha

dos quadris. 2) Modelo assimétrico, muito elegante, para a tarde. a) Blusa justa franzida sobre os ombros. Saia longa e ampla. b) A gola e as mangas deste modelo, indicam a nova linha. c) Blusa à diretório.



NANCY Wanderley é uma criatura desembaraçada, capaz de transformar o ritmo das coisas. Apaixonada do palco, desapontou a todos com a recusa para desempenhar "Filha de Iório", apesar de ser vantajosa a proposta. Ela preferiu o microfone, onde a popularidade alcança limites razoáveis. Depois, sentiu em deixar o "Chalet do Neguinho", esse agradável passa-tempo que Hélio do Soveral escreve. Sim, meus amigos. Nancy é a incorrigível "Juraçá" que todos os dias atormenta o "Neguinho", com seus costumeiros chamêgos... A vitoriosa "estrela" da PRG-3 deve, ao espírito folgazão de que é possuidora, o ingresso no rádio. Isto aconteceu no decorrer de 1943, quando a "emissora associada", carecendo de bons elementos para o "cast" rádio-teatral, abriu um concurso para a seleção de candidatos. Ela aventurou-se à prova, sendo contratada imediatamente. Contava, então, quinze anos incompletos. Hoje, possui vinte. Nancy Wanderley tem suas predileções. Gosta de pilotar uma boa motocicleta... É capaz de consumir algumas dúzias de Coca Cola... É louquinha por crianças, a ponto de ter adotado uma... Não tolera falar da vida alheia, nem perdoa aos que se entregam a esse mistér... Sua atuação no setor rádio teatral da Tupi é das mais destacadas. Trabalha em "Onde os destinos se cruzam", "Virgem de Assis", "Duas horas de felicidade" e "Inês de Castro". É carioca, nascida no bairro de São Cristóvão.



NILTON Barros, artista exclusivo da Tamoio, participa das apresentações do "Teatro Religioso", como rádio-ator e contra-regra. Aliás, desempenha a contendo as duas atividades, haja vista que até hoje se mantém nesses cargos. O seu contacto com o microfone data de 1941, quando Atila Nunes mantinha o famoso "Teatrinho da Peneira", então irradiado pela Educadora. Dificuldades diversas, porém, levaram-no a procurar outra profissão. Dedicou-se à aviação, sem lograr melhoria. A todo instante o rádio bulia com os seus nervos. Por isso, aproveitando-se da "chance" aberta em "Calouros em Apuros", nosso biografado inscreveu-se para fazer um "test". Levou a melhor, sendo contratado pela PRG-3. Mas, a doença impediu-o de continuar trabalhando ao microfone. Voltou à espera de melhor sorte. Enquanto isso, tomou parte nos programas da Rádio Ministério da Educação, Rádio Jornal do Brasil e Rádio Club do Brasil. Após peregrinar por esses prefixos, bateu novamente às portas das "emissoras associadas, sendo bem sucedido. Deram-lhe a oportunidade esperada, vindo Nilton de Barros a tomar parte nos espetáculos da Tupi-Tamóio. Atualmente, seu concurso é tido como imprescindível, levando-se em conta seus méritos na arte de dizer ao microfone. Fora da atividade radiofônica que, por sinal, é das mais intensas, o exclusivo da PRE-7 já participou de algumas filmagens, tendo aparecido em "Romance Proibido", produção da Cinédia.



NILCE Gripp Tardin, autora de inúmeras peças rádio-teatrais, há muito empresta o brilho de sua inteligência à causa do "broadcasting" brasileiro. Figura simpática, possuidora de alentada cultura, não lhe foi difícil vencer na seara radiofônica, explorando o gênero que tornou famoso Amaral Gurgel. Raimundo Lopes, Alvaro Augusto e tantos outros; a novela. Escrevendo para o elenco da Mayrink Veiga, inicialmente, logo viu suas radiofoniações apresentadas em outras estações, inclusive na PRE-8. Dentre seus mais conhecidos trabalhos, "O Estrangulador do Bairro Judeu" conseguiu levantar o "Grande Concurso de Peças Policiais", levado a efeito pela antiga Rádio Educadora do Brasil. Também a peça "Os execrados", focalizando, o problema hanseniano, foi apresentada no palco de duas importantes cidades do interior fluminense, alcançando o sucesso desejado. Nascida em Cantagalo, próspera cidade do Estado do Rio, Nilce Gripp Tardin é assidua colaboradora dos programas rádio-teatrais cariocas. "Algemas quebradas", "Meu filho, meu filho", "Calvário de Mulher", "Francesca de Rimini", "Vaidade ferida", são alguns de seus trabalhos que o "Teatro Pelos Ares" encenou com absoluto êxito. Escrevendo com relativa facilidade e explorando assuntos que prendem a atenção do grande público, Nilce Gripp Tardin tornou-se figura conhecida entre os aficionados dos espetáculos do rádio teatro.

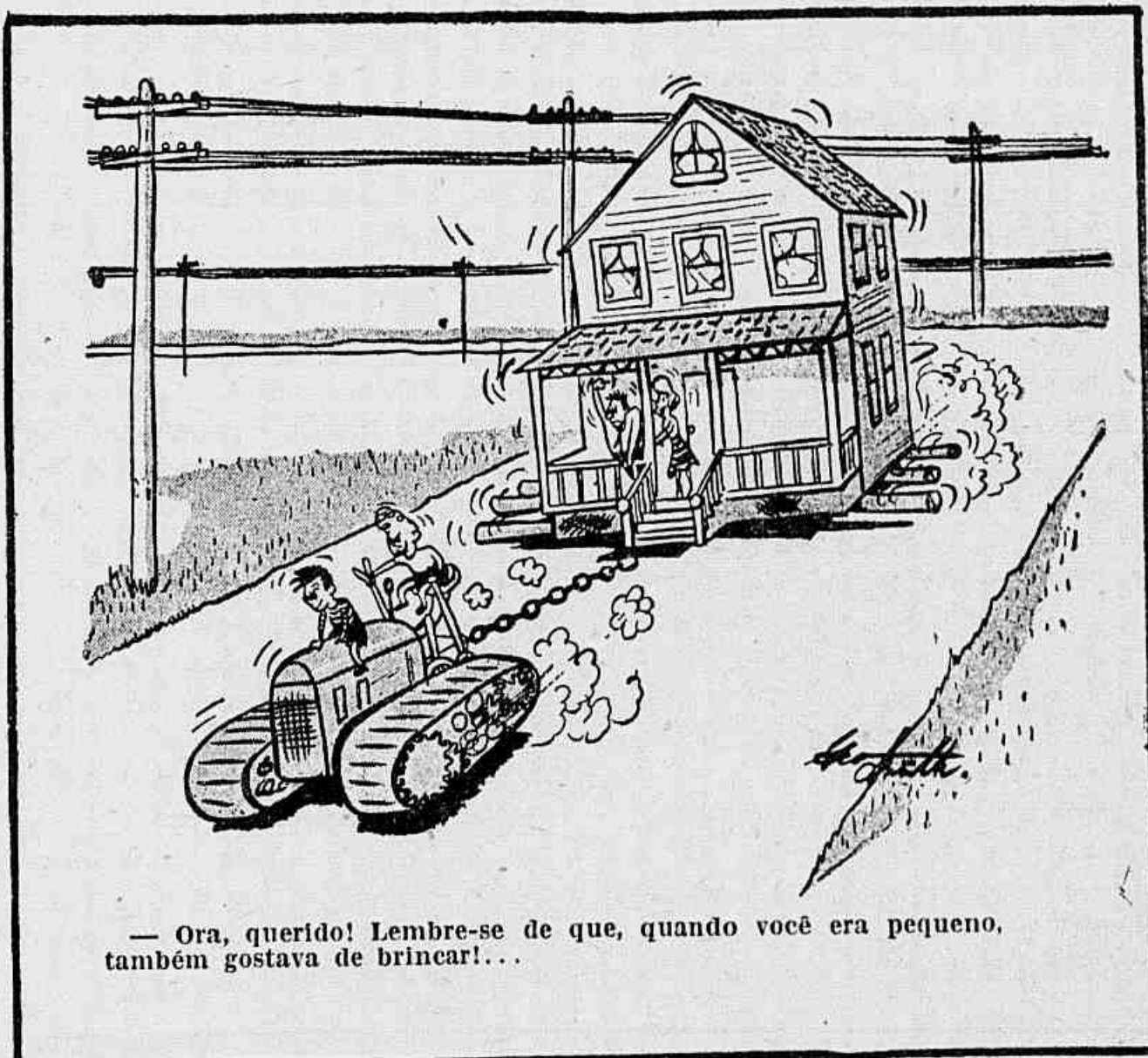
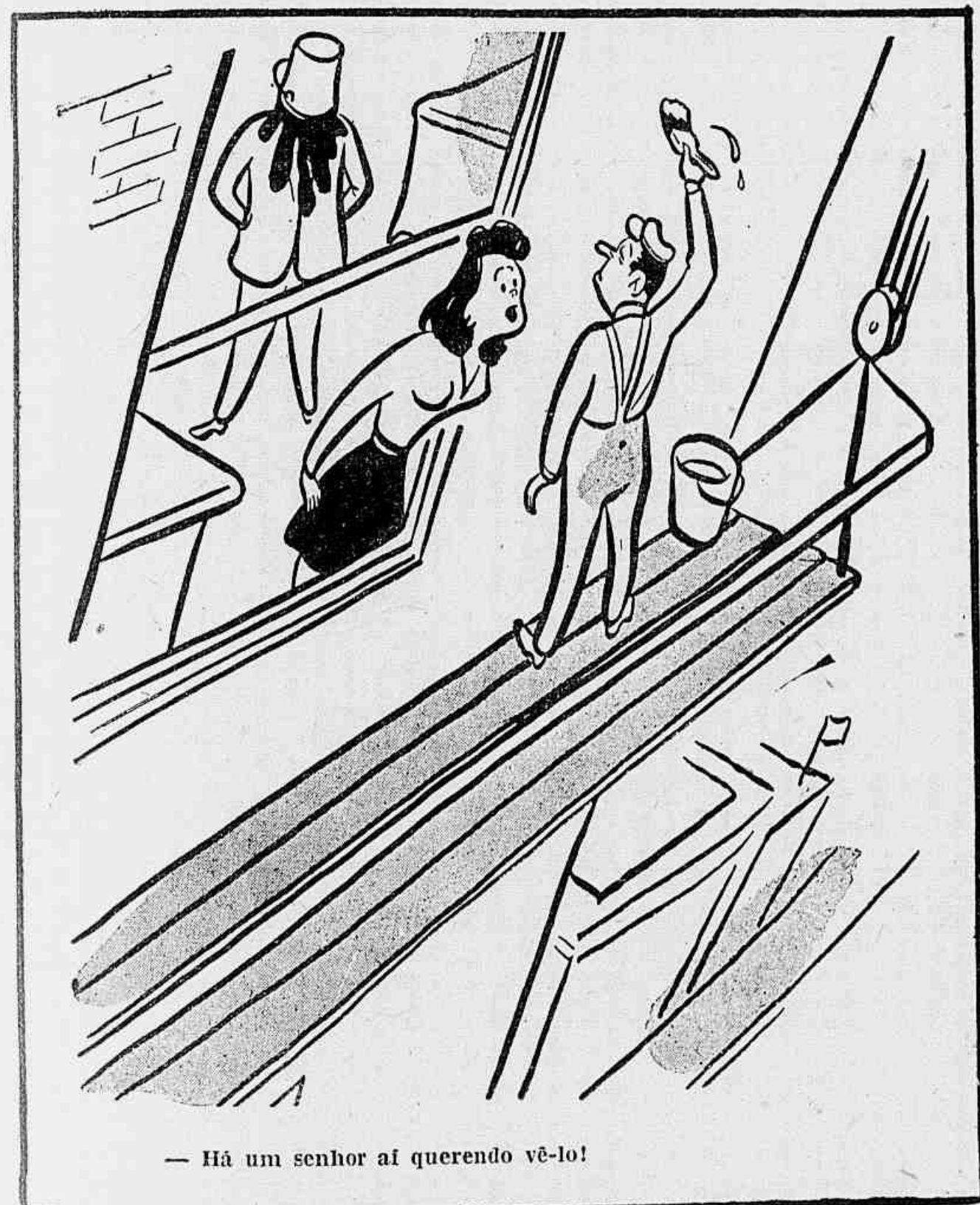
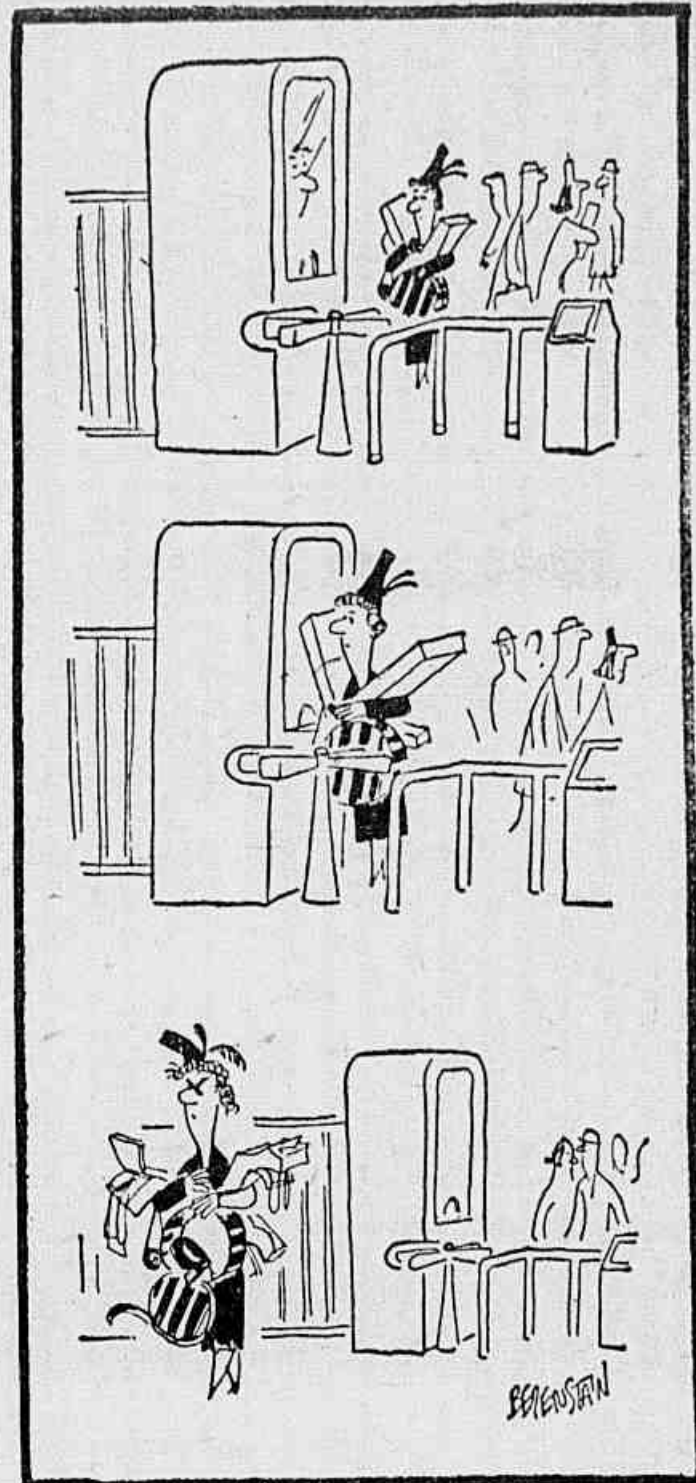
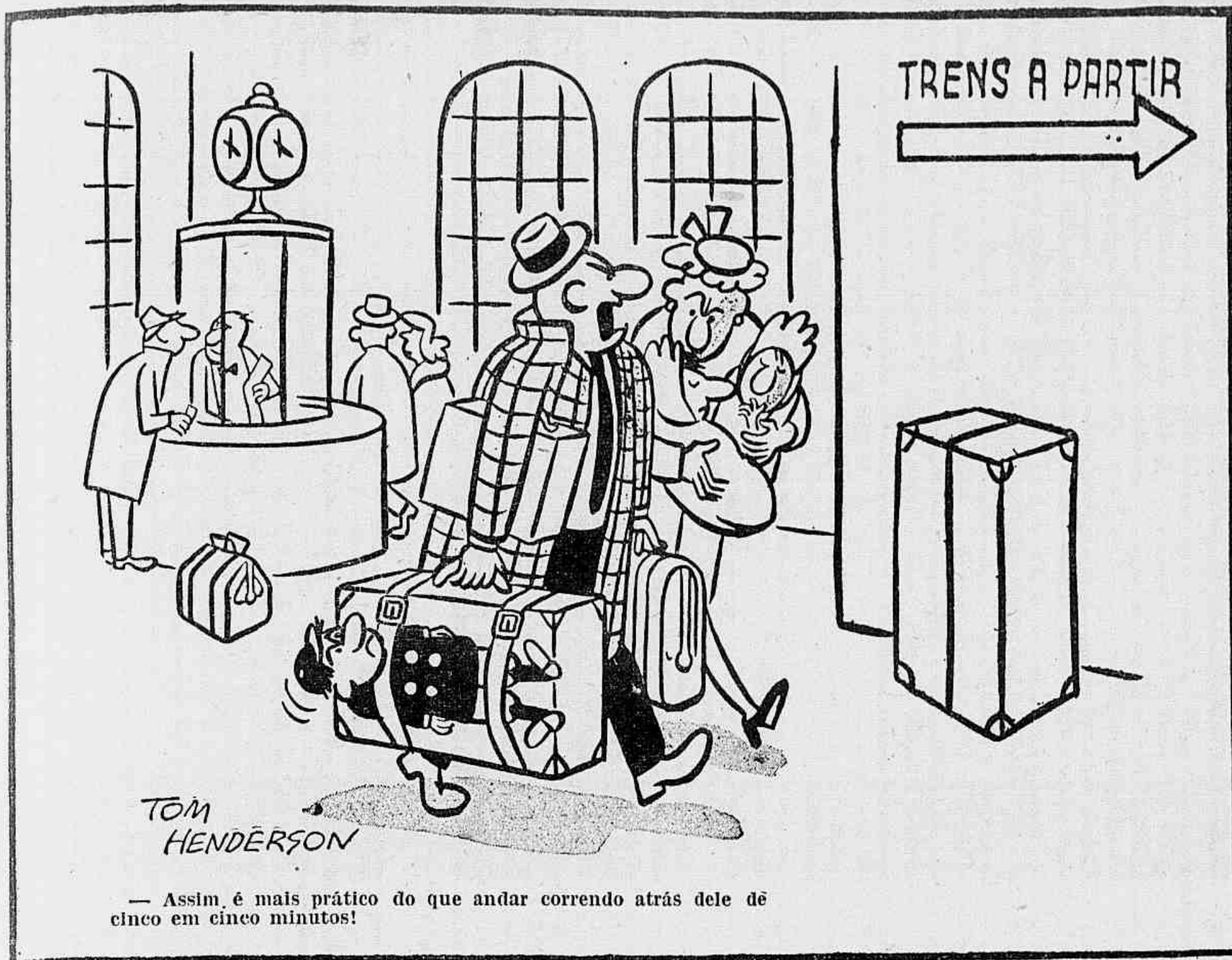


FERNANDO Barreto, nasceu em Pernambuco. Inclinado à música, desenvolveu as cordas vocais e estudou canto. Depois, expandindo a própria vocação, fez-se intérprete das melodias dolentes, conquistando a preferência dos que o ouviam pela primeira vez. Voz educada, interpretação perfeita, dicção muito boa, era ele possuidor das qualidades essenciais para triunfar no "broadcasting" brasileiro, então à procura de valores novos para fazer face ao lema de "renovar ou morrer". E o jovem artista, cónscio de seus méritos, fez a prova de fogo; cantar para o público. Aplausos frenéticos corcaram o final da audição. Fernando Barreto podia enfrentar o grande público. Desse modo, chegou ao "cast" da Rádio Mayrink Veiga, contratado com exclusividade para tomar parte nos programas de estúdio. Seus recitais de canto absorveram a atenção de meio mundo, inclusive das meninas sonhadoras... O artista passou a ter uma legião de fãs, garantia de sua excelente "performance" no rádio carioca. A par de seus estudos musicais, nosso biografado é dono de apreciável cultura, tratando a todos com distinção e fugindo ao lugar comum da intimidade. Como todo cidadão, aprecia os esportes, gosta de ler bons livros e desconhece o que seja inveja. Não se considera deslocado no meio radiofônico e é fã dos seus companheiros de profissão. É pontual nos encontros, não faltando aos costumeiros ensaios.

GENTE DE RADIO

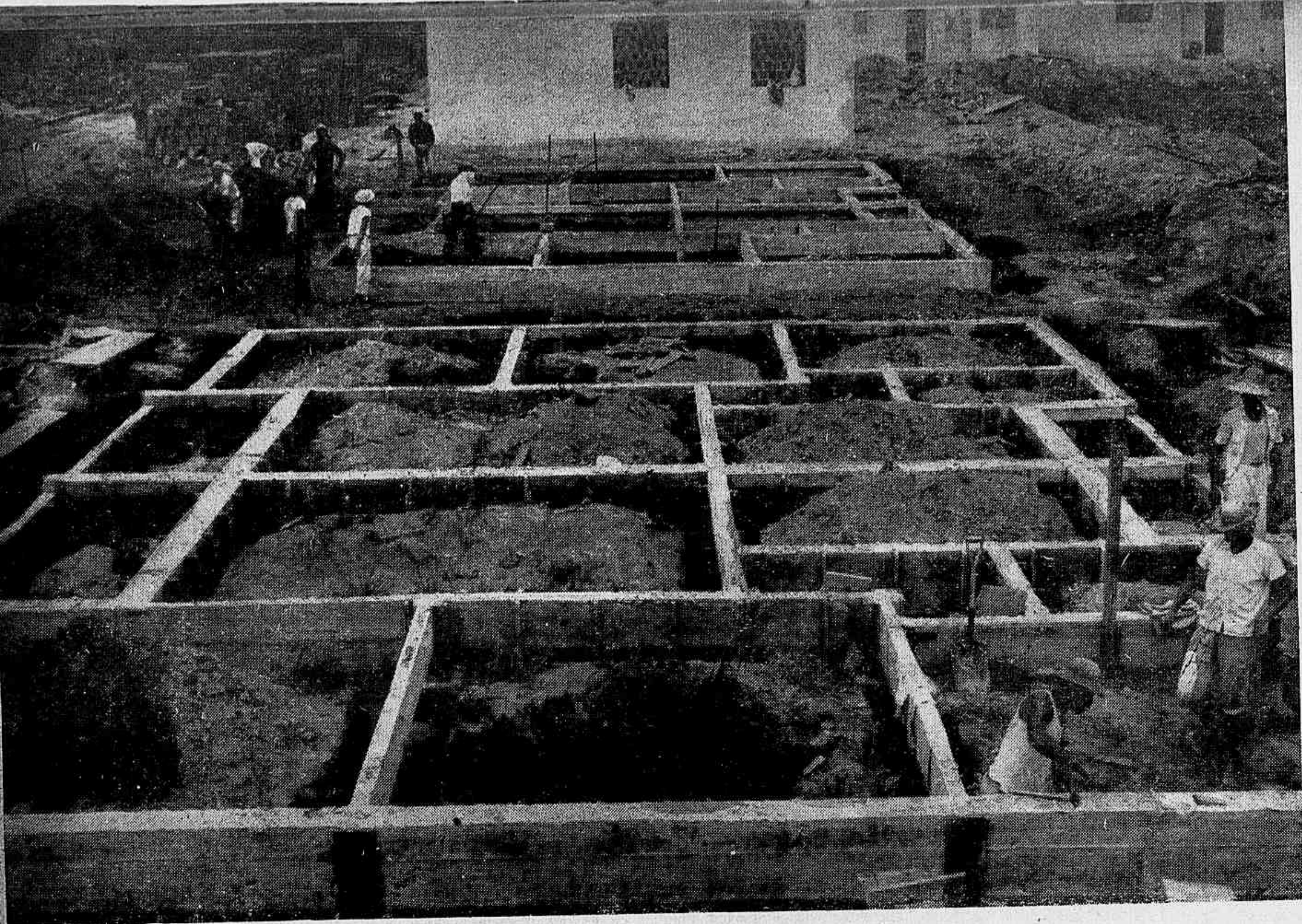
DE QUATRO
EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS



BOM HUMOR





Obras do I. A. P. I. em pleno andamento, em Honório Gurgel, para a construção de 180 unidades residenciais destinadas a seus associados.

A carência de moradias se acha sempre em foco, ultimamente, tanto entre nós como pelo resto do mundo.

Já se disse praticamente tudo quanto poderia ser dito a respeito, mas como o assunto só estará esgotado quando não mais faltarem casas, ainda há lugar para uma voz desvaliosa, no côro das opiniões e comentários.

E' nosso intuito, aqui, examinar as razões principais do insucesso sistemático que vêm tendo, nesse setor, as iniciativas e providências oficiais; examinar sem a autoridade decorrente de conhecimentos especializados, mas com a experiência colhida na observação constante e, sobretudo, com o sadio propósito de eventualmente concorrer para a solução do sério problema.

A nosso ver, tais causas se podem resumir na falta de espírito prático por parte dos órgãos aos quais está o assunto afeto.

A exiguidade de casas é absoluta, o

número de pessoas praticamente desabrigadas é considerável, e para a imensa maioria delas, qualquer moradia, por mais modesta que fosse, já representaria uma solução quando não ideal pelo menos satisfatória, donde resulta que o imperioso e urgente é construir o mais possível, sem excessivas preocupações quanto ao padrão das construções. No entanto, as autoridades responsáveis com intuídos de certo louváveis mas com resultados comprovadamente negativos, demoram-se em estudos, atêm-se a considerações de toda ordem, debatem exaustivamente os mínimos aspectos técnicos, esgotando o assunto sob o ponto de vista teórico, e elaboram projetos completos, atendendo à parte urbanística, observando rigorosamente todos os princípios de arquitetura, programando residências higiênicas, confortáveis e simpáticas, que, boas demais para serem verdade, como se costuma dizer, em geral não passam das plantas, das maquetes e das entrevistas.

Como logo se percebe, nas afirmações acima, em que há, intencionalmente, um pouco de exagero, para melhor caracterização do estado de coisas, não vai nenhum intuito de crítica demolidora nem a mais leve insinuação de que se pode fazer algo sem estudos prévios e sem que determinados fatores sejam levados em conta.

Apenas se deseja, apontando o fenômeno, acentuar a necessidade de se voltar para o mesmo a esclarecida atenção de autoridades e técnicos, para que, examinados prós e contras, se possa chegar a um desejável meio termo, em que, sem menosprezo dos requisitos essenciais de urbanismo e arquitetura, mas com realística noção de outros pontos essenciais, algo de positivo seja feito, e as casas apareçam, sem luxo e mesmo com deficiências, mas razoavelmente habitáveis, apesar de tudo.

E nem se considere impossível conciliar os reclamos da engenharia com as inelutáveis limitações de ordem eco-

A FALTA DE CASAS

nômica, pois é de justiça reconhecer que já temos alguns exemplos do muito que pode, dentro das contingências inelutáveis da realidade econômica e do mercado de terrenos, materiais e serviços, à vontade decidida de realizar.

Ainda há pouco, por exemplo, falando sobre o conjunto residencial que o Instituto dos Industriários está construindo na Penha para seus associados, o engenheiro Alim Pedro, presidente daquela autarquia, acentuava que ali se vem procurando, com apreciável êxito, reduzir tanto quanto possível os gastos com a construção, pela eliminação de tudo que, sendo dispensável, concorresse para o encarecimento da obra e, assim, para dificultar a concretização daquele empreendimento.

Deverão ser construídas na Penha, cerca de 1.300 unidades residenciais, em blocos de 3 e 4 pavimentos, de tipos superiores aos que já estão mundialmente estabelecidos como convenientes, e por aí se comprova que a preocupação de economizar e a adoção de soluções objetivas nem de longe importou em sacrifício da engenharia ou em prejuízo para os futuros moradores.

Essa nova e podemos dizer que já vitoriosa experiência dos Industriários, no campo da engenharia social, de que foram os pioneiros entre nós com o grande conjunto residencial de Realengo, mais robustece o ponto de vista de que falta, quanto a um plano geral de construção de habitações, capaz de atender aos urgentes reclamos das nossas populações, o necessário espírito prático e o indispensável senso da realidade.

Faz-se mister, portanto, e não estamos dando novidade ao afirmar isso, que os responsáveis se compenem na urgência de providências concretas, empreendimentos objetivos e soluções imediatas.

Moradias excelentes seriam o ideal, mas que haja pelo menos moradias razoáveis.

E vamos desejar, encerrando estas notas despretenciosas e bem intencionadas, que o exemplo dos Industriários, na Penha, em Realengo e em tantos outros pontos, inspire governo, autarquias e particulares, para que, com o razoável na falta do ótimo, mas com novas casas, de qualquer maneira, a crise de tetos, quando não se renova de todo pelo menos seja atenuada.

O INCRIVEL MICKEY ROONEY!

(Continuação da pág. 29)

sua personalidade... e os outros que se danem. Apesar disso, correm constantes boatos sobre ele, cada qual pior. E' que todos esperavam que ele fosse também um Andy Hardy na vida real. Homem feito, livre e com dinheiro, não havia razão para que agisse como um garoto travesso. De modo que qualquer coisa que fizesse, em sua qualidade de adulto, era logo considerada como prejudicial à mocidade americana. Essa é uma das razões que o fizeram enjorar de Andy Hardy. Ninguém queria admitir que ele fosse um homem...

Tudo o que se diga em sua defesa, no entanto, não o absolve de culpa como um verdadeiro pesadelo para os homens encarre-

gados de vigiá-lo. Conquistador inveterado, embora tipo "mignon" e turbulento como poucos, deu sempre enorme trabalho aos pobres rapazes, como também ao chefe, Louis B. Mayer. Mas tudo fica esquecido quando ele começa a representar, pois seu talento interpretativo ofusca todos os seus outros "talentos".

Embora capaz de roubar cenas de qualquer um, Mickey tem sido excelente apoio para muita gente boa. Pequenas como Lana Turner, Judy Garland, Esther Williams, Kathryn Grayson, Ann Rutherford e Donna Reed, tiveram a primeira "chance" em filmes de Andy Hardy, e afirmam que Mickey as rebocou em todos os momentos perigosos. E para provar que o seu interesse foi estritamente pessoal, platônico, podemos dizer que ajudou também a pequenas como Elizabeth Taylor, que tinha doze anos, como ainda a Van Johnson e Butch Jenkins. A única queixa dos colegas é que ele nunca estuda um diálogo, nunca erra uma frase e nunca faz necessária uma refilmagem, o que deixa os outros com uma forte sensação de inferioridade.

Diz Sam Zimbalist, o produtor de "Killer McCoy", que ainda está para aparecer o filme impossível para Mickey, e que duvida

que apareça. Naturalmente Mickey não serve para desempenhos românticos, mas para ele nada é impossível. Quanto à interpretação propriamente dita, é capaz de qualquer uma. Diz ainda Sam Zimbalist que não vacilaria em entregar a Mickey a direção de um filme que não fosse muito complicado, pois ele precisa ainda de estabilidade emocional para a função. Mas conhece bem o trabalho de "camêra", de corte, e tem um instinto insuperável para a exibição.

Mickey é capaz de qualquer proeza física. Aprende rapidamente qualquer coisa que veja, em matéria de esportes. Daí a perfeição do seu desempenho como lutador de box em "Killer McCoy". A mais potente de suas habilidades não desenvolvidas, no entanto, é a composição musical. Diz ele: — Publiquei todas as minhas canções sob o pseudônimo de Larry Greenwood porque de qualquer maneira ninguém acreditaria mesmo que fossem minhas. — Há uma coisa na vida de Mickey que diz bem do seu talento musical. Na véspera da terceira posse do presidente Roosevelt houve uma grande festa em Washington, no Constitution Hall, com a presença do secretariado, da diplomacia, do Judiciário, etc.

(Continua na pág. 48)

SOFRE DO FIGADO?

TOME

BIO-HEDAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

PARA CABELOS BRANCOS LOÇÃO LEBLON

Contra Caspa, Soborria e Queda dos Cabelos

MANIPULADO COM AS ÁGUAS
RADIOATIVAS DE SERRA NEGRA

PERFUMARIA LEBLON S. A.
SERRA NEGRA

AGORA SÓ SOFRE DO ES- TÔMAGO QUEM QUER!!!

Certas doenças do estômago têm, quase sempre, como causa básica o excesso de acidez do suco gástrico. Com o correr do tempo, essa anomalia funcional do estômago provoca sérios distúrbios que acabam por desequilibrar completamente o sistema digestivo dando lugar a uma infinidade de moléstias, que vão se tornando cada vez mais agudas e são causa de graves sofrimentos e sacrifícios. A flatulência, a dispepsia, a má digestão, o mau hálito, a língua saburrosa, as dores de estômago, as digestões lentas e dolorosas, as câimbras na boca do estômago, e mesmo, as perigosíssimas úlceras são provocadas pelo excesso de acidez do suco gástrico. Felizmente, agora com os Papéis Bankets, é fácil corrigir rapidamente e para sempre estes males que causam tantos sofrimentos e que tornam a vida de tantas pessoas um verdadeiro inferno, impossibilitadas como ficam de alimentar-se bem e de atender a suas obrigações diárias. Se V. S. é vítima de algumas destas moléstias do estômago, proceda a um tratamento racional com os Papéis Bankets. As suas propriedades sedativas e medicamentosas atuam decisivamente sobre o mal, corrigindo-o em pouco tempo e para sempre.



VARIZES E HEMORRÓIDAS Hemo-Virtus

PETTINATI

USE A POMADA NO LOCAL E
BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feliz quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutícula.

Depois de aplicar este creme observamos como a sua cutícula ganha um ar de naturalidade encantado à vista.

A pele que não resseca e não torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita o ressecamento, as manchas, as asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e saudável volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios A. V. M. & Freitas

CABELOS BRANCOS? LOÇÃO Brilhante

O BLOCO

(Cont. da pág. 34)

coisas tristes que lhe fizessem esquecer o Carnaval.

★

No dia seguinte, segunda-feira, na corrida pelos clubes, o Guedes sentiu-se mal. A esposa aconselhou-o a voltar para casa. Não era nada, não dava para desmanchar a festa, mas convinha tratar-se. A Laurita que se arranjasse...

Laurita nem ligou. Deu o braço à baliza e dançaram, juntas. Guedes voltou exausto, era o fígado que o ameaçava. Tirou a blusa do pijama, ficou de peito nu e sentou-se no sofá da sala. Eulália virou o olhar; como a criada não estava, acendeu-se e foi quem o tratou.

A noite estava amável. Guedes quis agradecer carinhosamente. Eulália não se sentiu mais só.

Terça-feira Aparício ainda estava indisposto.

Desbragando a festa, gritou-lhe Cassilda, dissimulando um sorriso.

Dudu olhou para Miloca, e Miloca, quando se viu mais só, aproveitou e angustiou-lhe esta frase:

— Se o senhor pudesse vir, papai! Com o senhor o bloco espalha, cada um ao seu lado!

— Como é que hei de ir, filha?

Eulália nem refletiu no que estava fazendo. Perfumou-se, mudou toda a roupa e, quando o bloco saiu e sentiu-se abraçada, não estranhou.

Enquanto Aparício Guedes beijava Eulália, começou a refletir que estava envelhecendo para o Carnaval e que as mulheres em casa eram mais gratas à sua sensibilidade.

★

Na quarta-feira a primeira a chegar foi Miloca:

— Aquêle descarado tem mulher e filhos: a cunhada encontrou-o em minha companhia e passou nos um troço. Vê lá se estou para isso, fez com ar de desdém!

Eulália teve um sobressalto, mas salvou as aparências, conservou-se indiferente.

Laurita despediu-se, no portão, de um arlequim mulato, de olhos verdes, com cara de cabeleireiro. Dudu entrou com o noivo, Lurdes e Faustino. Não tinha nem um pouco de carimim nos lábios. Lurdes vinha cansada como sempre: foi tirando os sapatos e, como o primo quisesse ajudá-la, olhou-o com altivez e mandou-o embora.

— O Carnaval já acabou!

Dona Cassilda e Joaquim é que não voltavam. Eulália via nisso a mão do destino. Uma vaga esperança enchia-lhe o coração de impaciência e ritmos.

O pessoal foi deitando. Só ficaram de pé Aparício e Eulália. Dona Cassilda chegou ao meio dia, acompanhada de Joaquim. Vinham um pouco embaraçados. Todos compreenderam o que tinha acontecido. O Guedes, porém, lembrou-se dos seus dois dias passados em casa e ficou sem força moral para falar qualquer coisa. Que diabo! Se tivesse sido antes... Mas a lembrança era muito recente. Estava realmente perturbado.

A mulher, que esperava uma cena, aprovou para mentir:

— Eu caí e fui à Assistência. Doe tanto que pensei que tivesse quebrado a mão... Joaquim não quis deixar-me só e não avisou vocês para não assustar. Não foi nada, não.

E foi deitar-se.

Ao almoço, Joaquim anunciou que iria demorar-se ainda no Rio. Tinha algumas encomendas de Campos para fazer.

A propósito, as irmãs pediram uns cortes e ele gostaria que dona Cassilda, que tinha mais gosto, o ajudasse a escolher.

E passaram a sair juntos todos os dias, Cassilda e Joaquim. Aparício, em compensação, passava horas e horas com Eulália, sem forças para deter a mulher. Se ao menos a sua aventura não fosse em família, restaria-lhe alguma autoridade. Mas tinha medo de ser descoberto também e não dizia nada.

Um dia, chegou uma carta de Campos, reclamando a volta de Joaquim, e ele foi-se embora. Todos os hóspedes já tinham desertado da "Vila Cassilda". Ele era o último a ir-se. Dona Cassilda retomou a vida do lar, tudo como antigamente. Aparício Guedes falou à mulher:

— Não quero mais gente de fora aqui em casa. Quem quiser passar o Carna-

val no Rio que se hospede no "Bola Preta" ou em qualquer pensão.

Enquanto falava, Guedes refletiu que estava envelhecendo para introduzir modificações muito sensíveis na sua vida. Se mandasse a mulher embora, teria que mudar o nome da "Vila Cassilda". Toda a vizinhança notaria. Na repartição os comitês iriam incomodá-lo diariamente. As filhas passariam a trazer-lhe preocupações e sobressaltos. Se a mulher se incidisse, aí estava no seu papel reagir. Mas, por enquanto, ninguém sabia, tudo tinha ficado em família... E ele, em troca, readquiriria uma liberdade inesperada. A mulher, que se sabia descoberta, não teria coragem, da por diante, de fazer-lhe nenhum reproche. No fundo, ela tinha um certo apêgo à "Vila Cassilda", que o Cu des mandara construir quando as meninas eram ainda pequenas. Dudu tinha apenas um ano e já era tão bonita! E a pobre mulher correu para dentro gritando:

— Dudu, Dudu.

E quando a filha chegou, abraçaram-se muito e dona Cassilda enxugou as lágrimas com o indicador da mão direita.

Restava saber se Eulália concordaria com os planos de Aparício Guedes. Iria morar na pensão de uns amigos, em Laranjeiras, e se quisesse podia continuar trabalhando. Prosseguiriam o seu romance secreto, guardando as conveniências sociais.

Eulália concordou. Desde a revelação de Aparício, tinha horror de sentir-se só. Guedes achou a linda nesse dia e seu olhar negro e profundo lhe fez um grande bem.

Foi a última vez em que saiu o bloco do Guedes. Dona Cassilda não quis saber mais de Carnaval. No ano seguinte somente a Lurdes aderiu ao bloco dos Fontes; as duas irmãs ficaram noivando em casa. E Aparício, sempre fatigado, foi descansar em Teresópolis ou nos arredores. Eulália já o estava esperando.

A vida de Tchaikovsky

(Cont. da pág. 32)

se-lhe agora, porém, o ensejo de conhecer de perto a música. Durante quarenta e oito horas «bebeu ela toda a magnífica beleza da melodia, recusando-se a comer ou a dormir». Logo escreveu uma carta a Tchaikovsky fazendo uma confissão completa. «Eu o amo mais do que qualquer outra coisa; estimo-o acima de tudo no mundo. Se essa revelação o aborrece, perdoe-me. Falei sem reboços. A razão é — a sua Sinfonia».

★

Embora vivesse separado da mulher Tchaikovsky não se libertara ainda dos laços do casamento. Antonina recusava divorciar-se dele e perseguia-o com as suas exigências constantes de dinheiro. Possuía-o, de vez em quando, uma fúria quase assassina. «Já sei», escreveu ele sinistramente, «como um homem, não sendo mau por natureza, pode converter-se num criminoso!». Voltaram-lhe as antigas crises de nervos — a insônia, a perda de peso, as câimbras cardíacas, os pesadelos. Nesses instantes, a única coisa que conseguia aliviá-lo era um bom copo de vinho, e ele confessou que se socorria do vinho todas as noites. «Nos primeiros períodos da embriaguez eu sentia uma satisfação completa». No entanto, o efeito estimulante da bebida desvanecia-se logo após alguns minutos e ele tornava-se melancólico — e à música. «A idéia de que não valho nada, de que somente o meu trabalho musical me redime dos meus defeitos e me empresta a condição masculina, em seu verdadeiro sentido principia a oprimir-me e a torturar-me. A única maneira de subtrair-me a essas dúvidas atormentadoras e a essas auto-flagelações consiste em encetar novo labor. Dêsse modo, giro como o fuso de uma roca... Luto quanto posso... Se o meu trabalho pode salvar-me. E eu trabalho».

Escreveu a Nadyezhda acerca da sua música — sempre acerca da sua música. «As palavras são inúteis para descrever a emoção que me avassala quando concebo uma nova idéia e esta principia a tomar forma definida. Esqueço-me de tudo; sou um louco, tremendo e tiritando em cada fibra, sem tempo sequer de



Fume! Mantenha porém, seus dentes livres das anti-estéticas Manchas de Nicotina!

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Renove completamente as manchas da nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e saudável. Não ataca o esmalte. Não contém pedras pómes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES

BUSTO IDEAL EM DOIS MÊSES COM AS PILULES ORIENTALES

TONICAS E RECONSTITUINTES

Sempre bemfazejas para a saúde



Exigir o frasco de origem sobre o qual devem figurar o nome e o endereço de J. RATIE, — Farmacêutico — 45, rue de l'Échiquier — PARIS — A venda em todas as farmácias e drogarias. Agente geral para o Brasil: Caixa Post. 2562, RIO DE JANEIRO (Aprov. D.N.S.P. sob o N° 57 em 26-6-1917)

DA VIDA NADA SE LEVA...

A todos os homens e mulheres, desiludidos de alcançarem a suprema felicidade humana, recomendamos as afamadas Pilulas Maratu, aprovadas e licenciadas pelo D. N. Saúde Pública como tônico nervino no tratamento da astenia neuro-muscular e suas manifestações e isentas de qualquer ação nociva. As pilulas Maratu são fabricadas com extratos de Catuaba e Marapuama (Acanthes Virilis), duas plantas de virtudes extraordinárias e que existem abundantemente em alguns Estados do norte do Brasil. Aliás, elas já eram conhecidas desde longa data pelos genitores brasileiros que as usavam como poderoso tônico e levantador do sistema nervoso. Quando alguém sentir uma verdadeira depressão no ritmo normal de sua vida, mesmo que seja devido à idade avançada, deve recorrer a estas pilulas, que darão, não só o entusiasmo perdido, como ainda uma sensação de bem-estar e alegria de viver. Deixem de pessimismo... Tomar as Pilulas Maratu é saber gozar a vida, mesmo porque... da vida nada se leva.

Está à venda em todo o

Brasil o

ALMANAQUE EU SEI

TUDO

para 1948

MELHOR RECEPÇÃO LOCAL

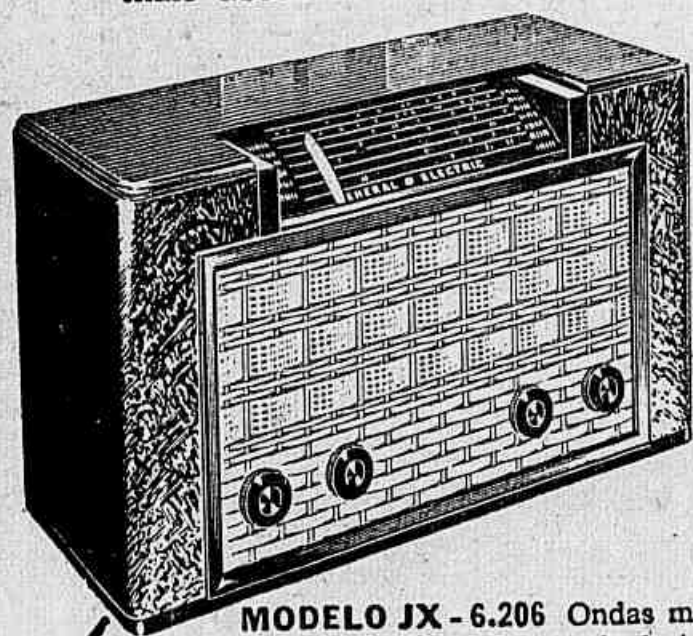
MAIOR POTÊNCIA

EM ONDAS CURTAS...

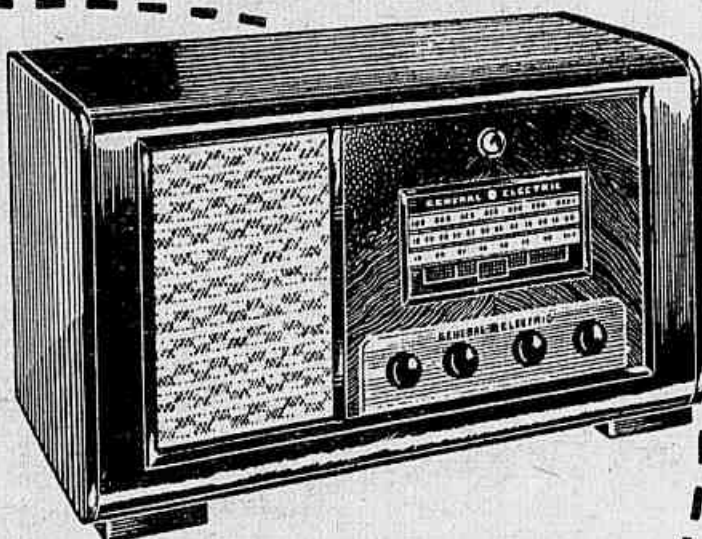
Com os novos radios G-E de Tom Natural!

Os novos radios General Electric possuem características eletrônicas que lhe proporcionam o incomparável TOM NATURAL G-E, permitindo-lhe distinguir as vozes e os instrumentos musicais com a mais absoluta fidelidade. Devido

aos detalhes técnicos exclusivos e à sua super-sensibilidade, os novos modelos de radios G-E de Tom Natural oferecem-lhe uma audição nítida e impecável, melhor recepção local e mais potência em ondas curtas!



MODELO X-181-V Ondas médias e curtas, 9 válvulas, alto falante Dynapower e 7 faixas de onda, sendo 4 ampliadas. Movel de madeiras escolhidas.



MODELO JX-6.206 Ondas médias e curtas, 6 válvulas inclusive olho mágico, 2 faixas de onda, alto-falante de 6 polegadas e controle de volume automatico.



MODELO C-208 Ondas médias e curtas, 8 válvulas inclusive olho mágico, controle de som de 3 tonalidades, compensação automatica de volume tomada especial para fonógrafo e 7 faixas de onda, sendo 4 ampliadas.

VÁ ESCOLHER O SEU RADIO G-E NO MAIS PRÓXIMO REVENDEDOR AUTORIZADO DA

GENERAL ELECTRIC

RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - RECIFE - SALVADOR - CURITIBA - PORTO ALEGRE

esboçar as passagens musicais, tão rapidamente correm as idéias umas no encalço das outras. Às vezes, no meio desse processo, um choque exterior esperta-me do estado mágico de sonambulismo. Soa a campainha, entra o criado, o relógio dá as horas, lembrando-me de que as obrigações quotidianas têm de ser atendidas... A sua música, referenciosos ele, transporta-o a um mundo inteiramente diferente — um mundo em que ele consegue esquecer-se de si e transformar-se num instrumento impecável nas mãos de uma força mais alta. Encontramos, acaso, em sua música um reflexo da sua triste existência? Não, responde Tchaikovsky. «A minha atividade criadora é objetiva... e enganamos aqueles que acreditam possa um artista utilizar-se do próprio engenho com o intuito de eximir-se dos sentimentos particulares do momento. Sem qualquer motivo especial de alegria, posso experimentar um estado de espírito criativo e feliz; e, inversamente, posso escrever música prenhe de escuridade e desespero num ambiente feliz. Em suma, o artista leva dupla vida, essas duas vidas nem sempre coincidem». «Não é preciso ser feliz para criar a felicidade», disse um sábio do Oriente. E Tchaikovsky demonstrou a sabedoria desse aforismo.

VI

1880... Cresce a fama. O compositor de rosto jovial e coração melancólico completara quarenta anos. Se bem o dinheiro já não lhe proviesse apenas de Nadyezhda, ele não mudara. Sustentava todos os músicos esfomeados de Moscou. Fez uma viagem a Paris e, por um breve período, atirou ao vento as preocupações. «Vocês desatariam a rir», escreveu aos irmãos, «se me vissem caminhar pelas ruas como um galo com um casaco novo e um chapéu elegantíssimo... Deu-me agora a mania da janotice. Vivo brincando com a idéia de comprar uma corrente de ouro e um alfinete... O dinheiro voa e, daqui a pouco, não terei um único franco no bolso». Poucos dias depois saiu de Paris e viu-se encaalhado em Berlim. «Em Paris», escreveu ele a Nadyezhda, «consegui administrar tão bem o meu dinheiro que, depois de pagar a conta do hotel, não me restava nem o necessário para retornar à Rússia. Chegando a Berlim não pude continuar! Telegrafei, por isso, a Jurgenson (o seu editor) e pedi-lhe que me mandasse, por telegrama, um dinheiro que me deve. Não sei por que cargas d'água ainda não respondeu». Acrescentava, não obstante, que as suas finanças estavam em «brilhantíssimas» condições. Compreendeu Nadyezhda o seu sonhador otimista e mandou-lhe dinheiro para a conta do hotel em Berlim e para a viagem a São Petersburgo.

Durante a estada de Peter em Paris, Nadyezhda instou com ele que procurasse as pessoas que lhe convinha conhecer. Tchaikovsky, porém, confessou ingenuamente que tinha medo aos outros. «Durante toda a minha vida os contactos sociais me fizeram sofrer». Mesmo quando viajava de trem encolhia-se num canto do compartimento, temendo que pudessem reconhecê-lo. Não sabia definir com exatidão o que havia nos outros que tanta angústia lhe causava, mas o caso é que a sociedade o tormentava. «Qualquer outra pessoa que estivesse aqui no meu lugar», escreveu de Paris a Nadyezhda, «já teria procurado os musicistas locais». Confessava saber quanto lhe minguarda as oportunidades de êxito essa timidez, e asseverava ter pelejado contra ela com todas as suas forças. Mas desistira da luta. «De fato, agora que posso esconder-me em minha toca e ser sempre eu mesmo, visto que os livros e a notação musical são hoje os meus únicos companheiros, sinto-me perfeitamente feliz».

E conseguira, afinal, apesar da timidez, garantir o próprio sucesso. As suas sinfonias e aberturas haviam caído no godo dos auditórios musicais de toda a Europa. A sua mensagem eslava chegara até aos Estados Unidos, onde a sua música era tocada em salões à cunha. «A minha música», escreveu ele, «é recebida com simpatia por todos os lados. Levo todas as manhãs a ler as provas, e quando acabo as páginas entrego-as ao impressor». De fato, tão rápidas chegavam as encomendas que ele temia não ter tempo suficiente para satisfazer a todos os pedidos.

Tornara-se uma figura notória. A fim de evitar a contínua torrente de visi-

tantes, pregou um aviso em seu jardim: «Peter Ilich Tchaikovsky. Recebe às segundas-feiras e aos sábados, das 3 às 5. Não está em casa o resto da semana. E' favor não tocar». Viajou todo o continente e onde quer que dirigisse as próprias músicas era recebido com aclamações. Aditou à sua música instrumental — já escrevera diversas aberturas e cinco sinfonias — duas óperas de sucesso: «Eugênio Oneguine» e «Pique-Dame». Contou, em carta, a Nadyezhda que voltava de cada viagem carregado de louros — «mas só de louros. Não sei atender aos meus interesses pecuniários». Encetou uma excursão triunfal. Londres, Dresde, Paris, Genebra, Berlim, Hamburgo, Praga, Leipzig... A glória, entretanto, não o comoveu. «Você, Nadyezhda», escreveu ele no apogeu de sua fama, «é a única pessoa no mundo que me pode fazer profundamente feliz». E expressou o desejo de toda a sua alma de que jamais se alterasse, jamais terminasse o que quer que inspirava a ela o seu afeto por ele, «porque uma perda dessa ordem seria, para mim, insuperável».

Ele abeirava-se agora do pináculo do triunfo. Recebera um convite para reger uma série de concertos em seis das principais cidades norte-americanas, honra que não havia sido conferida, até então, a nenhum outro compositor russo. Os céus, enfim, pareciam ter voltado para ele uma face sorridente.

E nesse passo, pouco antes de embarcar para a América, atingiu-o súbito golpe, uma carta de Nadyezhda von Meck, escrita num tom que ela nunca usara antes. Dizia-lhe, concisa e comercialmente, que a sua fortuna estava a ponto de arruinar-lhe de tudo, que, a datar daquele momento, já não lhe poderia enviar dinheiro algum — como se isso pudesse importar a Peter Ilich! — e que a intimidade deles tinha de acabar. Terminava a carta com umas poucas palavras casuais, totalmente destituídas de calor: «Não esqueça, e pense em mim de vez em quando».

O tom dessa carta petrificou-o. Rabis-cou, à pressa, uma resposta. Como pudera ela imaginar que a perda da sua pensão viria afetá-lo? Suplicava-lhe que não se preocupasse com a situação financeira dele, que o seu rendimento, proveniente de outras fontes, aumentara de maneira considerável. «Mas as palavras finais da sua carta, «não esqueça, e pense em mim de vez em quando», cortou-me até a carne viva... Será possível que me julgue capaz de me lembrar de você apenas enquanto eu receber o seu dinheiro? Poderel, porventura, esquecer tudo o que você fez por mim, tudo o que a sua amizade significou para mim e para a minha música?». Era-lhe impossível compreender os motivos da súbita frieza de Nadyezhda. Nada se sabia em Moscou a respeito da «ruína completa» da fortuna de von Meck. Pelo contrário, a estrada de ferro em que essa fortuna fora empregada parecia mais forte do que nunca. Nadyezhda havia de ter outras razões, que só ela conhecia, para a sua frieza inopinada. «Perdoe estas apressadas garantias», acrescentou ele no «post-scriptum» da carta. «Estou perturbado de mais para escrever com clareza».

O golpe debilitara-o. «Ela cansou-se de você e da sua música», repetia-lhe uma voz. «E agora que já não lhe serve como empregado, ela quer livrar-se de você»...

Não obstante, agarrando-se a um verdadeiro lampejo de esperança, ele esperava que tivesse havido um engano. Ela, seguramente, lhe escreveria outra carta, explicando tudo. Dia após dia esperou por essa carta — que nunca chegou. Embarcou para a América e desembarcou em Nova York, onde foi estrondosamente recebido, convertendo-se no ídolo do Novo Mundo. Matronas, milionários, educadores, jornalistas, cocheiros — todos se inclinavam diante dele em obsequiosa homenagem. Aquela, no entanto, era uma glória vazia. Ele trocava de bom grado tudo isso por uma simples palavra de Nadyezhda. Envelhecera rapidamente nos últimos meses. Referiam os repórteres que era «um homem interessante de seus sessenta anos», embora orcasse apenas pelos cinquenta a esse tempo. Saciado pela adulação americana, regressou a toda a pressa a Moscou. Nenhuma palavra de Nadyezhda. Fazia oito meses que ele lhe escrevera. E depois, por fim, chegou uma carta — não dela, mas de um amigo comum. «Ela está muito mal, terrível-

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

mente conturbada. Já não pode escrever-lhe como antes»...

Tchailovsky respondeu imediatamente. «Não quero, por nada dêse mundo, aumentar-lhe os padecimentos. O que me magoa, me perturba e, posso dizê-lo, me ofende profundamente não é o fato de ela não me escrever, mas o fato de ela não me escrever, mas o fato de muito mais amargo de haver ela perdido todo o interesse por mim... O que desejo instantaneamente é que as nossas relações não se modifiquem, agora que já não recebo dinheiro dela. Infelizmente, isso parece impossível, uma vez que Nadyezhda se tornou obviamente fria para comigo... Eu tinha a impressão de que seria mais fácil a terra se desmoronar aos meus pés do que se modificarem os sentimentos que por mim nutria Nadyezhda Philaretovna. Isso, porém, aconteceu e toda a minha confiança nas pessoas, toda a minha fé no mundo se extinguíram. Foi-se-me a paz e toda e qualquer felicidade que o destino possa haver-me reservado está empenhada para sempre»...

Esta última carta não teve resposta.

VII

Os fatos haviam reservado as suas maiores distinções para esses últimos anos tristes da vida dele. Foi eleito membro da Academia Francesa. Na Inglaterra, recebeu um grau honorífico da Universidade de Cambridge. Viajava entre um concerto e outro com furiosa rapidez. «Dir-se-ia», escreveu seu irmão Modeste, «que Peter cessara de pertencer-se. Alguma força irresistível tomara conta dele... uma ansiedade profunda e inexplicável, um desespero que pedia o esquecimento às distrações, onde quer que fosse... A gente tinha a convicção de que as coisas não poderiam continuar como estavam, de que alguma alteração estava próxima, de que algo velho e acabado cederia brevemente o passo a qualquer coisa nova e desconhecida». Peter contara ao irmão que estava compondo uma nova sinfonia, a sexta. Havia de ser uma fúnebre elegia, um canto de adeus a uma amizade morta. Tão lindas eram as suas melodias que lhe haviam arrancado lágrimas dos olhos. «Cuido ser a melhor das minhas obras até hoje; pelo menos, sei que é a mais sincera». Cumpria, contudo, dar-lhe um nome especial — algo que exprimisse o coração... o insuportável sofrimento que ele experimentara. «Sinfonia Trágica»? «Sinfonia das Lágrimas»? Não, isso era muito comum. E então seu irmão Modeste, que tão intimamente o conhecia, sugeriu a palavra «Patética». Bravo! «Sinfonia Patética»...

VIII

A «Sinfonia Patética» foi a última coisa que ele escreveu. Era o testamento em que legava ao mundo a chama do seu

NUMEROS ATRASADOS DESTA REVISTA NO PARA

PEDIR A

Albano H. Martins & Cia,
Travessa Campos Sales, 58
BELE'M

gênio e a beleza da sua dor. Completou-se a sinfonia. Naquele momento flagelava a Rússia uma das frequentes epidemias de cólera. Tchailovsky, descuidado, tomou um copo de água contaminada. Contraiu a moléstia. Durante quatro dias agonizou e, no quinto, encontrou o repouso.

Fim estranho de uma estranha existência. Um gênio a quem o Destino havia dado os dons de um deus e a quem negara as energias de um homem. Quais teriam sido os verdadeiros pensamentos de tão triste e incongruente personalidade? — cogitavam as centenas de adoradores ao desfilar-lhe ao pé do cadáver exposto. Duas semanas mais tarde, entretanto, era a «Sinfonia Patética» executada em toda a sua magnífica beleza, e os que a ouviram, inclinando a cabeça, choraram. Porque então a compreenderam.

(Do livro «Vidas dos grandes compositores».)

O carnaval não morreu!

(Cont. da pág. 11)

zes, do qual também publicamos reportagem especial. No dia 6 dançava-se no Baile das Sereias, também animadíssimo, no qual desfilou uma dúzia de garotas.

No dia 7... bem nesse dia já era mesmo carnaval. Na semana pré-carnavalesca, além dos bailes mencionados, realizaram-se centenas de outros em diversos clubes, como os Democráticos, Tenentes, Sossêgo, Fenianos, Pierrots da Caverna, Independentes, etc. Muita gente já estava no «prego» quando chegou de fato o carnaval da folhinha.

A AVENIDA E A PRAÇA ONZE

A ornamentação da avenida Rio Branco e da Praça Onze, dois logradouros habituais de concentração da multidão. Infelizmente foi prejudicada por erro de construção. A ornamentação da avenida começava com uma bela imitação da Torre Eiffel, construída em volta do obelisco fronteiro ao Monroe. Toda iluminada, não faltou nem o aerostato de Santos Dumont circundando-a, sem parar. Seguiam-se violões, pandeiros e tamborins de grandes dimensões, também feericamente iluminados. Grandes arcos deveriam atravessar a avenida de um passeio ao outro. Além do mais, a quebra de um cabo de aço do carro incumbido de levá-los, impossibilitou a armação dos arcos. Não havia outro cabo de aço para substituí-lo. Entretanto, arranjou-se um meio de colocá-los ao meio da avenida, como se fossem arcos de pontes. A praça Onze, que esteve ameaçada de desaparecer, voltou ao Carnaval, em grande forma. Grandes decorações faziam da praça um imenso terreiro de escola de samba. E todas as escolas vieram na noite de segunda-feira render homenagens à querida Praça Onze. Tivemos, em suma, um carnaval como poucos. Um carnaval como os de outrora. E aqui damos alguns flagrantes das ruas cariocas, colhidos durante a grande folia, que valem, sem dúvida, como uma eloquente documentação da alegria e do esplendor do carnaval que passou.



A PRIMEIRA COMUNHÃO DE REGINA MAURA — Regina Maura completou 10 anos no dia 19 de janeiro último. E para bem comemorar esse feliz acontecimento, a interessante menina recebeu a sua primeira comunhão. Vêmo-la aqui em pose feita logo após o ato consagratório. Regina Maura é filha do casal Jonas Esteves Marques-Herondina Tironi Marques, residentes na cidade de Carangola, Minas Gerais.

TEM FALTA DE APETITE?
DYNAMOGENOL VIDA DO CÉREBRO
VIDA DOS MÚSCULOS
VIDA DO CORPO

PUBLICIDADE PARA A
REVISTA DA SEMANA
EM SÃO PAULO:

Tratar com
JARBAS DE FREITAS GALVÃO

RUA BRIGADEIRO TOBIAS, 613
2.º and. Sala 217 — Fone: 6-6718



Modelo 20 H
Anel em prata de
lei, com foto-esmalte e tampa com monograma. (Grande moda).

Cr \$ 100,00

Pelo Reembolso Postal para todo o Brasil.
Envie fotografia, monograma e a medida do dedo.

(Tomar a medida com uma tira de papel ou fio)

Pedidos para
STUDIOS RIO
Caixa Postal N. 34 — Copacabana — Rio de Janeiro D. F.



Metrolina

antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.

A megera domada

(Cont. do núm. ant.)

O cheiro era, sem dúvida, forte, acre, porém, nada tinha de repugnante. Partiu um pedaço; a superfície muito fresca era de um branco leitoso, mas, em menos de dez segundos, como por encanto, transformou-se em um amarelo esverdeado. Era uma curiosa transformação, e Coombes para vê-la renovar-se, partiu mais dois pedaços. Esses cogumelos eram vegetais bem esquisitos, pensou Coombes; e cada qual mais venenoso; sim, seu pai sempre lhe dizia; eram todos venenosos!

Não é bom adiar uma resolução urgente. Porque não o faria ali mesmo, naquela ocasião? disse Coombes consigo mesmo. E pôs na boca um pedacinho, um pedacinho muito pequenino, quase uma migalha. Achou tão amargo que quase cuspiu-o fora outra vez; depois teve uma sensação de calor; o pedacinho do cogumelo queimava-lhe a boca como se fosse uma espécie de mostarda alemã; sim, era mesmo um cogumelo venenoso! Na irritação em que se achava, engoliu o pedacinho que tinha na boca. Seria bom ou mau? Achava-se em uma disposição de espírito completamente indiferente a tudo. Desejou comer um outro pedaço! Realmente não era mau, era bom.

E ele esquecia-se dos seus desgostos com a preocupação do momento presente. Estava como que brincando com a morte. Mais uma dentada, e engoliu resolutamente um grande pedaço. No mesmo instante sentiu uma comichão bizarra na extremidade dos dedos dos pés e das mãos. O pulso bateu mais apressadamente, e o sangue dava-lhe, nos ouvidos, pancadas semelhantes às da mó de um moinho.

— Tenta comer mais um pouco! disse Coombes a si próprio. Voltando-se, porém, para olhar ao redor de si, vacilou e quase caiu. Sentia as pernas bambas e os passos mal seguros. Fez ainda um esforço no intuito de chegar até onde se achava uma pequena mancha esverdeada, alguns metros adiante: Lindo, este, disse ele... Hei de comê-lo! Não, não consigo!

Vacilou um momento e caiu com o nariz no chão, as mãos estendidas para os cogumelos.

Não comeu, porém, mais nenhum; perdeu imediatamente os sentidos.

Pouco tempo depois, voltou-se e levantou-se espantado. O seu chapéu de seda, escovado com tanto cuidado, rolara até o fosso. Ele passou a mão pela testa, a fim de coordenar as idéias. Acontecera, certamente, alguma coisa muito extraordinária, mas não podia lembrar-se do que fora. Em todo caso, não levou muito tempo para restabelecer-se, e sentiu-se leve e alegre.

Tinha a garganta em fogo. Em uma súbita expansão de alegria, pôs-se a rir com toda a força, dando grandes gargalhadas.

Teria enlouquecido? Nada sabia; em todo caso seria por pouco tempo. Ao levantar-se, sentiu as pernas bambas e vacilantes; olhava agora para tudo com um sorriso de beatitude. A memória voltou-lhe novamente, porém não sabia ainda precisar bem as lérias; invadiu-lhe o espírito uma espécie de nevoeiro. Lembrou-se de que ficara zangado em casa, precisamente porque os outros queriam divertir-se. Eles é que tinham razão, o melhor que há a fazer, é mesmo levar a vida da maneira mais alegre que for possível.

Na volta para casa, no intuito de fazer as pazes e tranquilizar a sua gente. E porque não havia de levar também alguns daqueles deliciosos cogumelos venenosos, para que eles lá os comessem igualmente? Sim, levava cheio dees o chapéu. Alguns daqueles vermelhos, com manchas brancas, e também um pouco destes amarelos.

E' verdade que se mostrará impertinente, inimigo da alegria, porém, faria uma retratação pública do seu delito. E si, por exemplo, levantasse as mangas do sobretudo e colocasse algumas douradas flores de giesta nas algibeiras do casaco, não seria dar ainda mais alegria e encanto à sua reconciliação! Aiém disso, entraria em casa cantando; que bela tarde ia passar!

Depois da partida de Coombes, Jennie saiu do plano; voltando-se para a senhora Coombes:

— Ah! quanto barulho por tão pouca coisa! disse ela.

— Veja as afrontas que eu aturo, senhor Clarence, disse a senhora Coombes.

— Ele é um pouco arrebatado, disse sentenciosamente Clarence.

— Não tem a menor idéia da posição em que nos achamos, continuou a senhora Coombes, eis o que me aborrece. Não se importa senão com a sua velha loja. Si eu recebo visitas, si compro qualquer coisa para trajar-me decentemente, ou si por qualquer motivo me excedo um pouco nas despesas, ele diz-me logo palavras desagradáveis: "Seja econômica... E' preciso saber privar-se de algumas coisas, etc., etc." Há algum tempo ele passa as noites em claro; leva quebrando a cabeça para achar um meio de extorquir-me alguns soldos. Uma vez, achou que devíamos comer margarina. Si eu fosse tola me consentir que ele me tomasse contas do que faço, ah! Então!...

— Tem muita razão, disse Jennie.

Quando um homem gosta de uma mulher, declarou Clarence, preguiçosamente estendido em uma poltrona, deve estar pronto a fazer todos os sacrifícios exigidos por ela. Eu, — e olhava para Jennie — não pensarei em casar-me enquanto não estiver em boa situação. E' puro egoísmo. Um homem tem dever de ir contra ventos e mares; mas não tem o direito de arrastar a sua...

— Não é esta a minha opinião, exclamou Jennie. Não sei porque um homem não poderá ser ajudado por sua mulher, desde que não proceda para com ela como se fosse uma criada. A baixaza está em...

— Creiam-me se quiserem; fui uma tola em ter casado com este homem. Pelas provas que tive, poderia tê-lo conhecido muito bem. Si não fosse meu pai, não teríamos tido um único carro no dia do nosso casamento.

— Deus do céu!... E ele consentiu que se fizesse tal despesa? perguntou Clarence verdadeiramente admirado.

Disse que tinha necessidade de dinheiro para o seu negócio, e outras parvoíces da mesma espécie. Além disso, ele não teria alugado uma criada, para me ajudar uma vez por semana, se eu tivesse podido, sem ela, resistir à fadiga... E as observações que ele me faz à propósito do dinheiro! De vez em vez, lá me traz as suas contas e leva a azocrinar-me os ouvidos; sempre com as mesmas palavras: "Si pudermos chegar até o fim do ano, os nossos negócios estão em bom caminho; é só podermos chegar até o fim do ano! Tudo irá bem se conseguirmos chegar até o fim do ano." — "Conheço-te, digo-lhe eu. O que queres é ver-me com a cilha na barriga até ficar bem feia. Se queres ter uma escrava, porque não te casaste com uma escrava, em lugar de fazê-lo com uma donzela de boa família?"

Não continuaremos a descrever esta conversa pouco edificante. E' bastante saber-se que Coombes era lembrado nela de maneira assaz desfavorável, e que na ausência dele, divertiam-se bastante a criticá-lo. A senhora Coombes foi preparar o chá; Jennie sentou-se

familiarmente no braço da poltrona em que se achava Clarence, até a hora em que viera avisar de que o chá estava na mesa.

— Que foi isto que eu ouvi? perguntou, rindo, a senhora Coombes, na ocasião em que entrou na sala; havia no ar um ruído de beijos.

Estavam todos sentados ao redor de uma mezinha, quando um leve rumor anunciou a volta de Coombes.

Era o ruído de uma mão que segurava, hesitante, o trinco da porta exterior.

— Céus! e meu marido! exclamou a senhora Coombes. Ele saiu furioso como um leão, aposto em como vem agora manso como um cordeiro.

Ouviu-se o baque de um objeto caindo na loja, sem dúvida uma cadeira, a julgar pelo barulho. Depois, sentiu-se no corredor um ruído como que de passos, de marchas e contra-marchas complicadas. Pouco depois a porta abriu-se e apareceu Coombes, mas um Coombes transfigurado. O colarinho tão branco caíra-lhe do pescoço. O chapéu de seda, tão amorosamente escovado, quase cheio de uma provisão de cogumelos, vinha em baixo do braço; o casaco do lado avesso; o colete recebera, como ornamento, ramalhetes de flores douradas de giestas. Entretanto, todas estas pequenas excentricidades, tão extraordinárias em uma "toilette" dominigueira, ficavam completamente eclipsadas pela mudança que se notava na fisionomia de Coombes; o rosto de um branco lívido, os olhos desmesuradamente abertos e brilhantes, os lábios azulados, contraídos de uma maneira lúgubre.

— Alegria, alegria! — exclamou Coombes (ao abrir a porta ele interrompera uma cabriola). Divirtam-se razoavelmente! Lansem!

Depois de dar três saltos na sala, parou para fazer um cumprimento.

A senhora Coombes soltou um grito agudo:

— Meu amigo! Clarence ficou petrificado, com os lábios entreabertos.

— Estão tomando chá, disse Coombes. Bom negócio é o do chá!

— Está embriagado, disse Jennie em voz baixa.

Nunca ela vira em um ébrio semelhante palidez, nem olhos tão brilhantes e dilatados.

Coombes apresentou a Clarence a mão cheia de cogumelos vermelhos.

— E' famoso, isto! Prove.

Nessa hora ele estava de bom humor.

Vendo em todos os mais inequívocos sinais de grande espanto, passou, com a rapidez da loucura, a um acesso de furor sem limites. Parecia ter-se lembrado, repentinamente, da discussão que o fizera fugir de casa horas antes. Com uma voz atrojada que a senhora Coombes não conhecia ainda, exclamou com fúria:

— Esta casa é minha, sou dono aqui. Coma o que lhe estou dando!

Pronunciou estas palavras sem esforço aparente, sem gestos violentos, de pé, sem fazer esgares, simplesmente, como uma pessoa quando está falando em voz natural; e apresentava a mão cheia de cogumelos.

Clarence teve medo; não se sentiu com forças para afrontar a loucura que se percebia nos olhares esgazados de Coombes; levantou-se, deu um empurrão na cadeira e curvou-se, dando uma meia volta. Nessa ocasião Coombes atirou-se sobre ele. Jennie, aproveitando-se da confusão, deu um grito abafado e correu para o lado da porta. A senhora Coombes seguiu-a imediatamente. Clarence tentou fugir também, mas a mezinha em que estavam tomando o chá foi arremessada de encontro à sua cabeça, com grande ruído, enquanto Coombes, agarrando-o pela gola do casaco, tentava fazer com que ela comesse à força o cogumelo. Clarence, deu-se por feliz em poder escapar, embora deixando o casaco nas mãos de Coombes; precipitou-se para o corredor, trazendo ainda colados no rosto os pedaços do cogumelo.

— Agarrem-no, fechem-no! gritava a senhora Coombes, e tentava fechar a porta, porém, faltaram-lhe as forças, as pernas tremiam-lhe como caniços ao vento. Jennie, vendo aberta a porta da loja, embarafustou por ela a dentro, fechando-a atrás de si, enquanto Clarence se refugiava às pressas na cozinha. Coombes atirou-se, com toda a força do corpo, sobre a porta. A senhora Coombes, descobrindo que a chave estava do lado de dentro, fugiu pela escada acima e trancou-se em um quarto de despejo.

O novo apóstolo da "alegria de viver" desembocou no corredor, com os enfeites de que se tinha adornado, já um pouco em desordem, mas conservando sempre debaixo do braço a sua linda colheita de cogumelos. Depois de ter hesitado um instante sobre a direção que devia tomar, decidiu-se pela cozinha. Ao perceber isto, Clarence, que não conseguira fazer correr a lingueta da fechadura, abandonou a idéia, que tomara antes, de aprisionar Coombes, e fugiu para a copa; aí foi agarrado antes de ter conseguido abrir a porta que dava para o quintal.

Clarence guarda uma singular reserva sobre o que sucedeu nesta ocasião. Parece, entretanto, que a passageira irritação de Coombes se tivesse acalmado nova-

(Cont. na pág. 48)

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS
SOCIEDADE ANÔNIMA
DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES
ALFANDEGA, 50

Dr. José de Albuquerque

Membro efetivo da Sociedade de Sexologia de Paris
DOENÇAS Sexuais do Homem
R. ROSARIO, 98 — De 13 às 19 horas
Rio de Janeiro



Cuidado com a PIORRÉIA...

De cada 5 pessoas — 4 estão ameaçadas

Se as suas gengivas estão sensíveis e amolecidas... se sangram com facilidade ao escovar os dentes — acatele-se! São sinais de alarma desta enfermidade — que encolhe as gengivas e afrouxa os dentes.

Comece logo a proteger as gengivas e os dentes contra a Piorrêia com o método experimentado Forhan. Escove os dentes de manhã e à noite (fazendo, ao mesmo tempo, massagem nas gengivas) com Forhan's para as Gengivas — o único dentífrico que contém o adstringente especial do Dr. Forhan contra a Piorrêia. Exames clínicos recentes provam que, no fim de apenas um mês deste tratamento, 95 % dos casos ameaçados de Piorrêia apresentam notável melhora.

Vá ao seu dentista com frequência. Siga os conselhos dele. E para restaurar o brilho natural dos dentes... a firmeza e a saúde das gengivas... comece a usar hoje mesmo o dentífrico Forhan's para as Gengivas!

Escove os dentes com
Forhan's



O carnaval da gente...

(Cont. da pág. 20)

rentes. Mas, a bem da verdade, devemos dizer que não houve equilíbrio no páreo. Lídia Bastiani, Daisy Lucidi e Lenita Bruno são três promissoras artistas radiofônicas, muito queridas dos fãs, mas com pouquíssimo tempo de microfone, em confronto com a vida artística de Dircinha. Dircinha está hoje com vinte e quatro anos. Começou a cantar com oito anos de idade e fez a sua primeira gravação aos doze anos. Tem dezesseis anos dedicados ao teatro (quando ainda garota), aos discos e ao rádio. Gravou até hoje mil duzentos e cinquenta e três discos. Nunca passou um mês, depois dos doze anos, sem gravar pelo menos um disco. Essa "performance" é quase que única em nosso rádio. Emilinha Borba, a popular "estrela" da Nacional, falou em se candidatar, mas desistiu dias mais tarde. Ao nosso ver, seria uma concorrente perigosa. Dissemos isso a Dircinha e prontamente ela nos respondeu:

— Não acredito que fôsse páreo para mim. Não digo isso por orgulho, mas eu só temeria como rival a minha irmã Linda.

A "DUPLA" ERA UMA INCOGNITA

Que Dircinha Batista ganhasse, ninguém tinha dúvidas. O difícil era saber quem seria a segunda colocada, ou seja a Primeira Princesa. O resultado da apuração foi o seguinte: Dircinha, ... 25.914 votos; Lídia Bastiani, 12.715; Daisy Lucidi, 12.686 e Lenita Bruno, 10.073 votos.

Uma nota agradável no final da apuração, que se processou na sede da Associação Brasileira de Rádio, foi o espírito esportivo das princesas quando souberam do resultado. Nada de amúros, lágrimas, queixas, etc. Não houve cabelos arrancados. A rainha foi ali mesmo abraçada e beijada por todos, inclusive pelos barbados. O fotógrafo, por mais que esperasse com a máquina pronta para o disparo, não conseguiu apanhar um olhar de tristeza das derrotadas.

A RAINHA E SEUS PROJETOS

Não sei se vocês sabiam — os seus fãs naturalmente estão a par — que Dircinha Batista não é apenas uma das nossas melhores sambistas. Já estreou como rádio-atriz, ao lado de Paulo Gracindo, na novela de Hélio Soveral "Meu amor", isso no mês de dezembro próximo passado, na Rádio Tupi, de onde é exclusiva. Mas o que ninguém sabia é que Dircinha só foi descoberta como rádio-atriz aos vinte e quatro anos de idade graças a Walt Disney. O caso foi mais ou menos assim. Quando Walt Disney terminava a versão em português do filme "Música, maestro!" mandou para o Rio o técnico Jack Cutting. Esse contratou imediatamente Dircinha para fazer algumas gravações, entre as quais o fox "Two silhouettes". Terminadas as gravações, ele disse a Dircinha: — "Baby, você tem uma ótima dicção. Vou aproveitá-la para narradora de um dos nossos desenhos." E Dircinha estreou como locutora, contando a vida do ursinho Bongo em um dos desenhos animados de Disney. Depois disso, a

Tupi abriu os olhos e Paulo Gracindo encaixou-a na primeira novela.

— Não posso fazer mais do que uma ou duas novelas por ano. — diz-nos a rainha. — Se fizer mais, estarei prejudicando minha carreira de cantora de música popular.

Dircinha pretende ir ainda este ano aos Estados Unidos a passeio. E talvez vá a Hollywood...

CADE A COROA?

Os organizadores pensaram a princípio em coroar Dircinha com a mesma coroa que servira a Linda tantas vezes. Ficaria como uma espécie de tradição de família. Acontece que a ex-rainha Linda perdera a coroa. Todo o mundo em casa procurou-a, mas não houve jeito de encontrá-la. O símbolo real estava desaparecido. Dêse modo, tiveram que fabricar outra coroa, especialmente para a nova rainha. Essa talvez sirva durante os próximos anos para a coroação das duas irmãs. Segundo Dircinha nos confessou, cada ano uma delas se candidatará ao título, ficando a outra como cabo eleitoral. De acordo com os cálculos da nova rainha, em 1949 Linda será coroada; em 1950 será novamente Dircinha e assim por diante. Que acharão desse programa político as próximas candidatas?

A COROAÇÃO

As onze horas da noite da terça-feira, 3 do corrente, os salões do Teatro Carlos Gomes já estavam repletos. Gente de rádio por todos os lados. A frente do teatro uma multidão de fãs ovacionava os artistas que chegavam. César Ladeira entrou de braço com Maria do Céu, Alvarenga, Orlando Silva, Nelson Gonçalves, Saint-Clair Lopes, Celso Guimarães. Parece que não faltou ninguém à festa. As 23,30 chegou o prefeito Angelo Mendes de Moraes e senhora, o comandante Amaral Peixoto e senhora e vereador Levy Neves.

Poucos instantes depois batedores reais abriram passagem para o Rei Momo, Primeiro e Único. Minutos após, quase à meia noite, chegava acompanhada das princesas e grande séquito, a rainha do Rádio, Dircinha Batista. Acompanham-na Linda Batista, ex-rainha, e dona Nenem, a rainha-mãe. Foi um alvoroço, todos queriam abraçá-la, felicitá-la! Dircinha chegou com uma linda "toilette" de renda branca, em estilo sevilhano. À meia-noite foi coroada. Houve discursos que ninguém ouviu, tal era a balbúrdia no recinto. Linda coroou-a e o gordalhão do rei Momo colocou a faixa real que leva o dístico "Rainha do Rádio de 1948". Em seguida, a rainha do Rádio e o rei da Folia se dirigiram, democraticamente, ao camarote do prefeito. Naturalmente foram oferecer seus préstimos para ajudar a governar a cidade até quarta-feira de cinzas. O baile continuava, mais animado do que nunca. E Dircinha Batista soube desempenhar o seu papel. Entrou no cordão, sambou a valer e dirigiu a orgia até o fim. Foi uma das últimas pessoas que deixaram o salão, quando as luzes já estavam apagadas e os foliões se retiravam cansados. Dircinha mereceu por todos os motivos a coroa de rainha. Não desmereceu o "sangue azul" dos reinados carnavalescos.

RICARDO brilhava EM 1927...



...e continua
brilhando em 1948!

QUAL O SEU SEGREDO?

LOÇÃO BRILHANTE! Ricardo sabe, por experiência própria, que a Loção Brilhante conserva a beleza e a juventude dos cabelos, limpa o couro cabeludo, diminui a seborréia e evita a caspa. Si V. tem cabelos brancos, a Loção Brilhante — que não é tintura — devolve aos seus cabelos a sua cor primitiva. Brilhe agora e continue sempre brilhando no futuro, sem temer os anos! Use, como Ricardo, a Loção Brilhante contra os cabelos brancos e a caspa, para a eterna mocidade de seus cabelos!



POR QUE CAEM OS CABELOS?

Os cabelos, como as plantas, necessitam de muito cuidado e alimentação. A planta morre por falta de ar. O mesmo acontece com os cabelos. A seborréia e o excesso de células mortas (caspa), causam a obstrução dos poros, asfixiam as raízes do cabelo e o debilitam. Por isso caem os cabelos. Não deixe que isto lhe aconteça! Use a Loção Brilhante, cuja ação higienizadora elimina a obstrução dos poros, penetra nos bulbos capilares e dá nova vida ao cabelo.



ALMANAQUE EU SEI TUDO

para 1948

À venda em todo o Brasil



A MULHER SABE ESCOLHER

Na escolha da fazenda para o seu vestido, na escolha do seu sapato, da sua meia, do seu chapéu, dos produtos destinados à sua maquilagem, enfim, na escolha de todos esses mil e um objetos que formam o cabedal de uma mulher elegante e moderna, ela põe toda a sua atenção, todo o seu cuidado e medita às vezes por vários dias. Pois muito maior cuidado, muito maior desvelo, muito mais atenção deve merecer a escolha do remédio para os seus males íntimos, porque aqui se trata de sua saúde, sem a qual a sua boa aparência e a sua beleza não subsistirão, por mais belos que sejam os seus vestidos, por mais vistos que sejam os seus cremes, batons, rouges, etc. Os males femininos são de duas naturezas diferentes: os que se manifestam pela abundância de regras e hemorragias e os que se manifestam pela falta ou diminuição de regras. Por isso exigem dois remédios diferentes. Esta a razão pela qual o Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes: o N.º 1 e o N.º 2. O Regulador Xavier N.º 1 só se aplica nos casos de regras abundantes e hemorragias. E o Regulador Xavier N.º 2 só se aplica nos casos de falta ou diminuição de regras. Ao adquirir, pois, o remédio para os seus males, exija o Regulador Xavier — o N.º 1 ou N.º 2, conforme o seu caso — e esteja certa de que fez uma escolha sábia e feliz. O Regulador Xavier combaterá com eficácia os seus males e os afastará de maneira definitiva, garantindo-lhe assim a perpetuação de sua saúde o que equivale a dizer a conservação de sua alegria, do seu bem estar, de sua mocidade, de sua beleza. Não se esqueça pois: escolha para os seus vestidos, os seus sapatos, enfim, todos os objetos destinados à sua beleza mas escolha melhor o remédio capaz de garanti-la e de perpetuá-la, exigindo o REGULADOR XAVIER.

A megera domada

(Cont. da pág. 46)

mente, e ele tornou a ser um bom rapaz de julho. Como havia ali diversas facas e uma machadinha, Clarence resolveu prestar-se a todos os caprichos de Coombes, evitando assim qualquer acontecimento trágico. E' fora de duvida que Coombes fez de Clarence tudo o que entendeu; ao sair dali, estavam mais familiarizados e contentes um com o outro do que se fossem conhecidos muitos anos. Coombes insistiu gentilmente para que Clarence apalpassse os cogumelos, e, após esta amigável insistência, mostrou-se arrependido por ter sujado de tão deplorável maneira, o rosto de Clarence. Parece também que Clarence foi arrastado para de baixo da pia da cozinha e que Coombes esfregou-lhe asperamente o rosto com o esfregão — e ele sempre resolvido a sujeitar-se a todos os caprichos deste doido — e que, finalmente, desganhado, lívido, rasgado, foi atirado para fora pela porta do quintal, sendo que o caminho da loja estava impedido por Jennie.

Foi para esta última que se voltou o pensamento incerto de Coombes. Ela não tinha podido abrir a porta da frente, mas passou a tranca para se defender da chave de trinco que Coombes possuía, e ficou senhora da loja durante todo o resto da tarde.

Há razão para crer que Coombes voltou em seguida à cozinha, sempre à procura de aventuras facciosas, e, conquanto bom cristão, bebeu nada menos (a julgar pelo estado em que se achava a sua primeira e única sobrecasaca) de cinco garrafas de uma cerveja fortíssima que a senhora Coombes mandara vir para tratamento de sua saúde. Ele fez um ruído alacre quabrando o gargalo das garrafas bem como diversos pratos dados em tempos idos como presente de noivado à senhora Coombes.

Durante a primeira fase da embriaguez, ele cantou diversas canções alegres; cortou um dedo de maneira assaz grave, sendo esta a única efusão de sangue que se deu naquele dia cheio de aventuras.

Fosse por causa dessa efusão de sangue, ou pela revolução causada no seu organismo, pouco habituado ao álcool, pela cerveja da senhora Coombes, o certo é que o veneno dos cogumelos ficou sem efeito! Nós, porém, preferimos lançar um véu sobre os incidentes que se seguiram durante a segunda parte daquela tarde de Domingo. O último ato passou-se no quarto do carvão, em meio de um sono profundo e reparador.

Cinco anos mais tarde, também em Outubro, por uma bela tarde de Domingo, Coombes passeiava novamente na floresta de pinheiros, do outro lado do canal. Era o mesmo homem do princípio desta história, de olhar sombrio, bigode negro, porém, a papeira estava agora mais ampla. Sobre o novo com gola de veludo, colarinho elegante de pontas dobradas, não muito teso, em vez do colarinho postiço, muito duro, de outros tempos. O chapéu estava bem lustroso, as luvas frescas e novas, se bem que um dos dedos que se rasgara tivesse sido cosido um pouco grosseiramente. Um observador perspicaz teria reparado uma certa importância na atitude de Coombes, um certo modo de ter a cabeça que diziam claramente ser ele um homem contente consigo mesmo; Coombes era agora patrão e tinha três empregados. Caminhava a seu lado uma espécie de sócio, alto, tostado, seu irmão Tom, chegado recentemente da Austrália.

Eles relembavam as dificuldades de outrora, e Coombes acabava de expor a sua atual situação financeira.

— E' um bom negociozinho, disse Tom. Nestes tempos em que há tanta concorrência, és bem feliz por tê-lo feito prosperar assim; e mais feliz ainda em ter uma esposa que se presta a ajudar-te como faz a tua.

— Aqui entre nós, disse Coombes, não foi sempre assim. No começo ela era bem estouvada. As moças, quando ainda muito novas, são criaturas bem tolas.

— Ah! meu Deus!

— Há de custar a crer-me, a minha era completamente extravagante; discutia e brigava comigo por dá cá aquela palha. Eu era um tanto comodista e muito amoroso; ela achava que o luxo fora feito para seu uso particular. A casa estava que parecia uma estalagem; metiam-se constantemente lá as amigas desocupadas de minha mulher e os bons amigos das amigas. Aos Domingos eram só cantorias e o negócio ia pela água abaixo. Além disso ela gostava de engrajar-se com os rapazes! Digo-te, Tom, que me achava constrangido na minha própria casa.

— Não o creria si não me fosse dito por ti!

— Entretanto, era mesmo isto que se dava. Eu bem queria chamá-la à razão. "Não sou um tolo, dizia-lhe, e não me cases para ter, em vez de mulher, um objeto de luxo. Case-me contigo para que sejas minha auxiliar e companheira. O teu dever é ajudar-me nos negócios." Ela não fazia o mínimo caso do que eu lhe dizia. "Vejamos, continuava eu, sou muito bom, enquanto a mostarda não me chega ao nariz. Em breve estarei cansado de aturar tudo isto." Ela porém, não admitia nenhuma observação e não aceitava os meus avisos.

— E então?

— Como sempre acontece com as mulheres, julgava ela que eu seria incapaz de encolerizar-me de veras. As mulheres da espécie da minha (entre nós, Tom) não respeitam um homem senão quando ele lhes mete medo. Um belo dia, puz-me enfurecido, para que ela visse quanto eu podia. Chegou à minha casa uma rapariga chamada Jennie, que trabalhava outrora com minha mulher, no atelier; vinha acompanhada pelo noivo. Tivemos uma pequena discussão, eu sai e vim para este lado — era um dia precisamente como o de hoje, — e puz-me a pensar em tudo isto. Depois, voltei para casa e caí sobre todos eles.

— Deverás?

— Olhe! Eu estava exasperado em excesso, convenho.

Não queria bater nela, si possível fosse, portanto peguei-me ao rapaz e dei-lhe uma boa sóva, para mostrar à minha mulher de quanto era capaz. Ele era um moço alto e forte; espanquei-o e espedacei tudo o que se achava ao redor de mim. Minha mulher ficou horrorizada, subiu e fechou-se no celeiro.

— E depois?

— Foi só. No dia seguinte de manhã, eu disse-lhe: "viste agora como eu procedo quando me escaldam o sangue? E nada mais achei para lhe dizer."

— E foste sempre feliz desde esse dia até hoje?

— Mais ou menos. Não há nada melhor para amansar as mulheres do que fazer barulho. Si não se tivesse dado isto naquele dia, eu estaria hoje a ver navios, ela se teria queixado de mim, e toda a família diria que eu a tinha conduzido à mendicância; conheço bem estas coisas. Mas agora estamos melhor; os meus negócios vão muito bem, como viste.

E os dois irmãos continuaram a passear em silêncio.

— As mulheres são criaturas bem esquisitas, disse Tom sentenciosamente.

— E' preciso segurá-las pelo cabresto.

— Que enorme quantidade de cogumelos há aqui! observou Tom pouco depois. Não sei para que podem servir.

Coombes olhou, depois disse:

— Julgo, com muita razão, que eles foram criados para algum fim útil.

E foi este o único agradecimento que já mais receberam aqueles cogumelos de chapéu vermelho, por terem tornado louco o alfenim ridículo que se chamava Coombes, e por terem-no levado a praticar um ato decisivo que modificou completamente todo o curso da sua existência.

Depois de muito pensar, decidiu tocar a "Melodante", sua sinfonia, em três movimentos. Quase quatro mil pessoas caíram na risada quando ele se sentou ao piano, fazendo pôse de grande executante. E no fim foi uma ovacão como poucas vezes se ouviu nessas condições. A sra. Roosevelt fez questão de cumprimentá-lo pessoalmente, e o dr. Hans Kindler, famoso maestro, disse que era uma pena que Mickey fosse ator. O próprio Mickey diz que foi ajudado na sinfonia por Eugene Zador, ex-dirigente do Conservatório de Viena, mas assim mesmo não deixa de ser uma notável realização.

Mickey nasceu em Brooklyn, a 23 de setembro de 1920, com o nome de Joe Yule, Jr. Começou muito cedo a trabalhar com os pais, e quando, finalmente, em 1922, veio a separação definitiva do casal, já era considerado um ator. Foi para Hollywood em 1925, com a mãe, em busca de trabalho, mas só no ano seguinte conseguiu o papel de Mickey McGuire, que pôde manter durante seis anos graças à falta de crescimento. Perdendo o papel, passou alguns meses de dificuldades. Fez pontas em cerca de quarenta filmes, até que em 1934 foi contratado pela Metro, que só se interessou realmente por ele depois que o emprestou à Warner, para "Sonho de uma noite de verão", e viu o resultado... Mas foi nessa época que um novo problema o assobrou. A estatura, até ali um esteio, ameaçava agora entrar-lhe a carreira. E dizem que, nesta época ele era um dos camaradas mais importunos de toda Hollywood, sempre incomodando alguém, pedindo mil e uma coisinhas... E a série Hardy, que começou sem pretensões, veio a constituir uma tremenda fonte de renda para a Metro, até aqui com 13 películas exibidas. E o próprio Mickey várias vezes tentou livrar-se da mediocridade do papel, mas acabou preso pelo sucesso fácil. E em junho de 1944, quando foi convocado pelo exército, travava uma verdadeira batalha com a Metro, não só por essa razão como por causa de dinheiro. Em serviço, Mickey ficou entre os não-combatentes, com a função de divertir os soldados. Talvez por isso não goste de falar em sua experiência bélica. Todavia, inúmeras vezes deu espetáculos debaixo do fogo inimigo. Assim que foi dispensado, fez "A paixão de Andy Hardy", a última película da série, e depois estreou "Summer Holiday", versão musical de uma peça de Eugene O'Neill, que está guardada para exibição posterior à de "Killer McCoy", que parece ser o tiro de misericórdia na antiga carreira de Mickey, que envereda agora noutra direção.

Há pouco, durante uma dupla comemoração, vigésimo-sétimo aniversário de nascimento e vigésimo-quinto de vida artística, Mickey foi repreendido pela mãe, por não lançar seus dois filhos no cinema com o auxílio da sua influência. Mickey Jr., o mais velho, está com dois anos, e Timothy quase com um. E o papai Rooney respondeu assim:

— Nada disso. Não quero repetir com meus filhos o erro que fizeram comigo. Meus filhos terão uma infância normal. Só enfrentarão o "batente" no mínimo com quatro ou cinco anos...

AOS SRS. DISTRIBUIDORES E ASSINANTES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.

O incrível Mickey Rooney!

(Continuação da pág. 42)

Mickey estava no programa, para fazer imitações, juntamente com Nelson Eddy, Rise Stevens, Charlie Chaplin, Ethel Barrymore e Irving Berlin. No entanto, queria fazer alguma coisa mais séria do que simples imitações.

"UM PORTO REMANSOSO"

Um folhetim sintético ilustrado
da "REVISTA DA SEMANA"

Novela de OLIVE HIGGINS PROUTY

Ilustrações de GEORGE TETZEL



— Acho que estou ficando bom.



De manhã cedinho tocava o sino...



Todos saudavam-no como amigo...

Quando "Joe", finalmente, venceu a batalha contra a pneumonia e emergiu da cabana escura, com pernas, sangue e pulmões enfraquecidos, não estava em condições de seguir caminho. Sentado no chão, recostado num tronco podre... Ah, o calor do sol! A pureza do ar! O cheiro bom de terra! Tinha a impressão de nunca ter visto tanta beleza. Seth chegou e ele disse: — Creio que estou ficando bom. — Seth balançou a cabeça: — Parece. — E Joe: — Quero trabalhar de graça até que tenha pago tudo o que lhe devo, sr. Watts, e ao médico também. — Seth respondeu que ia pensar, mas logo resolveu: — Está bem, filho.

E nos dois anos seguintes, Murray Vale foi "Joe"... e

foi feliz. Tornou-se guia competente e auxiliar valioso. Sem saber que o segredo do seu desaparecimento era parcialmente conhecido por sua família, ficou satisfeito por estar escondido, deixando a vida seguir o seu curso natural... Naquela manhã de setembro de 1941, tocou o sino como sempre, um sino de bronze com um belo som. Depois, carregou água quente para as cabanas e levou café para o casal Mullins, a quem devia guiar naquele dia mesmo até Little Hawk. — Traga até aqui, por favor, — pediu a sra. Mullins, sentada na cama, embrulhada numa velha suéter e com os cabelos despendeados. Não se importava que ele a visse assim... o que deixava Joe completamente à vontade. Havia algu-

ma lenha para rachar antes do passeio com os Mullins. Joe trabalhava ao lado do depósito de lenha e todos os hóspedes do acampamento que passavam dirigiam-lhe saudações amigas: — Alo, Joe! Como vai, Joe? Que frio, hein, Joe? — O tom de intimidade era inconfundível. Nunca anteriormente... em casa, na escola ou em Tamarack... tivera tantos amigos sinceros e calorosos. Parecia até que morrera naquela doença, renascendo com outra personalidade, muito mais agradável.

Ali, poderia ser feliz para sempre, acreditava... junto à natureza, imbuído por orgulhos e ambições. Procurava deliberadamente imitar Seth Watts, adquirir um ar genuíno de roceiro...



— Uma pequena, hein? — perguntou Silas



De noite trabalhava na coleção.



— Que tal amanhã bem cedo? — e Joe concordou.

Os membros do Acampamento da Rabeca sempre davam nomes às suas cabanas. Um dia Joe fez algumas letras de casa de árvore e pregou-as sobre a sua porta. Formavam o nome "Sophora"... em lembrança da árvore querida da sua meninice, em cujo tronco encontrara paz e refúgio. Silas, o outro guia, chegou-se e apreciou o trabalho de Joe. — Uma pequena, hein? — E Joe respondeu: — Uma pequena, é verdade. Uma pequena em cujos cabelos os pássaros faziam ninhos. — Silas ficou espantado: — É mesmo? — E Joe: — Uma pequena que vive em intimidade com o sol e a chuva... — E subitamente Silas compreendeu que a tal pequena

estava morta. Recordando sol e chuva em algum cemitério. — Sinto muito, Joe, — disse ele, afastando-se.

De noite, na cabana, Joe trabalhava na sua coleção de insetos. Era a sua paixão desde menino, sendo que já estava quase que uma autoridade no assunto. Nunca fora tão feliz... E claro que muitas vezes pensava em Nora Brock. Já há muito decidira que aquela lembrança de um beijo na testa era ilusória, produto da febre e do delírio. Guardava o relóginho e a lanterna como tesouros. E foi com um frêmito de satisfação que ouviu dizer que Nora e o pai viriam à Lagoa da Rabeca. E estava a vários quilômetros do acampamento guiando

um grupo quando um carro subiu o morro com Nora no volante. Houve uma troca alegre de saudações enquanto Joe ficava de lado. Quando Nora saltou do carro ele ficou atônito... ela usava a mesma roupa do dia em que o beijara... então, não era ilusão... Era verdade! Ela o olhou. — Ora... é Joe! Venha cá! — Joe deu dois passos e Nora estendeu a mão, que ele apertou com emoção. — Venha ver papai, — disse ela. — Desta vez você não pode deixar de nos guiar. Antes de mais nada, que tal amanhã de manhã? — Joe concordou. E de repente sentiu que vivera até ali à espera daquele instante. Nora falou: — Você está tão bem disposto... Bem diferente da última vez que o vi.



Durante todo o dia pensou em Nora...



— Sua casa está uma beleza, Joe!



Parece mostruário de joalheria...

Joe passou aquele dia pensando em Nora. Cumprira todas as suas obrigações com o pensamento nela... Subitamente teve um choque. Céus! Será que estava apaixonado? Claro que não! Ridículo! Uma pequena que vive há dois anos, e assim mesmo só em três breves ocasiões. Mas havia qualquer coisa com ela... precisava ter cuidado. Não estava em condições de se envolver com uma pequena... uma das primeiras coisas que servem aos detectives Cherchez la femme. Precisava ser cauteloso... Mais tarde, no acampamento, seu coração pulou à aproximação de Nora... — Alo, Joe. Papai quer que você conserte o canhão dele. — Nora olhou para a

cabana. — Que beleza você fez disso aqui! — Joe, então, convidou-a a entrar. O rosto de Nora se iluminou. — Ora, que encanto! Onde estão o velho fogão e a pia? — Joe explicou que estavam nos fundos. Depois: — Srta. Nora, preciso agradecer-lhe o que fez por mim. Nunca esquecerei. — Tudo o que fiz foi chamar o médico. — Se não fizesse isso eu não teria escapado. Não sei por que se deu tanto incômodo por minha causa... um desconhecido... mas eu... — Oh, apenas por humanidade! Teria feito a mesma coisa para um gato ou para um cachorro doente. Esqueça isso. Onde foi que arranjou esta janela tão boa?

— Nada mais que quatro janelas unidas numa só. — Mas ficou tão bonito, Joe! Bonito e comodo. E a cabana está excelente! — Nora olhava de um lado para outro, acima e abaixo, parava num ponto e fazia comentários. — Esses tapetes estão perfeitos, Joe. — E Joe a olhava fascinado. Como era diferente de outras moças que conhecera... moças tão artificiais que o deixavam aborrecido. Essa, sem pose e futilidades, o atraía. Nora foi para um canto. — Ora vejam só! — e segurou um dos cartões de insetos. — Parece um mostruário de joalheiro! Tão maravilhosos. Você é uma espécie de gênio, estou vendo...

"UM PORTO REMANSOSO"

Este folhetim continua
na próxima semana,
nestas mesmas páginas.

Direitos adquiridos ao King Features Syndicate

Tradução de JORGE A. FORTES



— De onde é que saiu tudo isso?

Joe procurou deter o entusiasmo de Nora. — Não sou gênio de espécie nenhuma. Nem mesmo próximo da genialidade. Mas preciso fazer alguma coisa, aqui. As noites são longas e enfiadonhas, no inverno. E' quando ponho em ordem a coleção. — Nora saiu andando e foi olhar os livros. Eram quase todos de pequeno formato e encadernados iguais. — De onde é que saiu tudo isso? — De uma livraria de Bangor. — Deixe-me ver o seu gosto literário. Não são de meu gosto. Tenho de comprar o que há. — Opa, escute! E Nora começou a ler os nomes dos autores: — Henry James, Henry Adams, Marcel Proust, Virginia Woolf, Wilde, Tolstoy... Hum, quase todos não passam de nomes para mim. — E Joe respondeu:

— Para mim também, há dois anos. (Que pensaria ela se soubesse que ele era formado numa universidade?)



— Aqui tem o relógio que me emprestou.

Ando procurando aprender um pouco, agora. Mas alguns deles são bem enjoadinhos. — Nora pediu emprestado um dos livros e acabou reparando no seu recente sotaque roceiro. — Não há necessidade de falar desta maneira comigo, Joe. Já conversamos uma vez, antes de você querer bancar o roceiro. Eu até disse a papai que você tinha um acentozinho de Harvard, ou inglês, ou coisa que o valha... — E Joe desculpou-se: — Na certa coisa que eu estava bancando o figurão. — Precisava tomar cuidado dali por diante, para que sua identidade não fosse revelada. Mas Nora logo acrescentou: — Não tente se revelar. Mas Nora logo acrescentou: — Não tente explicar. Não tenho nada com isso. — Virou-se para explicar. — Espere um minutinho, — pediu Joe. Apanhou o relógio, num prego à cabeceira da cama, e o estendeu para ela. — Aqui está o relógio que me emprestou. Vou lhe dar a lanterna, também.



— Adoro este lugar, — murmurou Nora.

— Oh, não tem pressa. Deixemos isso para amanhã. — Nora percebera aonde ele guardava o relógio... é queria que Joe ficasse com ele. Já escurecera de todo, e Joe resolveu acompanhá-la até em casa. — Não tenho medo de escuro, — disse Nora, saindo para a varanda. — Além disso, não está completamente escuro. E' da lua? — Nora saiu para o terreno aberto, olhando atentamente para o céu, em busca da origem daquela claridade verde-azulada... — Joe, venha cá, — chamou. — Olhe! Olhe! — exclamou excitada. — As luzes do norte! — Durante algum tempo ficaram lado a lado olhando para o norte, admirando em silêncio as luzes que piscavam ao longe. De repente, o pio longo, agudo de um mergulhão quebrou o silêncio. — Adora este lugar, — murmurou Nora...



Não queria perder aquela voz...

Em geral, Joe estava na cama pelas nove e meia, com o pequenino ponteiro do despertador fixado para as cinco. O prego em que pendurava o relóginho ficava bem próximo à sua cabeça, pois o som era muito fraco... Já havia um certo sentimentalismo da sua parte para com aquele relógio. O nome dela, "Leonora", gravado no dorso. Deu corda até o fim cuidadosamente. Não queria perder aquela voz que o despertaria pela última vez, na manhã seguinte... Quando abriu a porta da cabana dos Brock, de manhã cedinho, com o café, tanto Nora como o pai estavam ainda dormindo. A cortina que separava a cama de Nora do resto da cabana estava um pouco aberta, e Joe viu um pedaço de um braço alvo... Deixou



Houve um estalo de lenha seca...

o café em cima da mesa e acendeu o fogo. Pouco depois começaram os estalos da lenha seca, num som alegre que despertou Nora. — Oh, Joe, — disse ela com a voz rouca ainda de sono. — Quer trazer o meu café aqui, por favor? — Havia uma cadeira ao lado da cama, com um lampeão de querosene e um despertador niquelado. Joe fez lugar e colocou a xícara de café, bem perto dela. Nora estava de braços erguidos, esfregando os olhos com os dedos; a cabeleira curta, em desordem. Como em geral as mulheres mais velhas, não se preocupava com a aparência diante dele. Mas, ao contrário das outras, lembrou-se Joe, era nova e linda. O corado



Nora estava ainda com sono, de cabelos revoltos...

das bochechas, a rouquidão sonolenta da voz, eram perturbadoramente atrativos... Não ia ser fácil manter-se surdo, cego e impermeável guiando aquele grupo. O fato de ser um empregado pago o imunizava completamente, pensou. Mas, representando um papel, como estava, sob o disfarce estaria livre para olhá-la como qualquer outro homem do seu mundo... qualquer que fosse esse mundo. Pelo menos não era o mundo dele, o velho mundo, isso não era. Difícil localizá-la! Joe tinha quase certeza que a família Brock não seria encontrada no registro social. Levavam uma espécie de vida selvagem que ele nunca encontrara, não podendo portanto classificá-la...



Joe gostava de vê-la cruzar um riacho...

Joe achou um prazer observar Nora na floresta... correndo à sua frente nas subidas; atravessando os riachos, firme e confiante na própria agilidade; entrando e saindo da canoa sem a menor hesitação ou erro. Era forte, também no remo, puxando com vigor na proa da embarcação. Comia ferozmente; bebia avidamente, preferindo sempre atirar-se à borda do riacho, mergulhando o rosto como uma corça sedenta. Pescava muito bem, no melhor estilo. Se o peixe escapava ela explodia em praveiros aos detectives. Cherchez la femme. Precisava ser cauteloso. Era simples e natural em tudo o que fazia; em tudo o que dizia ia direito ao ponto, sem qualquer hesitação... Certos membros da família Vale, ele sabia, ficavam



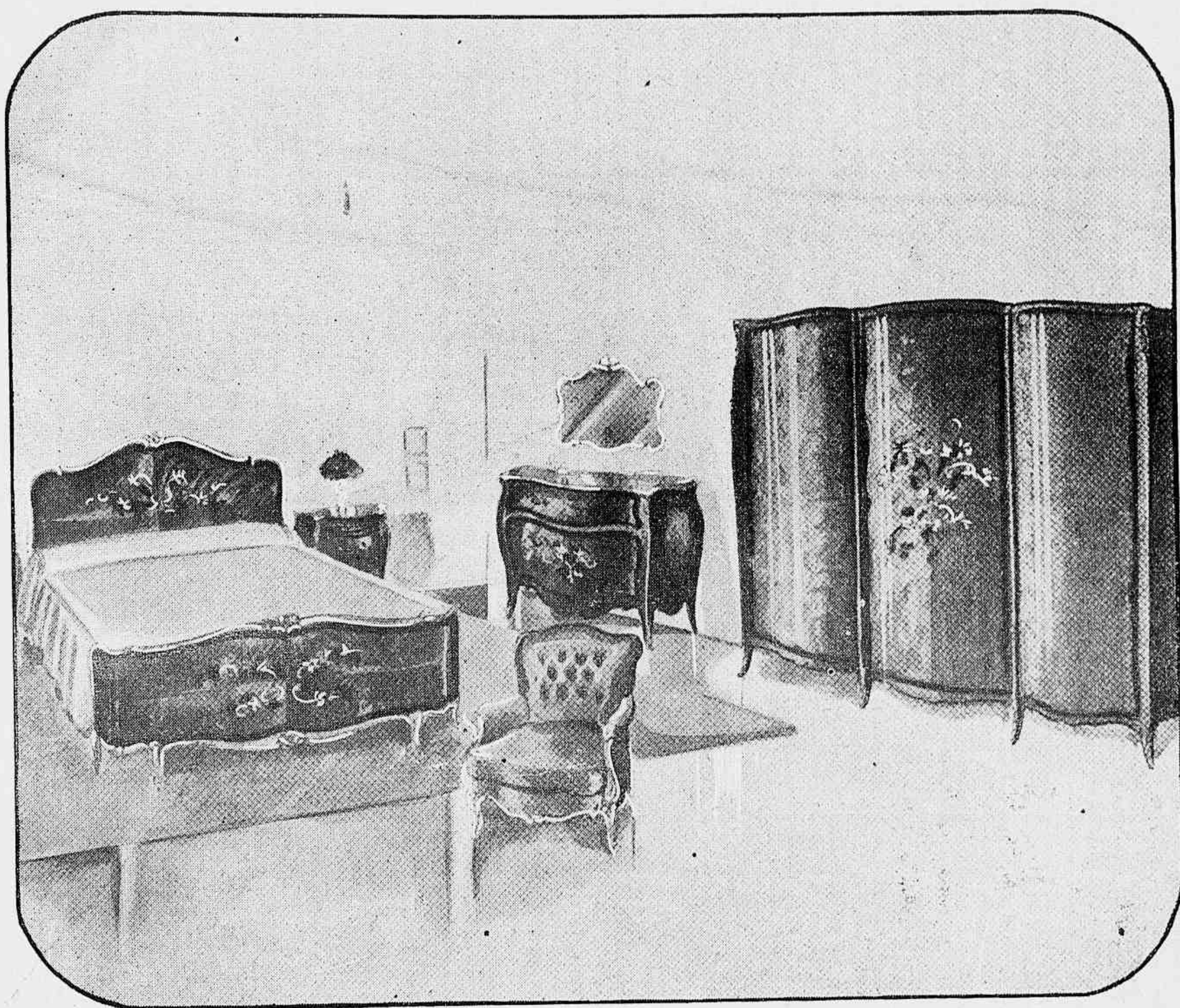
Era forte, também, no remo...

chocados com Nora, pois que ela não faria o menor esforço para se adaptar... isso era certo. Sua mãe, porém, saberia dar-lhe o valor, se algum dia viesse a conhecê-la. Os dias seguiam-se quase iguais. Nas horas de descanso, Sam falava bastante e Joe ouvia bastante. Sam tinha opiniões firmes sobre a guerra européia e sobre a neutralidade americana, mas como guia Joe achava melhor não emitir opiniões contrárias às dos frequentes... Mas sentia, debaixo do seu aparente desinteresse pelo conflito, alguma coisa queimando... Um dia, quando Nora quis pescar enquanto Sam dormia, Joe tentou novamente devolver-lhe o relógio. — Prefiro o



Seu estilo de pesca era impecável.

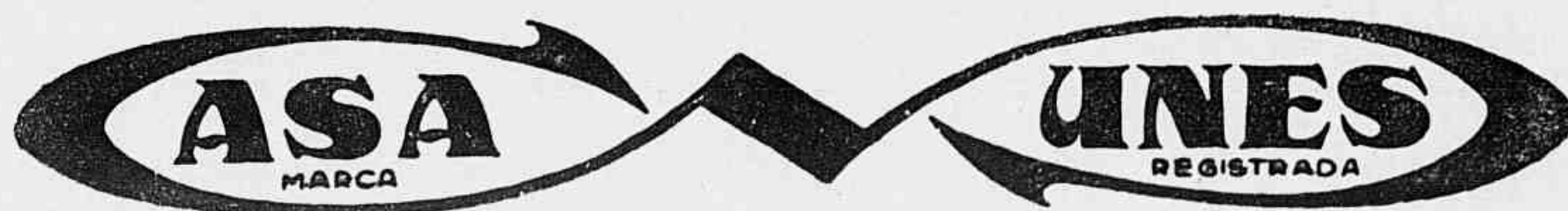
grandão que tenho agora... Pode ficar com esse, caso queira... — Mas eu... — Muito bem. Então passe-o para cá, já que não quer... — Mas eu quero, sim, — Joe quase gritou, repondo o relógio no bolso. — Muito obrigado, srta. Nora. Muito obrigado. — Esqueça isso. — Gosto do nome, "Leonora"... — Bem, eu não gosto. Não combina com o meu tipo. Que diria você se se chamasse Lancelot? Vamos, eu o ajudo a lançar a canoa...



MOBILIÁRIOS — DECORAÇÕES

Grande sortimento de passadeiras e tapetes **ORIENTAIS** (legítimos), ingleses, franceses portugueses (Arraiolos) e nacionais, em todos os tamanhos

NOVIDADES E MÓVEIS AVULSOS PARA PRESENTES



Fundada em 1912

65 - DUA DA CARIOCA - 67 - RIO

Alu



CIA DE CIGARROS *Souza Cruz*

